



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA LIMA

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
EM CAXIAS (MA): Os Festejos Religiosos como Expressão da Identidade e
Memória Coletiva**

Universidade Estadual do Piauí-UESPI

Outubro/2024



ANA MARIA DA SILVA LIMA

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
EM CAXIAS (MA): Os Festejos Religiosos como Expressão da Identidade e
Memória Coletiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. (Área de concentração: Ensino de História).

Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha.

PARNAÍBA-PI

2024

L732e Lima, Ana Maria da Silva.

O ensino de história e a valorização do patrimônio imaterial em Caxias (MA): os festejos religiosos como expressão da identidade e memória coletiva / Ana Maria da Silva Lima. - 2024. 159f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI - UESPI, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira - Parnaíba, Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, 2024. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Cristina da Cunha.

1. Ensino de História. 2. Caxias - MA. 3. Religiosidade. 4. Memória Coletiva. 5. Patrimônio. I. Cunha, Renata Cristina da . II. Título.

CDD 907

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3^a/1512




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA - PARNAÍBA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA




ATA DE DEFESA NÚMERO 32
DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA)
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI)

Aos vinte e cinco dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 9:00 horas, na sala D-106 da Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba, na presença da banca examinadora, presidida pela professora Renata Cristina da Cunha (Orientadora) e composta pelos seguintes professores examinadores: professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento (Universidade Federal do Piauí, campus Teresina – Examinador Externo) e professora Fabrícia Pereira Teles (examinadora interna), a mestrand **Ana Maria da Silva Lima** apresentou a defesa de sua dissertação no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), uma das exigências indispensáveis à obtenção do respectivo Diploma de Mestrado, conforme preconizado no Art. 55º da Resolução CEPEX nº 005/2021, tendo como título: **O ensino de história e a valorização do patrimônio imaterial em Caxias (MA): os festejos religiosos como expressão da identidade e memória coletiva**. Após a apresentação dos argumentos da mestrand diante das observações e dos questionamentos apontados pelos professores, a banca examinadora se reuniu em sessão reservada para deliberação, atribuindo à mestrand a menção de APROVADA. Eu, professora Renata Cristina da Cunha, na qualidade de presidente da banca, lavrei a presente ata, assinada por mim, pelos demais membros examinadores e pela mestrand.

Observações: acatar todas as recomendações sugeridas e recomendadas pela banca examinadora.

Documento assinado digitalmente
 **RENATA CRISTINA DA CUNHA**
Data: 28/10/2024 20:16:37-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha
Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba
Presidente da Banca Examinadora
CPF: 159.605.788-24

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO DE ASSIS DE SOUSA NASCIMENTO**
Data: 29/10/2024 10:36:29-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Universidade Federal do Piauí, campus Teresina
Examinador Externo
CPF: 710.431.603-53



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



**Universidade Estadual
do Piauí**

Documento assinado digitalmente



FABRICIA PEREIRA TELES

Data: 29/10/2024 21:54:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabrícia Pereira Teles
Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba
Examinadora Interna
CPF: 870.907.753-72

Documento assinado digitalmente



ANA MARIA DA SILVA LIMA

Data: 30/10/2024 08:21:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ana Maria da Silva Lima
Mestranda do ProfHistória
CPF: 640.239.663-04



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Universidade Estadual
do Piauí



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**



RESOLUÇÃO CEPEX Nº. 089/2016

ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Concedo à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) o direito não-exclusivo de reproduzir, traduzir e/ou distribuir este trabalho (incluindo o resumo) por todo o mundo, no formato impresso e eletrônico e em qualquer meio, incluindo os formatos áudio ou vídeo.

Concordo que a UESPI pode, sem alterar o conteúdo, transpor este trabalho para qualquer meio ou formato para fins de preservação.

Concordo que a UESPI pode manter mais de uma cópia de meu trabalho para fins de segurança, backup ou preservação.

Declaro que este trabalho é original e tenho o poder de conceder os direitos contidos nesta licença.

Declaro também que o depósito deste trabalho não infringe direitos autorais de ninguém.

Levando-se em conta que o trabalho ora depositado tenha sido de resultado de patrocínio ou apoio de uma agência de fomento ou outro organismo que não seja a UESPI, declaro que foram respeitados todos e quaisquer direitos de revisão como também as demais obrigações exigidas por contrato ou acordo.

Contendo este trabalho material do qual não possuo titularidade dos direitos autorais, declaro que obtive a permissão irrestrita do detentor dos direitos autorais para conceder à Universidade os direitos apresentados nesta licença, e que esse material está claramente identificado e reconhecido no texto ou no conteúdo do trabalho ora depositado.

A UESPI se compromete a identificar claramente seu nome(s) ou o(s) nome(s) dos detentores dos direitos autorais do trabalho em questão, e não fará qualquer alteração, além daquelas concedidas por esta licença.

De acordo com esta licença.

Teresina, PI 05 de dezembro de 2024

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA MARIA DA SILVA LIMA
Data: 05/12/2024 10:56:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

O ENSINO DE HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL EM CAXIAS (MA):

Os Festejos Religiosos como Expressão da Identidade e Memória Coletiva

Título do trabalho

Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA

Curso

Rua João Cabral, 2231 - Pirajá - 64.002-150 - Teresina - Piauí - Brasil
Caixa Postal 381 - Fones: (086) 3213 – 7222, 7929, 7982, 7887
www.uespi.br, e-mail: bibliotecacentral@uespi.br



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**



RESOLUÇÃO CEPEX Nº. 089/2016

ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Concedo à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) o direito não-exclusivo de reproduzir, traduzir e/ou distribuir este trabalho (incluindo o resumo) por todo o mundo, no formato impresso e eletrônico e em qualquer meio, incluindo os formatos áudio ou vídeo.

Concordo que a UESPI pode, sem alterar o conteúdo, transpor este trabalho para qualquer meio ou formato para fins de preservação.

Concordo que a UESPI pode manter mais de uma cópia de meu trabalho para fins de segurança, backup ou preservação.

Declaro que este trabalho é original e tenho o poder de conceder os direitos contidos nesta licença.

Declaro também que o depósito deste trabalho não infringe direitos autorais de ninguém.

Levando-se em conta que o trabalho ora depositado tenha sido de resultado de patrocínio ou apoio de uma agência de fomento ou outro organismo que não seja a UESPI, declaro que foram respeitados todos e quaisquer direitos de revisão como também as demais obrigações exigidas por contrato ou acordo.

Contendo este trabalho material do qual não possuo titularidade dos direitos autorais, declaro que obtive a permissão irrestrita do detentor dos direitos autorais para conceder à Universidade os direitos apresentados nesta licença, e que esse material está claramente identificado e reconhecido no texto ou no conteúdo do trabalho ora depositado.

A UESPI se compromete a identificar claramente seu nome(s) ou o(s) nome(s) dos detentores dos direitos autorais do trabalho em questão, e não fará qualquer alteração, além daquelas concedidas por esta licença.

De acordo com esta licença.

Teresina, PI 09 de dezembro de 2024

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA MARIA DA SILVA LIMA
Data: 09/12/2024 08:29:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

CADERNO DE ATIVIDADES: OS FESTEJOS RELIGIOSOS COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE
E MEMÓRIA COLETIVA CAXIENSE

Título do trabalho

Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA

Curso

Rua João Cabral, 2231 - Pirajá - 64.002-150 - Teresina -
Piauí - Brasil Caixa Postal 381 - Fones: (086) 3213 –
7222, 7929, 7982, 7887
www.uespi.br, e-mail: bibliotecacentral@uespi.br

ANA MARIA DA SILVA LIMA

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO
IMATERIAL EM CAXIAS (MA): Os Festejos Religiosos como Expressão
da Identidade e Memória Coletiva**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Ensino de História
– PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual
do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito
para obtenção do título de Mestre em Ensino
de História. (Área de concentração: Ensino de
História).

Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da
Cunha.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha (Orientadora)

Programa Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA)- UESPI

Fabírcia Pereira Teles (Examinador Interno)

Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA)

Francisco de Assis Sousa Nascimento (Examinador Externo)

Orientador de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Piauí

Dedico este trabalho à minha fonte de inspiração maior, minha família, aquela que sempre acreditou em mim mais do que eu mesma, que me motivou a perseguir os meus sonhos e superar os desafios. A vocês, Juscelino, Jhulia, Jhuliana e Juninho, dedico este trabalho com todo o meu amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de dissertação foi possível graças ao apoio e incentivo de diversas pessoas e instituições, às quais gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão. Sobretudo, agradeço a Deus!

Posteriormente, gostaria de agradecer à minha professora orientadora, Renata Cristina da Cunha, pela sua sábia orientação, apoio incansável e valiosos esclarecimentos ao longo do processo. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e profissional, mostrando-se sempre compreensiva e disponível para comigo.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me incondicionalmente em todas as etapas da jornada acadêmica. O amor, o incentivo e a compreensão que vocês me proporcionaram foram essenciais para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Agradeço também aos meus amigos e colegas conquistados durante o curso, pela troca de ideias, apoio mútuo e incentivo constante, em especial à Milca, Paula Luana, Eduardo, César Robério e Eldo. As contribuições em forma de leitura, ideias, sugestões e boas risadas enriqueceram este trabalho e tornaram esta jornada mais leve e gratificante.

Ao Jakson do Santos Ribeiro, meu grande amigo, cujo apoio inabalável e encorajamento constante foram como um farol orientador nas noites mais escuras, me ajudando a montar meu projeto de escrita. Sua experiência, paciência e disponibilidade em me ajudar foi um impulso fundamental para enfrentar os desafios deste percurso.

Agradeço aos meus colegas de trabalho: Delcy Andrade, Joselma Coutinho, Paulo Victor, Domingas, Arlete, Robson Tiago, Luana Andrade, Valéria, Vanessa, Celina Bacelar e Terezinha Coimbra pelo apoio, palavras de incentivo e compreensão desde sempre. Agradeço também ao meu colega Cândido, o melhor designer que eu conheço, que entendeu e atendeu as minhas expectativas no meu trabalho.

À Paula Luana, que eu cito pela segunda vez, que mesmo à distância, sempre encontrou maneiras de me fazer sentir capaz e apoiada. Suas palavras de estímulo e

gestos de solidariedade foram um lembrete constante de que não estou sozinha nesta jornada.

À Luzenir Ximenes, que além de me apresentar ao objeto de estudo, também compartilhou recursos valiosos, recomendou leituras essenciais, fotos e ofereceu orientações preciosas que enriqueceram significativamente minha pesquisa. Sua generosidade em compartilhar seu conhecimento e experiência foi verdadeiramente inspiradora e transformadora.

Aos meus queridos colegas residentes em Parnaíba, Piauí: Wenderson, Izael, Ana Carla, gostaria de expressar minha profunda gratidão pelo caloroso acolhimento e apoio que recebi, juntamente com os demais colegas de fora, durante nossa estadia nessa cidade encantadora. Vocês não apenas tornaram esta jornada acadêmica mais suave e gratificante como demonstraram total apoio e solidariedade com os colegas. Que nossa conexão perdure além deste trabalho acadêmico, e que possamos continuar nutrindo e fortalecendo os laços que formamos ao longo desta jornada.

Agradeço as contribuições valiosas da banca de qualificação, composta pelo professor Francisco de Assis e pela professora Fabrícia, que me ajudaram bastante na construção dos caminhos seguintes. Agradeço também aos professores e profissionais que generosamente compartilharam seu conhecimento e experiência durante o desenvolvimento deste trabalho, em especial ao professor Danilo por tão generosamente se preocupar, aconselhar e dar forças para eu não desistir. Suas orientações e feedback foram cruciais para o surgimento de novas ideias e relevância desta dissertação.

À Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, pelo acolhimento, suporte logístico e pelos recursos disponibilizados que tornaram possível a realização deste estudo. Por fim, expresso minha gratidão a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho, mesmo que não estejam mencionados aqui. Suas influências foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

A todos, o meu mais sincero agradecimento.

“...não nos limitamos a cultuar as cinzas dos antepassados, mas tentamos, sim, levar adiante a chama imortal que os animava...”

Ariano Suassuna, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras.

RESUMO

“O Ensino de História e a Valorização do Patrimônio Imaterial em Caxias (MA): Os Festejos Religiosos como Expressão da Identidade e Memória Coletiva” é uma pesquisa que trata das relações entre o ensino de História e os festejos religiosos em Caxias, no estado do Maranhão, destacando sua relevância na preservação e celebração da herança cultural, memória e identidade da comunidade local, na linha de pesquisa, Saberes Históricos no Espaço Escolar. Nesse sentido, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: Como os festejos religiosos podem colaborar com o processo ensino-aprendizagem da História, na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio imaterial na cidade de Caxias (MA)? A fim de responder essa pergunta, estabelecemos o seguinte objetivo geral: Investigar como os festejos religiosos contribuem para o ensino de História, considerando identidade cultural, memória coletiva e patrimônio imaterial em Caxias (MA), consideramos necessário, para tanto: compreender conceitos como patrimônio cultural, memória coletiva e identidade local no contexto do ensino de História; analisar a abordagem dos festejos religiosos no contexto educacional de Caxias; discutir a relação entre esses festejos e o ensino de História local; caracterizar os festejos religiosos tradicionais em Caxias; elaborar um Caderno de atividades para integrar conteúdos sobre esses festejos no ensino de História. A fim de responder a pergunta da pesquisa foi realizada uma pesquisa, com abordagem qualitativa por meio da aplicação de um questionário misto com professores de História dos anos finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino da cidade, no primeiro semestre de 2024. As respostas obtidas com a aplicação do questionário foram analisadas à luz das seguintes bases teóricas: Ensino de História e História Local, Patrimônio Imaterial, Memória Coletiva e Identidade Cultural, na perspectiva de autores como Bittencourt (1999); Pollak (1989); Nora (1993); Pelegrini (2005); Macedo (2017); Eagleton (2005), Rusen (2015); e Horta (1999). A partir dos achados da pesquisa, elaboramos como produto Educacional um caderno de atividades sobre os festejos religiosos locais tradicionais da cidade.

Palavras-chave: Ensino de História, Caxias, Religiosidade, Patrimônio, Memória Coletiva, Identidade Cultural, Caderno de Atividades.

ABSTRACT

“The Teaching of History and the Valorization of Intangible Heritage in Caxias (MA): Religious Festivities as an Expression of Identity and Collective Memory” is a research that addresses the relationship between the teaching of history and religious festivities in Caxias, in the state of Maranhão, highlighting their relevance in preserving and celebrating the cultural heritage, memory, and identity of the local community, in the line of research, Historical Knowledge in the School Space. In this sense, this research aims to answer the following question: How can religious festivities collaborate with the teaching-learning process of History, from the perspective of cultural identity, collective memory, and intangible heritage in the city of Caxias (MA)? In order to answer this question, we established the following general objective: To investigate how religious festivities contribute to the teaching of History, considering cultural identity, collective memory, and intangible heritage in Caxias (MA), we consider it necessary, for this purpose: to understand concepts such as cultural heritage, collective memory, and local identity in the context of History teaching; to analyze the approach to religious festivities in the educational context of Caxias; to discuss the relationship between these festivities and the teaching of local History; to characterize traditional religious festivities in Caxias; to develop an Activity Notebook to integrate content about these festivities in the teaching of History. In order to answer the research question, a qualitative research was carried out, through the application of a mixed questionnaire with History teachers from the final years of elementary education in the municipal school system of the city, in the first semester of 2024. The answers obtained with the application of the questionnaire was analyzed in light of the following theoretical bases: Teaching of History and Local History, Intangible Heritage, Collective Memory and Cultural Identity, from the perspective of authors such as Bittencourt (1999), Pollak (1989), Nora (1993), Pelegrini (2005), Macedo (2017), Eagleton (2005), Rusen (2015) and Horta (1999). Based on the research findings, we elaborated as an Educational Product, a notebook of activities on the traditional local religious festivities of the city.

Keywords: Ensino de História, Caxias, Religiosity, Heritage, Collective Memory, Cultural Identity, Activity Notebook

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Igreja de São Benedito.....	86
Figura 2 - Igreja de Santo Antônio.....	87
Figura 3 - Igreja de São Sebastião.....	87
Figura 4 - Igreja Nossa Senhora de Nazaré.....	88
Figura 5 - Jornal <i>O Pioneiro</i> . Caxias, domingo, 08 de novembro de 1981	89
Figura 6 - Igreja de São Sebastião no Largo de São Sebastião	95
Figura 7 - Procissão com o mastro.....	96
Figura 8 - Fiéis em momento de devoção	96
Figura 9 - Competição hípica	106
Figura 10 - Passeio ciclístico no último dia do festejo de Nossa Senhora de Nazaré	107
Figura 11 - Programação do festejo de Santo Antônio na década de 60	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pseudônimos dos participantes da pesquisa	39
Quadro 2 - Estrutura detalhada do questionário de pesquisa	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PNPI – Política Nacional de Proteção ao Patrimônio Imaterial

INCR-Inventário Nacional de Referências Culturais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PROFHISTÓRIA- Mestrado Profissional em Ensino de História.

MEC – Ministério da Educação

DCMT-Documento Curricular do Território Maranhense

TCLE-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	36
1. 1 Pesquisa no Ensino de História: abordagem e tipo	36
1. 2 Cenário da pesquisa	38
1. 3 Participantes da pesquisa	38
1.4 Instrumento de pesquisa: o questionário	40
1. 5 Procedimentos metodológicos da pesquisa	43
1.6 Análise dos dados: análise do conteúdo	44
1. 7 Aspectos éticos da pesquisa com seres humanos	45
1. 8 Produto Educacional.....	47
2. REVISÃO DE LITERATURA: O Papel do Ensino de História na Construção da Identidade Cultural e Memória Coletiva	48
2. 1 O ensino da História local	48
2. 2 Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil	57
2. 3 Memória Coletiva.....	63
2.4 Identidade Cultural: compreendendo o papel do ensino de História	69
3. FESTEJOS RELIGIOSOS EM CAXIAS MARANHÃO	77
3. 1 Entre o Sagrado e o Profano: Festejos Religiosos e a Teia Histórica da Cidade de Caxias Maranhão	78
3. 2 Fé e Festas: Entre a Resistência Popular e a Institucionalização do Sagrado	90
3. 3 Festejo de São Sebastião	93
3.4 Festejo de São Benedito.....	98
3. 5 Festejo de Nossa Senhora de Nazaré.....	103
3. 6 Festejo de Santo Antônio	109
4 OS FESTEJOS RELIGIOSOS COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE E MEMÓRIA COLETIVA CAXIENSE – O PRODUTO.....	115
4.1 Detalhamento do questionário.....	117
4.2 Análises das Respostas	119
4.2.1 Conceitos e Abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação.	119

4.2.2 A percepção docente sobre a abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação, métodos incorporação ao currículo educacional	121
4.2.3 Você aborda os festejos religiosos tradicionais nas suas aulas? Como? Enfrenta algum desafio para isso? Qual?	123
4.3 Relação entre Festejos Religiosos e Ensino de História	125
4.3.1 Qual é a importância, na sua opinião, da relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias e o processo de ensino aprendizagem da história local?	125
4.3.2 Você percebe algum impacto positivo na identidade cultural e na memória coletiva dos alunos que participam ativamente dos festejos religiosos tradicionais? Qual?.....	127
4.3.3 Você concorda que o ensino de História local pode contribuir para o resguardo do patrimônio local em Caxias? Como? Por quê?	128
4.3.4 Que tipo de informações ou atividades você acharia mais relevantes em um Caderno de Atividades sobre os festejos religiosos em Caxias, Maranhão?	130
4.3.5 Os festejos religiosos como expressão da identidade e memória coletiva caxiense – a elaboração do Caderno de Atividades.....	131
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos esta dissertação, optei por dividir a introdução em três tópicos distintos, cada um abordando aspectos complementares da pesquisa. No primeiro tópico, intitulado “A pesquisadora: Da Curiosidade Infantil ao Estudo Acadêmico”, exploro minha trajetória pessoal e profissional, destacando as experiências e vivências que me levaram a escolher o tema dos festejos religiosos em Caxias como objeto de estudo. Esta seção oferece um pano de fundo essencial para compreender a motivação e o enfoque da pesquisa, mostrando como minha observação dessas celebrações, desde a infância, e minha carreira como professora de História se entrelaçam com o interesse acadêmico pelo tema.

No segundo tópico, denominado “A pesquisa – da reflexão sobre os festejos tradicionais em Caxias e o ensino de História local”, apresento a importância histórica e cultural das celebrações religiosas em Caxias. Demonstro como essas práticas refletem e perpetuam a identidade e as tradições locais, além de discutir como a incorporação desse patrimônio cultural no ensino de História pode enriquecer a compreensão dos alunos sobre sua própria comunidade. Essa abordagem permite contextualizar a relevância do tema tanto do ponto de vista acadêmico quanto comunitário, estabelecendo uma conexão direta entre minha história de vida e a significância das festividades religiosas para a cidade de Caxias.

Por fim, no quarto tópico “Trilhas da dissertação”, exploraremos como percorremos a jornada da dissertação. Cada trilha representa um caminho único de descobertas, desafios e aprendizados que contribuíram para a construção do conhecimento apresentado neste trabalho.

A pesquisadora: Da Curiosidade Infantil ao Estudo Acadêmico

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa dedicada ao estudo dos aspectos históricos e culturais dos festejos religiosos em Caxias, Maranhão, destacando sua relevância contínua ao longo do tempo. Para um historiador, essas práticas culturais recorrentes não apenas refletem aspectos religiosos, mas também fornecem evidências valiosas das influências dos contextos históricos locais. Elas são reflexos tangíveis das dinâmicas econômicas, políticas e sociais dos grupos que as promovem. No contexto do ensino de História, compreender essas celebrações oferece uma

oportunidade única para os estudantes conectarem-se com a herança cultural e espiritual de sua comunidade. Através dessa concepção voltei os meus olhos para a importância dessas tradições na formação da identidade local.

Durante todo o curso da minha vida, observei as manifestações religiosas, como parte fundamental das tradições locais. Quando criança e até mesmo depois de adulta frequentei festejos religiosos pela cidade, sem o compromisso da religiosidade, apenas como motivo de atração, curiosidade e, a cada ano, sempre esperando a oportunidade de me fazer presente, porém, não tinha a ideia de tornar essa simples observação em objeto de estudo, o que só veio acontecer quando cheguei ao Mestrado Profissional em Ensino de História, pela Universidade Estadual do Piauí.

Falando um pouco sobre a minha trajetória enquanto professora: nem sempre atuei como professora de História. Aos 19 anos, com a formação em Magistério, tive a oportunidade do meu primeiro emprego em uma cidade vizinha a Caxias, cidade de Aldeias Altas, ali começou o meu exercício como professora, em uma escola de sala Multisseriada¹, em uma localidade que não tinha energia elétrica, nem acesso fácil de transporte e na qual eu seria uma das poucas pessoas alfabetizadas e consultadas sempre que a população precisava escrever cartas, fazer lista de compras, ler bulas de remédio, dentre outras coisas que só um alfabetizado poderia fazer. Meus três anos nessa realidade foram muito difíceis, mas de grande aprendizado. Pude entender como é difícil ser professor, longe de casa e sem estrutura mínima para fazer um trabalho satisfatório. Aprendi também com a experiência da desigualdade social profunda de um povo esquecido pelo Estado, que se animava profundamente quando um filho conseguia decodificar as palavras.

De 2002 a 2005 nasceram meus três filhos e eu tive que abandonar o emprego. Por consequência dessas circunstâncias, eu não pude entrar mais cedo na universidade; o que só aconteceu no ano de 2006, no curso de História. Sempre me identifiquei com História e, algumas vezes, com Geografia, talvez porque os professores tenham sido determinantes para minha escolha. Fiz meu curso na Universidade Estadual do Maranhão, onde também me especializei em História do Maranhão. Ainda em 2006 passei em um concurso na minha cidade para séries iniciais, e em 2007 comecei a trabalhar em uma escola que ficava em um bairro

¹ Salas multisseriadas são um modelo de organização escolar em que alunos de diferentes séries são agrupados em uma mesma sala de aula, sendo ensinados pelo mesmo professor.

próximo à minha casa, onde fiquei por 9 anos, lecionando nas turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

A primeira experiência na área de História veio com o seletivo de professores do Estado do Maranhão, entre os anos de 2015 a 2019, no Ensino Médio, nas escolas Centro de Ensino Eugênio Barros e Centro de Ensino Monsenhor Clóvis Vidigal. Posso dizer que foram anos muito felizes na minha atuação enquanto profissional e também para satisfação pessoal. Em 2019, conquistei minha segunda matrícula na docência, por meio de concurso público da rede municipal de Caxias, o que me oportunizou novas experiências. De 2017 aos dias atuais também tive a oportunidade de estar à frente de algumas coordenações no município: a coordenação de História e a coordenação de um Programa Federal, voltado para o Ensino Fundamental II, o Programa Brasil na Escola² e Programa Jovens Empreendedores, primeiros passos, em parceria com a instituição SEBRAE, que vem me ajudando a aprender cada vez mais.

Voltando ao assunto que me levou à escolha do objeto de estudo: ao longo dos séculos, os festejos religiosos em Caxias têm resistido ao teste do tempo, mantendo-se como pilares fundamentais da vida da comunidade. Essas celebrações, enraizadas profundamente na história e tradição local, continuam a desempenhar um papel vital, mesmo diante das mudanças sociais e culturais. A cada ano, gerações sucessivas de moradores se unem para participar das festividades em honra aos seus santos padroeiros, renovando os laços de fé e comunidade que perduram há décadas. Esses eventos não apenas mantêm as tradições culturais e espirituais da cidade vivas, mas também proporcionam um senso de continuidade e conexão com o passado, transmitindo valores e ensinamentos de uma geração para outra. Assim, a importância dos festejos religiosos em Caxias transcende o tempo, reafirmando-se como uma fonte duradoura de identidade, coesão e significado para seus habitantes.

A pesquisa: da reflexão sobre os festejos tradicionais em Caxias e o ensino de história local

² Programa Brasil na Escola é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de induzir e fomentar estratégias e inovações para assegurar a permanência, as aprendizagens e a progressão escolar com equidade e na idade adequada dos estudantes matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental.

O curso de Mestrado Profissional em História nos leva a refletir sobre a necessidade de repensar nossa prática, considerar conteúdos e métodos apropriados para nossos alunos e investir na busca por soluções para as deficiências no ensino de História. Nesse contexto, notamos que as reflexões apresentadas na parte teórica, abordadas durante todo o curso, bem como a nossa prática, podem direcionar nossa atenção para a importância e as possibilidades da pesquisa nas investigações sobre as relações religiosas em uma sociedade, uma vez que contribuem para a interpretação da memória social e histórica do local.

As festas religiosas são um aspecto fundamental da vida social e cultural de um município, pois representam um espaço de encontro e reconhecimento entre os grupos sociais. Elas são um reflexo da memória coletiva e da identidade do município, podem ser um espaço de convivência e respeito mútuo e também de tensão e conflito. O curso de Mestrado Profissional em História nos leva a refletir sobre a necessidade de repensar muitos aspectos da nossa prática, considerar conteúdos e métodos apropriados para nossos alunos e investir na busca por soluções para as deficiências no ensino de História.

Ao ensinar História é fundamental abordar não apenas os eventos e figuras históricas, mas também as tradições e práticas culturais que moldaram as identidades das comunidades. Incorporar o patrimônio cultural imaterial no ensino de História ajuda os alunos a se conectarem com o passado de maneira mais profunda e significativa. Isso também pode promover o respeito pela diversidade cultural e pelo legado das diferentes culturas ao redor do mundo.

Nessa perspectiva, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), é importante trabalhar “atitudes e valores”, com o objetivo de solucionar questões complexas da vida, da cidadania e do trabalho, se reportando em muitas áreas de conhecimento, sobre a importância das aprendizagens sobre o patrimônio e sua preservação a partir, por exemplo, quando se torna possível levar o aluno a conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertórios relativos às diferentes linguagens artísticas.

Coutinho (2005) destaca que o município de Caxias seguiu uma prática comum a todos os municípios mais antigos do Brasil, que genuinamente iniciam sua história

com a inserção exploratória de um projeto colonizador em que os missionários religiosos buscavam almas para a fé cristã, introduzindo no dia a dia as práticas religiosas comuns do catolicismo. A ligação intrínseca entre a religião e a formação histórica de Caxias ilustra a necessidade de incorporar valores e atitudes no processo educacional, como proposto pela BNCC.

Desse modo, ao compreender a influência das práticas religiosas no cotidiano e na cultura de Caxias, os alunos podem desenvolver uma apreciação mais profunda e respeitosa pela diversidade cultural, alinhando-se com os princípios educacionais preconizados pela BNCC. Dessa forma, o estudo do patrimônio cultural, incluindo as influências religiosas, contribui para a formação de cidadãos conscientes e culturalmente enriquecidos.

Nesse viés, notamos que muitos são os levantamentos referentes ao patrimônio material de Caxias, uma vez que se trata de uma cidade histórica e possui centro históricos, ruínas do período da guerra da Balaiada, casarões, entre outros. Souza (2016) ressalta que, no entanto, poucas são as abordagens ao patrimônio cultural imaterial, principalmente voltados ao estudo das festividades. Por outro lado, com processo de modernização que o município vem vivenciando, percebemos uma constante desvalorização e desconhecimento dos mais jovens com relação a esse patrimônio cultural imaterial.

É fundamental ressaltar que o Estado do Maranhão é rico em cultura e diversidade e não seria o mesmo sem a história e cultura de Caxias. De acordo com Barros Neto (2020, p. 12), “O município é um dos 217 municípios do Estado e tem população formada por negros, indígenas, descendentes de europeus e migrantes de outras partes do Brasil, resultando em uma grande diversidade cultural”, que é fortemente representada nas tradições locais. Coutinho (2005) observa que as matrizes de toda essa herança da miscigenação encontram-se fortemente representadas em todo município e se expandem também para as questões da religiosidade, sensivelmente demonstradas nos festejos populares típicos do município.

A religiosidade é uma característica presente em todas as regiões do estado do Maranhão e diversos municípios compartilham festas em comum, como: Reisado, Festejo de São Sebastião, Festejo de São José, festas juninas, Festejo de São Benedito, Festejo de Nossa Senhora de Nazaré, Festejo de Santo Antônio e outras

manifestações que se agregam a eles e são típicos da região reunindo as tradições culturais do estado em si.

No município de Caxias há, porém, quatro festejos considerados os mais populares e esperados pelo caxiense, sobrevivendo à modernidade e às novas tendências de músicas e danças e as diversidades religiosas do município, somando-se a estas. São eles: o Festejo de Santo Antônio, São Benedito e São Sebastião. Segundo Coutinho (2005, p. 334), “[...] são os maiores eventos religiosos do município”, objetos da nossa investigação por serem, a nosso ver, os mais populares e que acontecem em períodos diferentes do ano, agregando um número grande de fiéis e participantes. No entanto, apontamos a importância de um dos festejos mais antigos do município, que também é muito esperado na cidade, o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré, no bairro Tresidela.

A cidade é composta por diversos bairros, cada um com suas próprias igrejas que celebram seus santos protetores por meio de festividades que incluem procissões, encontros comunitários e uma variedade de atrações, como parques de diversões e cardápios típicos. Essas celebrações não apenas unem as comunidades locais para celebrar, agradecer ou pedir proteção aos santos devocionários, mas também atraem devotos de regiões circunvizinhas e proporcionam uma rica experiência cultural.

As lacunas identificadas, revelam a relevância de estudos aprofundados desses festejos religiosos (que figuram no “livro das celebrações”), como indicado por Pelegrini (2009). Estes eventos encontram-se registrados na lista que representa as tradições culturais do povo, tornando-se parte integrante do patrimônio a ser preservado, enraizados em uma rica base histórica. Para que sejam compreendidos de maneira apropriada é fundamental que sejam incorporados à experiência educacional, ressaltando o seu valor simbólico para a coletividade. Nesse contexto, o papel desempenhado pelo professor de História se torna crucial.

Enquanto professora da rede municipal desde 2007 pude constatar o quanto o material produzido e acessível para o professor de História que trate da temática ainda é insuficiente. “Junto a isso há um afastamento e desconhecimento dos jovens sobre os bens culturais da sua terra” (Souza, 2016, p. 26). Partindo dessa perspectiva, observamos a importância de se conectar os saberes históricos-historiográficos sobre o local, sendo esse o lugar de vivência dos alunos e de onde partem suas reflexões sobre o mundo que os cercam.

A aplicação do ensino e aprendizagem em história local sempre foi um grande desafio para os professores de História no Brasil, por tratar-se de um campo que ainda está atrelado a vários desafios e deficiências do próprio ensino de História, que dificultam e até desestimulam o trabalho do professor de História no Brasil. De acordo com Macedo (2017), dentre esses desafios e deficiências podemos apontar, o ensino tradicional, o distanciamento da produção acadêmica com saber escolar e o paradigma eurocêntrico dos livros didáticos que surgem no caminho dos professores, além do desinteresse dos alunos pela disciplina, que para muitos pode não fazer sentido, por conceberem como um conhecimento que não fará nenhum sentido em suas vidas.

É importante destacar que, de acordo com Costa (2006, p. 2), “[...] historicamente a religião é um instrumento de dominação sociocultural e no Brasil, assim como nas demais colônias ibéricas”. Nessa perspectiva, a autora enfatiza que os festejos religiosos têm relevância no processo de formação da mentalidade religiosa do povo brasileiro. É por meio da participação nessas festas e procissões que a população encontra momentos de práticas de fé e estabelece hábitos de sociabilidade desenvolvidos nas festas.

Outra característica dos eventos religiosos está em promover a sociabilidade em suas realizações, pois as pessoas não são meros observadores, consumidores, mas os sujeitos das ações e atores sociais, pois, como observa Bomfim (2019, p. 406), “[...] as comunidades se envolvem em todas as etapas da mesma, na preparação, durante a fase cerimonial, que é ao mesmo tempo de fruição e de atuação”. Dessa maneira, cada membro contribui com suas formas de pensar e de se organizar no espaço social e político onde desenvolve sua formação histórica.

Assim, vale ressaltar a dimensão temporal da inserção dessas práticas, de outros contextos em terras brasis, como dita anteriormente, inseridas no Brasil a partir da colonização portuguesa. Nessa esteira, Coimbra (2019, p.10) afirma que:

Os festejos incluíram ao longo dos processos culturais vivenciados por desencontros e apropriações, elementos e práticas das festas pagãs dos indígenas e africanos, atuando com sucesso no processo de colonização e pacificação dos povos dominados na medida que estas devoções, festas e ritos não significavam apenas a comemoração de um acontecimento, pois quebram o ritmo do cotidiano e promovem a sociabilidade e os sentimentos de pertencimento a um determinado grupo social, mas oferecem relações diretas com os aspectos políticos, econômicos e sociais nessa organização, na medida que representavam também uma parceria entre o Estado e a Igreja.

Pelo exposto, ressaltamos que os festejos populares eram, e ainda são, povoados de sentidos que celebram a união de diferentes povos e que, por meio dessas interações, foi possível, inclusive, a manutenção dessas tradições em que o espaço da festa passa a ser território comum, em que os cidadãos circulam e convivem para além de suas diferenças sociais.

Assim, essas festas, dentre elas, a festa do Divino Espírito Santo, o Festejo de Nossa Senhora de Fátima, o Festejo de São José, de Nossa Senhora da Conceição, de São Sebastião, de Nossa Senhora de Nazaré, de Santa Terezinha, de Nossa Senhora das Graças, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Europa, de Santo Antônio de Pádua e São Benedito, entre outros, incluem muita fé, atos religiosos, danças e produção de comidas típicas, entre outros aspectos que misturam o sagrado e o profano em um mesmo evento.

Caxias, um município maranhense de grande relevância histórica, é também conhecido como “[...] a terra de poetas renomados, como Gonçalves Dias e Coelho Neto” (Barros Neto, 2020, p. 12), que contribuíram para um vasto patrimônio cultural, muitas vezes desconhecido pela própria população local. Essa rica herança cultural é fundamental para a identidade do povo caxiense, mas, ao longo do tempo, as manifestações culturais, especialmente as religiosas, têm se diversificado e se transformado, refletindo a evolução da sociedade. A comunidade, embora muitas vezes alheia à importância dessas tradições, participa ativamente das celebrações que moldam sua identidade.

Atualmente, a cena festiva religiosa no Brasil, incluindo Caxias, é marcada por significativas transformações. Fatores como novas tecnologias, a reconfiguração de tradições e a modernização da agricultura têm impactado as práticas religiosas, tornando-as mais complexas e diversificadas. Essas mudanças não apenas enriquecem as celebrações, mas também ressaltam a necessidade de uma maior conscientização sobre a importância dessas tradições na formação identitária da comunidade caxiense.

Diante disso, esta pesquisa visa responder o seguinte questionamento: Como os festejos religiosos podem colaborar com o processo ensino-aprendizagem da História, na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio imaterial na cidade de Caxias (MA)?

Objetivos

Objetivo geral:

Investigar como os festejos religiosos podem colaborar com o processo ensino-aprendizagem da História, na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio imaterial na cidade de Caxias (MA).

Objetivos específicos:

Compreender os conceitos de patrimônio cultural, memória coletiva e identidade local na perspectiva do processo ensino-aprendizagem da história local;

Saber se e como os festejos religiosos tradicionais são abordados no contexto educacional de Caxias.

Discutir a relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias (MA) e o processo de ensino-aprendizagem da história local, com foco na identidade cultural e memória coletiva.

Caracterizar os festejos religiosos tradicionais que ocorrem na cidade de Caxias a partir de suas origens, significados históricos e relevância para a comunidade local.

Elaborar um caderno de atividades com diretrizes e recomendações para uma integração dos conteúdos acerca dos festejos religiosos tradicionais no processo ensino-aprendizagem da história local, na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio local em Caxias (MA).

Para efeito do presente estudo, este trabalho se justifica, primeiramente, por consideramos que a educação escolar prepara os sujeitos para a vida social e que o conhecimento histórico parte da história local, perpassando principalmente pelos conhecimentos sobre o patrimônio cultural das pessoas. No entanto, levamos em consideração que a educação escolar não é a única experiência promotora de conhecimento de um sujeito, pelo contrário, “[...] é na vivência fora da escola que este traz consigo saberes que serão essenciais, especialmente para o trabalho de história local, que forma e fortalece a identidade cultural e sua formação enquanto cidadão” (Franco, 2019, p. 30).

Ao explorar o patrimônio cultural imaterial no ensino de História, os educadores podem utilizar recursos como relatos de testemunhas oculares, músicas tradicionais, histórias locais, festivais e tradições folclóricas. Isso não apenas enriquece a experiência educacional, mas também ajuda os alunos a reconhecerem a importância da preservação e respeito pelo patrimônio cultural das comunidades, contribuindo assim para a promoção da diversidade cultural e da identidade cultural.

O ponto de partida para um ensino de história local eficaz é o reconhecimento da diversidade cultural. Essa diversidade abrange um patrimônio que, embora variado, é compartilhado por todos. É, portanto, dever da escola e do professor estabelecer mecanismos que estimulem discussões, pesquisas e estudos, tornando-se agentes multiplicadores desses conceitos.

Refletindo sobre a história local, observei que a exploração da mesma ainda apresenta dificuldades, mesmo diante do empenho dos professores que dinamizam os conteúdos em diferentes abordagens teóricas e aulas passeio promovida pelas escolas, principalmente em períodos simbólicos para a cidade, como a data de adesão do município à independência do Brasil, o aniversário da cidade, entre outros. No entanto, muitas vezes, essas ações ficam centradas nos objetos do patrimônio material, por meio da problematização que giram em torno das construções históricas, de sua arquitetura de herança portuguesa, e que fazem referência a história da cidade, os casarões do centro histórico, as ruínas do antigo quartel que testemunharam a revolta da Balaiada, igrejas centenárias, etc., porém, há lacunas que precisam ser preenchidas.

A escola desempenha um papel essencial na vida dos estudantes, com os professores atuando como facilitadores, reconhecendo a interconexão de todos os conhecimentos que são ensinados ou reforçados na escola, comparáveis a fios entrelaçados em um tecido. Em virtude de sua natureza, a escola já traz consigo a responsabilidade social de incorporar a educação patrimonial em seu currículo. Assim, é crucial abordar conteúdos relacionados à cultura e ao patrimônio cultural, o que contribuirá para o desenvolvimento da identidade, o respeito à diversidade cultural e a valorização do rico legado histórico e cultural do nosso país. As escolas são locais em que os alunos podem explorar e cultivar suas potencialidades intelectuais, morais, culturais e sociais, além de proporcionar a oportunidade de adquirir conhecimentos organizados.

Nesse sentido, Franco (2019) observa que defender e preservar o patrimônio cultural local é tarefa de todos os cidadãos, principalmente daqueles que convivem e usufruem dele, assim a escola é vista como ponto de partida para um processo de conscientização no sentido de que atua intencionalmente na formação da consciência cidadã, porém, isso só é possível a partir do momento em que os estudantes se apropriam da sua história e da sua importância. Portanto, a Educação Patrimonial desempenha um papel fundamental ao permitir que os estudantes se apropriem de sua história e identidade cultural, promovendo a valorização do patrimônio cultural local e nacional.

Dessa maneira, convém produzir uma pesquisa científica com base nos estudos das relações religiosas em uma sociedade que tem uma grande relevância na medida que interpretam a memória social e histórica do local, sem desconectá-la da história global, porém focando sua lente no lugar onde vivem. Nessa esteira, Macedo (2017, p. 70) aponta que:

[...] quer dizer que a História produzida sobre o lugar não está desconectada daquela que versa sobre uma realidade global, tampouco dela se exclui. Estão conectadas, e as linhas de força dessas conexões podem nos dizer muito, também, sobre quem as produz.

Nessa dinâmica, conhecer sobre si e sua cultura está ligado à formação da identidade de um povo e parte dessa compreensão surge na escola. Para Horta, Grunberg e Monteiro (1999), a escola é o lugar em que se faz o uso do bem cultural como fonte primária da aprendizagem. A promoção da Educação Patrimonial é, de acordo com Para Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4), “[...] um instrumento de alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido”.

Nesse sentido, o artigo Art. 26º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, 9.394 (Brasil, 1996), dentre outras recomendações, “[...] garante aos estudantes um ensino diversificado voltado para as características regionais e locais de cada cultura”, ratificando que a Educação Patrimonial no ensino de História pode aproximar os indivíduos da sua própria história, contribuindo para que o aprendizado seja prazeroso e estimulante.

Assim, esta pesquisa visa contribuir em relação ao trabalho do professor no ensino de história local, visando a valorização dos bens culturais locais e consequentemente uma aproximação do aluno da sua própria história, compreendendo que:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4).

Dessa forma, o patrimônio cultural desempenha um papel fundamental como fonte primária de conhecimento e enriquecimento tanto individual, quanto coletivo. Ele engloba um conjunto de bens materiais e imateriais que são herdados do passado e valorizados no presente, refletindo a diversidade cultural, histórica e social de uma sociedade.

A inserção de conteúdos que abordem as manifestações culturais como material de estudo escolar, trazendo consigo uma contextualização histórica que os alunos conhecem e da qual muitos participam, contribui para um processo de construção da consciência histórica, sendo o professor um sujeito facilitador desse processo, compreendendo que é “[...] o professor quem transforma o saber a ser ensinado em saber apreendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento” (Bittencourt, 2008, p. 50), e o aluno um aliado ativo no caminho da sua aprendizagem.

Nesse caso, a educação escolar prepara os sujeitos para a vida social, no entanto levamos em consideração que a educação escolar não é a única experiência promotora de conhecimento de um sujeito, pelo contrário, é na vivência fora da escola que este traz consigo saberes que serão essenciais, especialmente para valorização do patrimônio da história local, que forma e fortalece a identidade cultural e sua formação enquanto cidadão.

Buscamos em síntese: Investigar como os festejos religiosos contribuem para o ensino de História, considerando identidade cultural, memória coletiva e patrimônio imaterial em Caxias (MA), consideramos necessário, para tanto: compreender

conceitos como patrimônio cultural, memória coletiva e identidade local no contexto do ensino de História; discutir a integração da Educação Patrimonial no currículo escolar; analisar a abordagem dos festejos religiosos no contexto educacional de Caxias; discutir a relação entre esses festejos e o ensino de história local; caracterizar os festejos religiosos tradicionais em Caxias; elaborar um Caderno de atividades para integrar conteúdos sobre esses festejos no ensino de História.

Tendo em vista a natureza do objeto de estudo, é preciso refletirmos sobre a necessidade de promover o ensino laico, respeitando a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que versa sobre o ensino religioso nas escolas públicas de Ensino Fundamental. As leis, conforme veremos abaixo, buscam conciliar o direito à liberdade religiosa com a laicidade do Estado, reflexo da diversidade cultural e religiosa do Brasil, garantindo o respeito às diferentes crenças e visões de mundo:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.
§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.
§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso (LDB, 2017 p. 24).

A LDB reconhece a liberdade de consciência e crença como um dos princípios fundamentais da educação brasileira. Promover o ensino laico é essencial para garantir que essa liberdade seja respeitada, permitindo que cada indivíduo escolha suas crenças religiosas ou sua ausência delas sem interferência do Estado. No entanto, o professor pesquisador de História deve realizar uma abordagem crítica e reflexiva dos festejos católicos locais, questionando interpretações preconcebidas, examinando diferentes perspectivas e considerando o contexto histórico e social.

Os festejos religiosos tradicionais desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural de uma comunidade. Eles refletem tradições, crenças e valores transmitidos de geração em geração, contribuindo para a manutenção da memória coletiva de uma sociedade. Estudar como esses festejos impactam a identidade e memória coletiva em Caxias, no Maranhão, é fundamental para entender como a história local é preservada e transmitida.

Trilhas da dissertação

Além da introdução que delinea e resume suas intenções e propostas, esta dissertação é composta por mais quatro capítulos e considerações finais, em que a autora apresenta novas alternativas de pesquisa que podem ser exploradas a partir dos achados deste trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “Caminhos Metodológicos da Pesquisa”, exploramos os fundamentos metodológicos da pesquisa no ensino de História. Abordamos a escolha da abordagem e do tipo de pesquisa, o cenário em que a investigação se insere, os participantes envolvidos e a construção do instrumento de coleta de dados, especificamente um questionário semiestruturado. Além disso, discutimos os procedimentos metodológicos adotados, a análise dos dados por meio da análise de conteúdo e os aspectos éticos que regem a pesquisa com seres humanos.

O segundo capítulo, “Revisão da literatura: O Papel do Ensino de História na Construção da Identidade Cultural e Memória Coletiva”, é dedicado à revisão da literatura pertinente ao tema da dissertação. Nele discutimos o ensino da história local e sua importância para a formação da identidade cultural. Analisamos o conceito de patrimônio cultural imaterial no Brasil, a construção da memória coletiva e a relação entre identidade cultural e o ensino de História. Esse capítulo fundamenta teoricamente a pesquisa, proporcionando um contexto mais amplo para a análise dos dados.

Na sequência, no capítulo 3, intitulado “Entre o Sagrado e o Profano: Festejos religiosos e a Teia histórica da cidade de Caxias Maranhão”, mergulhamos na rica tradição dos festejos religiosos da cidade de Caxias. Analisamos quatro festejos significativos: o Festejo de São Sebastião, o Festejo de São Benedito, o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré e o Festejo de Santo Antônio. Cada seção é dedicada a explorar as particularidades, significados e impactos sociais de cada celebração, evidenciando como esses eventos refletem a história e a cultura local.

O quarto capítulo apresenta o produto educacional resultante da pesquisa: um caderno de atividades, voltado para professores do nono ano do Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de Caxias. Esse caderno tem como objetivo integrar as reflexões teóricas e práticas pedagógicas, promovendo a valorização do patrimônio imaterial e a identidade cultural por meio do ensino de História. O desenvolvimento

desse material educacional representa uma aplicação prática das descobertas da pesquisa e uma contribuição para educadores e alunos.

Por fim, as considerações finais da dissertação destacam a relevância dos festejos religiosos de Caxias (MA) como instrumentos significativos para o ensino de História, enfatizando sua contribuição à identidade cultural, memória coletiva e patrimônio imaterial. A pesquisa revelou que essas celebrações transcendem o âmbito religioso, servindo como expressões vitais da cultura local e promovendo a valorização do patrimônio imaterial. Através da elaboração de um caderno de atividades, foram propostas diretrizes para que os educadores integrem esses festejos ao currículo escolar, fortalecendo a conexão dos alunos com suas raízes culturais. Embora reconheça limitações em seu recorte geográfico e no foco no ensino fundamental, o estudo sugere a necessidade de pesquisas futuras em contextos mais amplos.

1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

De acordo com Barros (2009, p. 80), “[...] a metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação”. Na busca pela resposta da problemática proposta, esta pesquisa visa responder a seguinte questão: Como os festejos religiosos podem colaborar com o processo ensino-aprendizagem da História, na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio imaterial na cidade de Caxias (MA)?

1. 1 Pesquisa no Ensino de História: abordagem e tipo

A pesquisa em ensino de História busca compreender o processo de ensino-aprendizagem, identificando desafios, oportunidades e questões que afetam o ensino da disciplina. Ao fazer pesquisa os educadores podem desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes e contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de História. Seu intuito, também, visa desenvolver e aprimorar práticas de ensino mais eficazes. Ao investigar diferentes abordagens pedagógicas e estratégias de ensino, os educadores podem identificar as melhores maneiras de envolver os alunos e facilitar a compreensão de conceitos históricos.

De acordo com Barros (2009, p. 68), “[...] convém ao proponente de um Projeto de História desenvolver para si mesmo uma reflexão sincera sobre os limites sociais e acadêmicos que ele e seu tema deverão enfrentar”. A pesquisa serve como ponto de partida para alcançar novas fontes de saberes, determina o verdadeiro propósito do processo educativo pelo fato de possibilitar a relação do educando com uma grande variedade de informações sobre um ou vários assuntos.

Iniciar essa pesquisa é uma tarefa instigante e desafiadora, requerendo primeiramente do pesquisador o planejamento de um projeto, contendo os instrumentos apropriados para essa tarefa. Nessa concepção, de acordo com Barros (2009, p. 10), “[...] o projeto de pesquisa deve ser naturalmente um instrumento flexível, pronto a ser ele mesmo reconstruído ao longo do próprio caminho empreendido pelo pesquisador e seu objeto de estudo”.

Dessa maneira, as pesquisas buscam compreender e aprimorar o processo de ensino e aprendizado de História em contextos educacionais. Nesse sentido, realizar pesquisas em ensino de História é essencial para aprimorar a qualidade da educação,

desenvolver habilidades críticas nos alunos, promover uma compreensão mais profunda da história e do patrimônio cultural, e garantir que a educação histórica seja inclusiva, relevante e eficaz.

Nesse sentido, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. Na abordagem qualitativa existe o interesse em compreender os fenômenos em seus contextos naturais, interpretando-os de acordo com os significados que as pessoas atribuem a eles. Nesse sentido, a pesquisa buscou explorar as narrativas e os significados atribuídos aos festejos religiosos pelos professores de História.

Para Fonseca (2002, p. 32), “A abordagem qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Nesse tipo de pesquisa investiga-se uma pessoa ou grupo capacitado (sujeito da investigação), abordando um aspecto da realidade (objeto da investigação), com o objetivo de explorar e compreender os fenômenos.

Ainda de acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Desse modo, como toda pesquisa, partimos de um problema a ser respondido e, para tanto, precisamos de um caminho a ser percorrido para que a problemática inicial tenha possível resposta, que futuramente corresponderá a nossa inquietação, nos ajudando a pensar e elaborar nosso produto educacional. Esse caminho é a metodologia.

O tipo de pesquisa exploratória se deve à busca por novos conhecimentos e à identificação de aspectos relevantes ainda pouco estudados sobre os festejos religiosos. No nosso caso, compreendemos que os festejos realizados no município de Caxias, no Maranhão, vão para além das questões religiosas, fazendo parte da historicidade do município. Para Gil (2002, p. 41),

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

A pesquisa adotou tanto a natureza bibliográfica quanto a de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio da análise de jornais, dissertações e livros sobre os festejos religiosos no município. Essa etapa foi crucial para reunir dados secundários e contextualizar o tema. A pesquisa de campo consistiu na aplicação de questionários com professores de História, cujo objetivo era capturar suas percepções e os significados que atribuem aos festejos religiosos. Dessa forma, a pesquisa forneceu uma compreensão abrangente dos festejos religiosos, contribuindo para o desenvolvimento de um produto educacional que reflete a realidade e as expectativas da comunidade educacional local.

1. 2 Cenário da pesquisa

O cenário da nossa pesquisa é Caxias, um município no estado do Maranhão, situado no Meio Norte do Brasil. Segundo dados do IBGE (2022), é a quinta mais populosa cidade do estado, com uma população de 156.970 habitantes, com 206 escolas municipais e, aproximadamente, 30 mil estudantes do Ensino Fundamental. Segundo levantamento realizado na Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia, através do Censo Escolar, desses 30 mil estudantes temos 9.296, distribuídos em 48 escolas: 30 escolas na zona urbana e 18 escolas no campo, pertencentes ao Ensino Fundamental anos finais.

1. 3 Participantes da pesquisa

Tivemos como participantes da pesquisa os professores dos anos finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino da cidade de Caxias. São docentes, da área de História, com idades entre 23 e 57 anos e com experiência variando de 1 a mais de 26 anos em sala de aula, lecionando nas turmas do sexto ao nono ano. Para esta pesquisa, saber a idade do participante nos ajuda a entender se ela interfere ou não na sua vida profissional, principalmente em relação a sua experiência no ensino de História. O grupo inclui tanto homens quanto mulheres, majoritariamente, atuando na rede municipal, embora uma parte significativa também leccione no Ensino Médio na rede estadual. A escolha desses professores se deu por várias questões:

Os professores de História do Ensino Fundamental anos finais têm um conhecimento especializado na disciplina e estão familiarizados com o currículo de

história ensinado nesse nível. Isso os torna bem posicionados para fornecer informações relevantes sobre como a história local pode ser integrada ao currículo. Esses professores têm experiência prática no ensino de História em sala de aula no município e compreendem os desafios e oportunidades que surgem ao abordar tópicos locais. Suas perspectivas são valiosas para identificar abordagens eficazes.

Os professores de História do Ensino Fundamental anos finais muitas vezes têm laços fortes com suas comunidades locais. Eles podem estar cientes de recursos educacionais, históricos e culturais locais que podem ser incorporados ao ensino de história. Além disso, eles entendem as necessidades e interesses específicos de seus alunos em relação à história local.

Ao envolver os professores no processo de desenvolvimento de questionários e coleta de informações sobre o ensino de história local, você está obtendo feedback direto daqueles que implementarão essas estratégias em sala de aula. Isso pode ajudar a garantir que as abordagens propostas sejam realistas e aplicáveis.

A seguir, no Quadro 1, apresentamos os sujeitos participantes da pesquisa. O questionário foi respondido livremente e sem a obrigatoriedade de identificação: os professores tiveram a opção de responder o questionário sem fornecer informações pessoais se assim desejarem. Isso promove a participação voluntária e ajuda a garantir a confidencialidade das respostas, o que pode incentivar os professores a compartilhar suas opiniões de forma mais aberta.

Quadro 1 - Pseudônimos dos participantes da pesquisa

PSEUDÔNIMOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
Mariana Monteiro
Sílvia Almeida
Carlos Mendes
Helena Martins
Patrícia Nogueira
Renata Campos
Viviane Costa
Fábio Barbosa
Gustavo Pereira
Amanda Silva
Gustavo Barros
João Santos

Fonte: Pesquisadora, 2024.

1.4 Instrumento de pesquisa: o questionário

O questionário foi estruturado em quatro partes distintas, cada uma com um foco específico para entender melhor a integração dos festejos religiosos tradicionais no ensino de História em Caxias. Essa divisão permitiu uma abordagem abrangente e detalhada, garantindo que cada aspecto relevante seja abordado e proporcionando uma base sólida para a elaboração de estratégias pedagógicas eficazes e contextualizadas.

Quadro 2 - Estrutura detalhada do questionário de pesquisa

<p>Apresentação</p> <p>Princípio de conversa</p>	<p>Nome, idade, sexo, tempo na docência em História.</p> <p>Você pensa que esses conceitos podem contribuir para o processo de ensino aprendizagem da história local em Caxias? Como?</p>
<p>Parte 2 Abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação:</p>	<p>Em sua experiência como professor(a) em Caxias, os festejos religiosos tradicionais são abordados no contexto educacional? Caso a resposta seja SIM, como os festejos religiosos tradicionais são incorporados ao currículo educacional?</p> <p>Você aborda os festejos religiosos tradicionais nas suas aulas? Como? Enfrenta algum desafio para isso? Qual?</p>
<p>Parte 3: Relação entre Festejos Religiosos e Ensino de História:</p>	<p>Qual é a importância, na sua opinião, da relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias e o processo de ensino aprendizagem da história local?</p> <p>Você percebe algum impacto positivo na identidade cultural e na memória coletiva dos alunos que participam ativamente dos festejos religiosos tradicionais? Qual?</p>

	<p>Você concorda que o ensino de história local pode contribuir para o resguardo do patrimônio local em Caxias? Como? Por quê?</p> <p>Quais festejos religiosos realizados em Caxias os professores mais lembram e são mais relevantes para a história do município.</p>
Parte 4: Elaboração de Caderno de Atividades:	<p>Sobre a utilidade de um caderno de atividades com diretrizes e recomendações para a integração dos conteúdos sobre os festejos religiosos tradicionais no processo de ensino de história local em Caxias.</p> <p>Quais conteúdos os professores consideram úteis para o material que será elaborado como resultado da pesquisa?</p> <p>Que tipo de informações ou atividades você acharia mais relevantes nesse caderno?</p>

Fonte: Pesquisadora, 2024.

Nesse sentido, a estrutura do questionário levou em consideração os seguintes aspectos: inicia com uma apresentação, coletando dados sobre o nome, idade, sexo e tempo de docência em História. Em seguida, aborda a percepção dos professores sobre a contribuição de determinados conceitos para o ensino da história local em Caxias. A segunda parte examina a inclusão dos festejos religiosos tradicionais no currículo educacional, questionando se e como são incorporados e quais desafios são enfrentados. Na terceira parte, explora a relação entre os festejos religiosos e o ensino de História, discutindo a importância dessa conexão para a identidade cultural e memória coletiva dos alunos, além de investigar a contribuição do ensino de história local para a preservação do patrimônio. Por fim, a quarta parte busca identificar quais festejos religiosos são mais lembrados e relevantes, discutindo a utilidade de um caderno de atividades com diretrizes para a integração desses conteúdos no ensino de História, e solicitando sugestões sobre os conteúdos e atividades mais relevantes para esse material.

Nas pesquisas qualitativas são utilizados diversos instrumentos para a coleta de dados. No nosso caso, usamos como instrumentos questionários elaborados e aplicados pelo próprio pesquisador. Para a produção dos dados, os participantes da pesquisa foram convidados a responder um questionário em formato digital (Google Forms), com perguntas abertas e de múltipla escolha que foi disponibilizado via Whatsapp no grupo dos professores de História do município, ficando disponível por alguns dias, após a autorização para a realização da pesquisa.

Segundo Gil (2002, p. 116), “[...] a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos” O autor observa que diante da aplicação de um questionário, por exemplo, o pesquisador usa técnicas de interrogação que possibilitam a obtenção de dados a partir do ponto de vista dos pesquisados: isso significa que as técnicas de questionamento permitem obter informações diretamente das pessoas mais apropriadas. Em vez de apenas observar comportamentos, os pesquisadores podem perguntar aos indivíduos sobre suas opiniões, crenças, experiências e perspectivas.

A abordagem aconteceu durante o encontro pedagógico dos professores de História, que acontecesse mensalmente na cidade. Seguindo o procedimento descrito abaixo:

- Primeiramente, mediante pedido de autorização protocolado à Secretária municipal de educação, Professora Ana Célia Pereira Damasceno de Macedo.
- Posteriormente, entramos em contato com a coordenação municipal de História, apresentando o projeto e os objetivos da pesquisa, para que através destes possamos fazer o convite aos professores. Obtendo essa parceria lançamos o convite aos professores para que respondessem o questionário em formato digital (Google Forms), que foi disponibilizado via Whatsapp, no grupo dos professores de História do município.
- É importante frisar que deixamos os professores livres para decidirem fazer parte da pesquisa. Na oportunidade foram lhes entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- Os custos efetivos com a pesquisa, (despesas com a produção do questionário, digitação, correção e demais gastos) ficaram a cargo da pesquisadora, sem acarretar nenhum ônus aos colaboradores.

1. 5 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para organizar esse trabalho dividimos a construção em campos distintos: De acordo com Minayo (2001), “trabalho de campo” se refere à etapa em que os pesquisadores coletam dados empíricos, realizam entrevistas, observações e analisam materiais documentais, bibliográficos e instrucionais para fundamentar a construção teórica previamente elaborada. “A esse ritmo denominamos ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral” (Minayo, 2001, p. 26) Portanto, "campo" aqui não se refere a um local físico específico, mas sim ao ambiente prático e real onde a pesquisa é conduzida, em que os pesquisadores interagem diretamente com o objeto de estudo para obter informações concretas e válidas. Aproveitando esse pensamento, dividimos a construção desse trabalho em três campos distintos, abaixo explicados:

- **Pré-campo:** Inclui aulas no curso de mestrado do ProfHistória/ UESPI, Campus Parnaíba. Orientação e elaboração do projeto de pesquisa, investigações iniciais, levantamento de fontes bibliográficas e documentos relevantes, qualificação, e adequação, bem como a formulação dos instrumentos de pesquisa e preparação do questionário na plataforma Google Forms.
- **Campo:** Lançar o convite aos professores através da coordenação de História do município: O convite foi feito por meio da coordenação de História do município, que enviar mensagens ou comunicados aos professores. A coordenação de História é uma figura central que pode garantir que o convite chegue aos professores de forma organizada e confiável.
- O questionário foi disponibilizado na forma de um formulário online criado no Google Forms. Usar um formato digital simplifica o processo de coleta de dados, tornando-o mais conveniente e de fácil acesso aos professores. O convite para acessar o questionário foi compartilhado no grupo de WhatsApp dos professores de História. O WhatsApp é uma plataforma de comunicação amplamente utilizada e o grupo dos professores é um local apropriado para atingir o público-alvo.
- A disponibilização do questionário online aconteceu entre os dias 13 e 22 de maio de 2024: esse período foi escolhido para acomodar a disponibilidade dos professores e garantir que houvesse tempo suficiente para coletar dados

representativos. Sendo realizada a coleta dos dados por meio da análise das respostas obtidas na pesquisa com os professores.

- Os dados coletados foram analisados por meio da revisão e processamento das respostas do questionário. Isso indica que o objetivo final é usar as respostas dos professores para obter informações valiosas que podem ser usadas em futuras iniciativas ou tomadas de decisão relacionadas à educação no município e principalmente na elaboração do Caderno de Atividades.
- **Pós-campo:** Consiste na análise detalhada das respostas obtidas e reflexão crítica com base nos dados coletados, além das construções teóricas e epistemológicas que estão relacionadas ao fenômeno social complexo que envolvem os festejos religiosos tradicionais no processo de ensino-aprendizagem da História, considerando a perspectiva da identidade cultural e memória coletiva e elaboração do produto educacional.

1.6 Análise dos dados: análise do conteúdo

Inserida na concepção da análise de conteúdo, a escolha por essa abordagem na pesquisa sobre os festejos religiosos como objeto de estudo da história local se justifica pela compreensão de que “[...] a Análise de Conteúdo não procura o sentido 'verdadeiro', mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (Bardin, 1977, p. 44). Nessa perspectiva, os festejos religiosos são vistos como um lugar privilegiado para a análise das mensagens que disputam os sentidos sobre a religiosidade, a identidade e a memória na história local.

Consideramos que a análise de conteúdo parte do pressuposto de que “[...] todo enunciado é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação (Bardin, 1977, p. 44). Assim, as mensagens sobre os festejos religiosos, produzidas por diferentes atores sociais como as instituições religiosas, os poderes públicos e os próprios participantes das celebrações, estão sempre abertas a ressignificações e disputas de sentido.

Portanto, a análise de conteúdo permite compreender como as mensagens sobre os festejos religiosos se constituem em relação a outros discursos sociais e históricos, revelando as filiações históricas e as redes de significantes que organizam as memórias e as relações sociais em torno dessas celebrações. Dessa forma, a análise de conteúdo se mostra uma abordagem favorável para a compreensão dos

festejos religiosos como objeto de estudo da história local, permitindo desvelar as disputas simbólicas e ideológicas envolvidas na construção dos sentidos dessas celebrações e suas implicações para a constituição das identidades e memórias coletivas.

Na análise de conteúdo realizada, transcrevemos as respostas dos professores de História participantes da pesquisa sobre os festejos religiosos na história local. Essa transcrição das falas dos sujeitos é fundamental, pois “[...] todo enunciado é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro” (Bardin, 1977, p. 44).

Ou seja, a materialidade linguística das mensagens produzidas pelos participantes é o ponto de partida para a análise, pois é nela que se manifestam os jogos de sentido, a ideologia e o inconsciente que constituem essas mensagens. Além disso, a transcrição das respostas permite acessar o “interdiscurso”, ou seja, “o exterior” que conforma as mensagens dos sujeitos, revelando as filiações históricas, as memórias e as redes de significantes que organizam as representações sobre os festejos religiosos na história local e possibilidades do uso da temática em sala de aula.

1. 7 Aspectos éticos da pesquisa com seres humanos

A condução ética³ da pesquisa é essencial para garantir a integridade do processo e a proteção dos participantes. Nesse sentido, os pesquisadores adotaram procedimentos rigorosos para cumprir as Resoluções Nº 466/1996 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Ética na investigação envolvendo seres humanos: Apresentamos a explicação de como cumprir o previsto nas Resoluções vigentes do CNS: Resolução Nº 466/1996 e Nº 510/ 2016 e Apresentação dos modelos dos formulários para o cumprimento do previsto nas referidas Resoluções.

TECLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – para participantes maiores de idade: este documento é um acordo escrito que os participantes maiores

³ A pesquisa em questão não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) devido ao fato de que já estávamos na prorrogação do prazo estabelecido pelo PROFHISTÓRIA. Contudo, é importante ressaltar que seguimos rigorosamente todas as orientações e mantivemos a documentação necessária para assegurar os direitos dos participantes, em conformidade com as normas do comitê.

de idade devem assinar voluntariamente. Nele fornecemos informações claras e detalhadas sobre a pesquisa, incluindo seus objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios, bem como os direitos e responsabilidades do participante. O TECLÉ garante que os participantes compreendam completamente o que estão concordando em fazer ao participar da pesquisa. O mesmo foi fornecido aos professores participantes maiores de idade como parte do convite para responder ao questionário. Eles tiveram a oportunidade de ler o documento e, se concordassem em participar da pesquisa, deveriam assiná-lo para indicar seu consentimento.

Autorização Institucional para a realização da investigação: autorização oficial fornecida, primeiramente e mediante requerimento protocolado, à Secretária municipal de educação, Professora Ana Célia Pereira Damasceno de Macedo, que deu o aval para que pesquisa acontecesse. A coordenação de História do município garantiu que a pesquisa fosse conduzida de acordo com os regulamentos e normas estabelecidos.

Termo de Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito: este documento é um acordo pelo qual os participantes concordam em participar da pesquisa. Ele contém informações semelhantes ao TCLE, mas é uma versão mais curta e prática, destinada a ser assinada pelos participantes para indicar seu consentimento em participar da pesquisa, a ser incorporado ao TCLE. Os professores que concordaram em participar da pesquisa assinaram este termo para indicar seu consentimento formal. Ele foi obtido antes de os participantes responderem ao questionário online.

Sendo assim, primeiramente, os participantes maiores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio da plataforma Google Forms. O documento contém informações detalhadas sobre a pesquisa, demonstrando seu consentimento voluntário. Além disso, foi obtida a Autorização Institucional da Secretária Municipal de Educação, garantindo que a investigação estivesse de acordo com os regulamentos estabelecidos.

Por fim, os participantes assinaram o Termo de Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito (também por meio da plataforma Google Forms), um documento mais conciso que, também, atesta sua concordância em participar da pesquisa. Esses procedimentos éticos refletem o compromisso dos pesquisadores em respeitar os direitos e a dignidade dos envolvidos, contribuindo para a credibilidade e a confiabilidade do estudo.

1. 8 Produto Educacional

A CAPES (Brasil, 2019, p. 43) traz como definição para material didático: “[...] produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais”. Em consonância com essa normativa, o regimento geral do ProfHistória, estabelece que:

§ 2º – A dissertação pode assumir diferentes formatos como: texto dissertativo, documentário, exposição; material didático; projeto de intervenção em escola, museu ou espaço similar, dentre outros, à condição que incorpore as três dimensões anteriormente explicitadas (Regimento Geral do ProfHistória, 2020).

Dessa maneira, o Produto Educacional vai se estabelecer como o cumprimento de uma norma do curso para a conclusão do mesmo. Assim o produto educacional que estamos propondo será o resultado da pesquisa “O ensino de história e a valorização do patrimônio imaterial em Caxias (MA): Os Festejos Religiosos como Expressão da Identidade e Memória Coletiva” e destinado a professores do Ensino Fundamental II, sexto ao nono, da rede municipal de ensino de Caxias”, a partir das reflexões teóricas e da contribuição dos professores de História do município.

O caderno de atividades é um instrumento didático destinado a professores, com o objetivo de enriquecer as aulas de história local. Ele não apenas serve como fonte de consulta sobre a história, a memória e a identidade do povo caxiense, mas também busca oferecer ao professor um material que contribua efetivamente para o ensino da história local. Além disso, alinha-se às Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica do Estado do Maranhão e à Proposta Curricular do Município de Caxias. Segundo Brasil (2019, p.18):

[...] o currículo (proposta por município) deve contribuir para a total e plena construção da identidade dos estudantes, bem como para estimular suas capacidades, competências, discernimento e análise crítica e teóricos da educação, em especial os do Ensino de História.

É, portanto, uma ferramenta que promove a valorização da história local, permitindo que os alunos compreendam a sua própria identidade e a importância de sua história no contexto mais amplo da sociedade.

2. REVISÃO DE LITERATURA: O Papel do Ensino de História na Construção da Identidade Cultural e Memória Coletiva

Nessa seção apresentamos a revisão de literatura basilar para a realização desta pesquisa, ou seja, os conceitos de Ensino de História Local, Patrimônio Cultural imaterial, Memória Coletiva e Identidade Cultural para o processo ensino-aprendizagem da História no município de Caxias (MA).

2. 1 O ensino da História local

A história local, como um campo de estudo mais distinto, ganhou destaque durante a segunda e terceira geração dos Annales. Esses historiadores contribuíram para a valorização da observação minuciosa da realidade local como uma maneira importante de compreender a história em um contexto mais amplo. O historiador Helder Alexandre Medeiros de Macedo (2017) sugere que a partir da escola dos Annales, os historiadores passaram a reconhecer que a história local podia ser uma lente valiosa para explorar esses conceitos em nível micro, observando como as estruturas e processos mais amplos se manifestavam em comunidades específicas.

Nas décadas de 1950 e 1960, com a segunda geração dos Annales, começaram a surgir os estudos de história local de maneira mais avançada. Historiadores como Fernand Braudel, que foi influente nessa época, defenderam a ideia de que a história local deveria ser uma parte importante da pesquisa histórica. Eles argumentaram que, ao estudar as realidades locais, era possível entender melhor os processos históricos em níveis regionais, nacionais e globais. Essa ênfase na observação recortada da realidade. Assim, “O lugar enquanto objeto de estudo também passou a ser alvo dos interesses de historiadores ligados à Escola dos Annales”. (Macedo, 2017, p. 66). Mas o que seria esse “lugar” na historiografia? De acordo com a compreensão de Macedo (2017, p. 68):

Quando falamos em lugar não estamos, apenas, falando da dimensão local dentro da qual está inserido o historiador que produz o seu texto. Tampouco estamos nos referindo, apenas, ao recorte espacial de um certo estudo monográfico (uma rua, um município, uma cidade, um bairro, a exemplo). Queremos dizer que nenhum lugar está dado previamente, ou existe desde sempre, mas se constitui enquanto construção, seja do historiador, seja das pessoas que o praticaram ao longo do tempo.

De fato, quando falamos sobre “lugar” no contexto da história local, estamos nos referindo a uma construção social e cultural, em vez de uma entidade estática e pré-existente. Ao estudar a história local, os historiadores não apenas documentam o que aconteceu em um local específico, mas também exploram como a ideia desse lugar foi moldada, construída e transformada pela interação humana e pelas mudanças ao longo do tempo. Nesta concepção, podemos entender que a construção do lugar está intimamente ligada à identidade das pessoas que habitam ou têm uma conexão com aquele espaço. A memória coletiva desempenha um papel fundamental na construção dessas identidades locais.

Segundo Circe Bittencourt (2008, p. 280), ensino de história local é fundamental para que os alunos compreendam a importância das fontes históricas não escritas na construção do conhecimento histórico. Para isso é essencial fazer um direcionamento do "olhar" do aluno para elementos como construções, telhados das casas, planejamento urbano, plantações, instrumentos de trabalho e memória oral de pessoas comuns. Essas "marcas do passado" se transformam em material de estudo e devem ser identificadas pelos alunos durante o estudo do meio.

O estudo da história local desempenha um papel fundamental no ensino de História. Ele oferece uma perspectiva que permite aos estudantes conectarem-se de maneira mais pessoal com o passado e compreenderem como os eventos globais e nacionais afetaram suas próprias comunidades e vidas. Ao mesmo tempo, o conhecimento da história local contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas em relação aos lugares onde vivem, ele permite que as comunidades se reconheçam em sua própria história e cultura, o que é essencial para a construção da identidade local e nacional.

Nadai (1993, p. 159), ao se indagar acerca das futuras perspectivas sobre a problemática do ensino de História, observa a tendência da:

Superação da dicotomia ensino e pesquisa. Compreende-se que o ponto de partida do currículo deve ser resultante da interação alunos/professor, do meio social. O fundamental tem sido resgatar a historicidade dos próprios alunos. Nesse aspecto, há numerosas experiências que vêm sendo vivenciadas por professores, de forma isolada ou conjunta, e que se encontram publicadas.

A superação da dicotomia entre ensino e pesquisa promove um ambiente de aprendizado mais envolvente, no qual os alunos se tornam participantes ativos na

construção do conhecimento e desenvolvem habilidades de pesquisa, pensamento crítico e resolução de problemas. Assim, em vez de considerar o ensino e a pesquisa como atividades separadas, essa abordagem os combina de modo a enriquecer a experiência de aprendizado dos alunos e promover um ambiente de aprendizado mais dinâmico.

Todavia, a história local não deve ser vista apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas como uma estratégia pedagógica que promova a reflexão crítica sobre o contexto social em que os alunos estão inseridos. Essa abordagem permite que os estudantes desenvolvam um senso de pertencimento e uma consciência histórica que os capacita a entender e questionar sua realidade, conforme enfatizado por Gramsci (1982, p. 131):

A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares: o “certo” de uma cultura evoluída toma-se “verdadeiro” nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação. Daí porque é possível dizer que, na escola, o nexu instrução educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos, sendo também. Consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior.

Nesse sentido, desconexão entre a cultura escolar e a realidade vivida pelos alunos se relaciona diretamente com a importância do ensino de história local na formação da identidade dos estudantes. O ensino de história local propõe uma abordagem que valoriza as experiências e as narrativas dos indivíduos comuns, permitindo que os alunos reconheçam sua própria história e a de suas comunidades como parte integrante do processo educativo. Ao conectar a história local com as vivências dos alunos a educação se torna um espaço onde a identidade é construída e reforçada, alinhando-se com a crítica gramsciana de que a educação deve ser um reflexo das realidades sociais e culturais dos estudantes.

Nesse contexto, o currículo deve ser desenvolvido com base na interação entre professores e alunos, levando em consideração o contexto social, histórico e cultural em que a educação ocorre. Essa interação é fundamental para tornar o aprendizado mais relevante e significativo, permitindo que os alunos vejam a conexão entre o que aprendem na escola e suas próprias vidas. Uma das metas dessa concepção

educacional é reconhecer a importância da história pessoal e das experiências de vida dos alunos no processo de aprendizado. Incorporar elementos da história local e das vivências individuais no currículo não apenas enriquece o conteúdo, mas também promove um ambiente de aprendizagem inclusivo, onde todos os alunos se sentem representados e valorizados. Assim, a educação se torna um meio de fortalecimento da identidade, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. A inclusão de diferentes perspectivas é fundamental para o ensino de história local, conforme constatado por Macedo (2017, p. 70):

Pelo menos dois tipos de intelectuais produzem estudos de História Local: aqueles ligados ao universo acadêmico e os que não têm ligação com a universidade. Estes últimos, conquanto, na maioria das vezes, não possuam formação universitária – e, diga-se de passagem, na área de História.

Essa diversidade de produtores de estudos de história local, incluindo tanto intelectuais acadêmicos quanto não acadêmicos reflete a importância e o interesse pela história local em diferentes setores da sociedade. Ao incorporar elementos da história local no currículo escolar, como proposto no primeiro parágrafo, os professores podem aproveitar essa riqueza de conhecimento produzido por diversos tipos de intelectuais para enriquecer o aprendizado dos alunos e promover uma educação mais relevante e significativa.

Quanto ao ensino de História, De acordo com Bittencourt (2008), conforme o disposto em algumas propostas curriculares dos estados e municípios, o mesmo está presente em todos os níveis de ensino e, com a Geografia, constitui uma das bases essenciais do conhecimento das ciências humanas a partir das séries iniciais até o término do ensino básico.

A presença da história em todos os níveis de ensino, desde as séries iniciais, reforça a importância de uma abordagem curricular que valorize a história local e as experiências de vida dos alunos. Ao conectar o conteúdo histórico com o contexto social, histórico e cultural dos alunos, como enfatizado no primeiro parágrafo, os professores podem tornar o aprendizado mais significativo e promover o desenvolvimento de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade e papel na sociedade.

O ensino de história local deve configurar-se como um espaço de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, como referência para o processo de

construção das identidades dos sujeitos e de seus grupos de pertencimento, a mesma desempenha um papel fundamental na educação, pois não apenas enriquece o conhecimento dos alunos sobre o passado, mas também os capacita a entender melhor o mundo em que vivem e a enfrentar os desafios do presente de maneira informada e crítica, como observa Bittencourt:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência escola, casa, comunidade, trabalho e lazer, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (Bittencourt, 2008, p. 168).

Nesse viés, história local oferece uma visão única e enriquecedora da história ao destacar as experiências das pessoas comuns e suas interações em uma variedade de contextos sociais. Ela ajuda os alunos a compreenderem melhor a complexidade do passado e a relação entre história, identidade e cidadania. Bittencourt (2008) chama atenção para os cuidados que devemos ter ao estudar a história local. Para a autora, é importante colaborar com geógrafos e outros especialistas em ciências espaciais para garantir uma análise completa e precisa do contexto geográfico e espacial em que os eventos históricos ocorreram.

Isso se dá, porque o conceito de lugar, em particular, desempenha um papel crucial ao destacar a importância dos locais específicos na formação da história local e regional, o mesmo está intrinsecamente ligado à identidade das pessoas e comunidades. Os lugares desempenham um papel importante na formação da identidade cultural e no senso de pertencimento das pessoas. O espaço fornece o contexto geográfico necessário para entender como eventos históricos se desenrolaram em uma área específica. Isso ajuda a conectar eventos locais a tendências regionais e globais.

Certeau (1982) afirma que a produção histórica não é um processo isolado, mas está intrinsecamente ligada ao seu contexto e às influências sociais que atuam sobre ela. Para o autor, a história é moldada pelo ambiente social e diferentes elementos em que ocorre e com as expectativas, preocupações ou interesses da sociedade, que desempenham um papel na maneira como a história é registrada e interpretada, e diz:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da 'realidade' da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas 'científicas' e de escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas (Certeau, 1982, p. 66).

Diante do exposto, a partir da nossa concepção, os métodos de análise e a construção do texto histórico, deve ser encarada como uma operação, o que implica que sua compreensão não é simples, mas sim um processo complexo com elementos complexos, que compreendemos da seguinte forma:

- Lugar social: A história está intrinsecamente ligada a um contexto específico, que pode ser um local geográfico, um grupo social, uma profissão ou outro tipo de ambiente. Esse contexto influencia a maneira como a história é escrita e interpretada.
- Procedimentos de análise: A análise histórica envolve métodos e disciplinas específicas, que os historiadores utilizam para investigar e compreender eventos passados. Isso inclui a pesquisa de fontes, a interpretação de evidências e a aplicação de teorias e conceitos.
- Construção de um texto: O resultado final da operação histórica é a criação de um texto histórico. Isso pode ser um livro, um artigo, um ensaio ou qualquer outra forma de registro que narre e interprete eventos do passado.

A história não é apenas uma representação da realidade, mas também faz parte dessa realidade. Ela é uma atividade humana que influencia e é influenciada pelas sociedades e culturas em que é praticada. Certeau (1982) também esclarece que a pesquisa historiográfica não ocorre em um vácuo, mas está sempre vinculada a um lugar, ambiente social, econômico, político e cultural. Isso significa que os historiadores que conduzem a pesquisa são influenciados e moldados pelo contexto em que trabalham.

Nora (1993) destaca que três sentidos (material, simbólico e funcional) coexistem sempre em um lugar de memória. Mesmo que um lugar pareça ser predominantemente material ou funcional em sua natureza ele ainda deve ter uma dimensão simbólica para ser verdadeiramente considerado um lugar de memória. Esses elementos trabalham juntos para preservar e transmitir a memória de eventos, pessoas ou momentos significativos da história. O autor discute a natureza dos “lugares de memória” e como eles têm uma presença simultânea em três sentidos distintos: material, simbólico e funcional:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o reveste de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três coexistem sempre (Nora, 1993, p. 21-22).

A partir dessa explicação os lugares de memória têm uma dimensão material, o que significa que eles existem fisicamente como espaços, objetos ou documentos. Além da dimensão material, os lugares de memória também possuem uma aura simbólica. Os lugares de memória também têm uma função específica relacionada à preservação e transmissão da memória. Em resumo, os lugares de memória são elementos centrais no ofício do historiador, fornecendo fontes, contexto e significado para a pesquisa e a narrativa histórica. Eles desempenham um papel fundamental na preservação da memória e na construção da compreensão coletiva do passado.

No contexto das discussões sobre lugares, locais de vivência dos alunos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que serve como o principal guia para a educação em todo o Brasil, estipula, em seu Artigo 26, que as instituições de ensino do país devem desenvolver um currículo que inclua tanto elementos compartilhados em todo o território nacional, como uma componente diversificada que leve em consideração as particularidades locais e regionais de cada região, como podemos observar:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada,

exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 2020, p. 20).

Além disso, a lei também prevê a existência de uma “parte diversificada” nos currículos. Essa parte diversificada é flexível e pode variar de acordo com as especificidades de cada sistema de ensino (como estaduais e municipais) e de cada estabelecimento escolar. Ela deve ser adaptada para atender às características regionais e locais, considerando fatores como a cultura, a economia e as necessidades dos estudantes de cada região.

Isso significa que, enquanto há uma estrutura de conteúdo que é uniforme em todo o país para garantir uma base educacional sólida, as escolas têm a flexibilidade de adaptar parte de seus currículos para abordar questões específicas e relevantes à sua localidade. Isso pode incluir temas regionais, culturais, econômicos e sociais que são importantes para a formação dos estudantes naquele contexto específico.

No que se refere à componente diversificada dos currículos, mencionada no referido documento, a Lei faz uma referência adicional ao ensino da história local no Artigo 35-A, conforme estabelecido em seu Parágrafo 1:

A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação [...] § 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural (Brasil, 2020, p. 26).

O objetivo é garantir que a educação seja contextualizada e relevante, de modo que os estudantes possam relacionar o que aprendem com as realidades locais, tornando a aprendizagem mais significativa e aplicável em suas vidas. Em resumo, a LDB promove um equilíbrio entre uma base nacional comum para garantir a qualidade educacional e a diversificação curricular para atender às particularidades de cada região do Brasil.

Sendo assim, a BNCC, tomando emprestado um texto presente no CNE/CP nº 3/2004, endossa que compete aos sistemas educacionais, bem como às instituições de ensino, dentro de seus âmbitos de autonomia e competência, a inclusão, nos currículos e nas propostas pedagógicas, da abordagem de temas contemporâneos que impactam a experiência humana em níveis locais, regionais e globais. Essa incorporação deve ser realizada de maneira preferencialmente transversal e

integradora, promovendo uma compreensão completa e interconectada desses temas.

Quando especificamos as peculiaridades do Maranhão, temos que levar em consideração que é o segundo maior em extensão territorial na região Nordeste, abrangendo uma área de 331.937,450 quilômetros quadrados, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por conta dessa grandiosidade, o estado se divide em cinco mesorregiões: norte, centro, leste, oeste e sul; e essas mesorregiões abrigam um total de 21 microrregiões, que por sua vez englobam os 217 municípios do estado.

Além de apresentar essa rica diversidade, o estado do Maranhão é notável por ser um dos estados mais miscigenados do Brasil. De acordo com dados do IBGE, quase 70% da população se identifica como “parda”, resultado da convivência predominante de três grupos étnicos: os indígenas nativos; os africanos, que chegaram em grande número para trabalhar nas plantações como escravizados; e os europeus portugueses, que exploraram as vastas riquezas naturais encontradas no Brasil.

O Documento Curricular do Território Maranhense orienta que os componentes curriculares considerem essas especificidades regionais, de modo a tornar o ensino mais contextualizado e significativo para os estudantes maranhenses. Diante dessas condições, a ideia de conectar o currículo à vivência prática dos estudantes e à comunidade é apontado também no DCTMA (Brasil, 2019). O documento faz uma orientação para todos os componentes curriculares, estabelecendo o seguinte:

Além do conteúdo das disciplinas, o currículo deve estar relacionado com a vivência prática do estudante, da escola, da comunidade, da cidade e do estado. A partir do aprendizado em sala, das experiências vividas, dentro e fora da escola e, ao relacioná-los, a aprendizagem será significativa, favorecendo a formação da personalidade, além de ser um motivador para que se aprenda mais e conscientemente, pois o estudante terá condições de se perceber como partícipe do processo (Brasil, 2019, p. 10).

Neste sentido, destaca a importância de tornar o currículo escolar mais relevante e significativo para os estudantes, indo além do mero conteúdo das disciplinas. O currículo não deve ser apenas uma lista de matérias a serem estudadas, mas deve se conectar com a vida real dos estudantes. Isso significa que o que é ensinado na escola deve ter aplicação prática na vida cotidiana dos alunos.

De acordo com o Documento Curricular do Território Maranhense (Brasil, 2019), as características mais comuns da religiosidade maranhense incluem um catolicismo popular, com manifestações como rezas, orações e devoção a santos; culturas indígenas, com divindades e rituais de cura; e culturas africanas, com ritos e tambores.

A integração da história afro-indígena na história local, por exemplo, é fundamental para reconhecer o passado e o presente do município, promovendo a compreensão intercultural, o respeito pelos direitos e uma narrativa de história local mais completa e autêntica. As comunidades indígenas (na maior parte do país) ainda estão presentes nas regiões locais e continuam a desempenhar um papel vital na vida contemporânea. Portanto, a história indígena não é apenas algo do passado, mas também uma parte importante do presente.

2. 2 Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil

A noção de patrimônio no Brasil possui uma história rica e complexa, que se desenvolveu ao longo de várias décadas e reflete as mudanças na compreensão da identidade cultural e na preservação do legado histórico do país. Essa noção de patrimônio no Brasil evoluiu de uma perspectiva mais voltada para a colonização e os interesses da elite para uma compreensão mais inclusiva que abrange a diversidade cultural do país.

Chuva (2020) aponta que, no Brasil, com a proclamação da República em 1889, surgiram as primeiras iniciativas mais organizadas de preservação do patrimônio. Posteriormente, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado, sob a liderança de Mário de Andrade, como o primeiro órgão governamental dedicado à preservação do patrimônio cultural. Sendo que foi durante esse período, que o SPHAN lançou campanhas de restauração de monumentos históricos e promoveu o registro e a valorização do patrimônio cultural brasileiro, incluindo o patrimônio imaterial, como festas e tradições populares.

Todavia, as discussões sobre a importância da preservação do patrimônio no Brasil ainda são muito recentes. Podemos citar que os conceitos referentes a patrimônio imaterial, por exemplo, surgem como ideia de complementar ao conceito de patrimônio material para salvaguardar os patrimônios culturais. No Brasil, embora práticas similares sejam identificadas já na década de 1930, o termo emerge no fim dos anos de 1980 objetivando a conservação do patrimônio remanescente do período

colonial e do caráter nacionalista da cultura brasileira, estabelecendo o marco legal para a política do patrimônio à Constituição de 1988, como observa Vianna (2016, p. 1):

Nesse caso, conceito de patrimônio imaterial se estabelece como os [...] sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em suas coletividades.

De qualquer modo, a definição abrangente do patrimônio cultural imaterial na Constituição inclui elementos como “[...] formas de expressão, modos de criar, fazer e viver” e reconhece que esses aspectos culturais são portadores de “referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Isso abrange uma gama de elementos, como festas, rituais religiosos, práticas culinárias, conhecimentos tradicionais, técnicas artesanais, música, dança, oralidade, entre outros.

Contudo, a primeira iniciativa oficial de reconhecimento do patrimônio imaterial brasileiro veio somente no ano de 2000, com a publicação do Decreto nº 3.551, que institui os processos de inventários e registro como reconhecimento do patrimônio imaterial. O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, é uma norma importante no contexto da preservação do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Ele instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), além de consolidar o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR). Para entender um pouco mais desses elementos, faremos uma breve explicação.

No que diz respeito ao Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, este se refere à documentação e reconhecimento de práticas, expressões, saberes, celebrações e manifestações culturais que fazem parte do patrimônio cultural imaterial do Brasil. Isso inclui tradições, festivais, rituais, músicas, danças, artesanato, culinária e outras manifestações culturais que são transmitidas de geração em geração. O registro visa preservar e promover a diversidade cultural do país.

Quanto ao Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), este foi criado para coordenar as ações relacionadas à preservação do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Ele envolve o apoio aos projetos de pesquisa, documentação, promoção e salvaguarda dessas manifestações culturais. O PNPI tem como objetivo garantir a

continuidade e a valorização das tradições culturais que compõem o patrimônio imaterial do país.

Enquanto isso, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR) é uma ferramenta de registro e documentação que contribui para a identificação e preservação do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Ele serve como um banco de dados que reúne informações sobre as diversas manifestações culturais presentes no país, auxiliando na pesquisa e na promoção desses bens culturais.

Os bens culturais de natureza imaterial, como tradições, rituais, histórias, músicas e danças, fazem parte da identidade cultural de uma sociedade e podem ser recursos valiosos para o ensino e a aprendizagem. O ensino de História desempenha um papel importante na preservação e promoção do patrimônio cultural, tanto material como imaterial, pois permite que as gerações atuais compreendam e apreciem as raízes culturais, as mudanças ao longo do tempo e a diversidade das práticas humanas.

Ao ensinar História, é fundamental abordar não apenas os eventos e figuras históricas, mas também as tradições e práticas culturais que moldaram as identidades das comunidades. Incorporar o patrimônio cultural imaterial no ensino de História ajuda os alunos a se conectarem com o passado de maneira mais profunda e significativa. Isso também pode promover o respeito pela diversidade cultural e pelo legado das diferentes culturas ao redor do mundo.

Esse caráter, relacionado à riqueza e diversidade culturais, fica expresso na afirmação de Reis (2023), que descreve um tipo de catolicismo marcado por uma ostentação visual e uma pompa ritualística, principalmente evidenciada em eventos como missas, procissões e funerais. Essa manifestação da fé católica é apresentada como extravagante, com templos ricamente decorados, corais e orquestras acompanhando as cerimônias e uma participação massiva de pessoas em eventos como procissões e funerais grandiosos.

Sobre isso, Coimbra (2019, p. 403) relata que “Os festejos religiosos têm também grande importância no processo da formação da mentalidade religiosa do povo brasileiro”, indicando que as celebrações religiosas desempenharam um papel significativo na maneira como o povo brasileiro desenvolveu sua fé e compreensão religiosa ao longo do tempo. A autora narra que “[...] através da participação nessas festas e procissões a população encontra elementos tranquilizadores e protetores”

(Coimbra, 2019, p. 403). Isso sugere que as pessoas buscam consolo espiritual e segurança emocional por meio dessas práticas religiosas.

Em termos gerais, a palavra patrimônio é de origem romana “patrimonium” e significa “[...] bem de herança que é transmitido dos pais para os filhos por força da lei” (Choay, 2001, p. 11), uma vez que são, como defende Franco (2019, p. 16), “[...] legados que os que nos antecederam deixaram para nós e que daremos continuidade, constituindo-se como referências identitárias, daí a denominação Patrimônio Culturais”.

Para Pelegrini (2007), Patrimônio cultural pode ser definido como conjunto de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em sua totalidade, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, portanto às manifestações culturais, próprias de povo, são elementos de identificação dos povos.

Para Zanirato (2009), patrimônio é compreendido como os elementos materiais e imateriais, naturais ou culturais, herdados do passado ou criados no presente, no qual um determinado grupo de indivíduos reconhece sinais de sua identidade. O reconhecimento e a proteção do patrimônio são questões importantes tanto a nível nacional quanto internacional; e existem várias organizações e convenções, como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que trabalham na preservação e valorização do patrimônio em todo o mundo. É importante destacar que o conceito de patrimônio pode variar de acordo com as perspectivas culturais, sociais e históricas de diferentes grupos e comunidades.

Sob o olhar de Pelegrini (2007, p. 23), “[...] quando tratamos dos bens culturais imateriais estamos lidando não apenas com saberes, celebrações ou rituais, mas também com as formas do homem se conectar ao lugar onde vive no tempo”. Dessa forma, a expressão “bens imateriais” está vinculada a uma acepção “moderna” da Antropologia, para qual a cultura se fundamenta nas “relações sociais ou nas relações simbólicas, mas não especificamente nos objetos materiais e nas técnicas”. A autora enfatiza que “[...] apesar de a globalização tender a homogeneizar as culturas, a valorização das práticas populares tradicionais impõe-se na contemporaneidade, pois essas atitudes estão imbricadas com as noções de pluralidade, de inclusão social e de cidadania” (Pelegrini, 2008, p. 159).

Conforme estabelecido na Constituição Federal Brasileira de 1988, os bens de natureza material ou imaterial podem constituir o patrimônio cultural brasileiro. Esses

bens podem ser considerados individualmente ou em conjunto, desde que sejam portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...) (Brasil, 1988, Art. 216).

Essa definição ampla de patrimônio cultural abrange uma variedade de elementos e envolve vários bens. A inclusão desses bens no patrimônio cultural brasileiro visa proteger e preservar a diversidade cultural do país, reconhecendo sua importância na construção da identidade nacional e na valorização da história e do legado cultural das comunidades que formam a sociedade brasileira.

Todavia, as discussões sobre a importância da preservação do patrimônio no Brasil, ainda são muito recentes. Podemos citar que os conceitos referentes a patrimônio imaterial, por exemplo, surgem como ideia de complementar ao conceito de patrimônio material para salvaguardar os patrimônios culturais. No Brasil, embora práticas similares sejam identificadas já na década de 1930, o termo emerge no fim dos anos de 1980, objetivando a conservação do patrimônio remanescente do período colonial e do caráter nacionalista da cultura brasileira, estabelecendo o marco legal para a política do patrimônio à Constituição de 1988.

Nesse caso, conceito de patrimônio imaterial se estabelece como os [...] sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em suas coletividades (Vianna, 2016, p. 1).

Em vista dessa questão, é importante mencionar o quão se faz necessário, o processo de valorização cultural do patrimônio local, tanto no campo da materialidade, como da imaterialidade, pois isso se torna uma maneira de criar articulações entre a escola e a história da cidade, entre a sala de aula e o estudante, levando em conta que o processo de aprendizagem se desenvolve nesse espaço privilegiado que é a escola, em que: “[...] conteúdos, métodos e avaliação constroem-se no cotidiano e nas relações entre professores e alunos” (Bittencourt, 2008, p. 50). Sobre a importância da educação patrimonial, Teixeira (2008, p. 206), observa a importância da educação patrimonial, quando diz:

Ações educativas nesse sentido são importantes na medida em que os indivíduos precisam, para se reconhecerem e se diferenciarem de outros, de um “espelho” onde seja possível ver a própria vida, a própria cultura, a própria história e as próprias práticas e, com isso, construir a sua memória afetiva e sua identidade cultural.

Quando as pessoas têm a oportunidade de aprender sobre suas origens, história e tradições, elas adquirem um senso de pertencimento e conexão com sua cultura. Isso lhes permite desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmas e dos outros, e contribui para a construção de uma identidade cultural sólida. O ensino de História desempenha um papel crucial na transmissão desse material histórico e na formação da memória coletiva.

Nesse sentido, os professores de História selecionam e apresentam os eventos e interpretações históricas aos alunos, ajudando-os a compreender o passado e a refletir sobre suas conexões com o presente. O ensino de História não se limita apenas à transmissão de fatos históricos, mas também envolve o desenvolvimento de habilidades de análise crítica, interpretação e pensamento histórico. Desse modo, a educação histórica não apenas fortalece a conexão das pessoas com sua cultura, mas também as capacita a compreender melhor sua própria história e a história do mundo.

Essas preocupações são originárias da necessidade da reflexão acerca da memória social, atreladas aos lugares de memória, e o papel que o ensino de História exerce nessa concepção, como compreende Bittencourt (2008, p. 277).

A educação patrimonial integra atualmente os planejamentos escolares, e especialmente os professores de História têm sido convocados e sensibilizados para essa tarefa, que envolve o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que a sociedade estabelece com ele: como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado.

Nessa tarefa fundamental, especificamente, os professores de História têm sido convocados e sensibilizados para desempenhá-la. Eles são responsáveis por criar atividades educativas que despertem o interesse dos alunos pelo patrimônio cultural e histórico, tornando o aprendizado mais significativo e envolvente. No entanto, é importante destacar que a educação patrimonial não se limita à disciplina de História. Ela pode ser integrada a várias disciplinas, como Geografia, Literatura, Artes, Ciências Sociais e outras. Isso ajuda os alunos a compreenderem como o patrimônio cultural está interligado com diversas áreas do conhecimento.

A educação patrimonial busca promover a valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural, bem como a compreensão das relações sociais e culturais estabelecidas ao longo do tempo. Os alunos são incentivados a conhecer e refletir sobre a importância do patrimônio, entendendo como ele é preservado e porque é relevante para a sociedade.

Além disso, a educação patrimonial busca desenvolver habilidades como pesquisa, análise crítica, interpretação de fontes históricas e trabalho em equipe. Os alunos são encorajados a realizar visitas a locais históricos, museus e exposições, e a participar de projetos que envolvam a preservação e valorização do patrimônio local.

Dessa forma, a educação patrimonial contribui para a formação de cidadãos conscientes de sua identidade cultural e histórica, capazes de compreender e valorizar o legado deixado pelas gerações anteriores, bem como de se engajar na preservação e promoção do patrimônio para as futuras gerações.

Por essa via, essas preocupações são originárias da necessidade da reflexão acerca da memória social, atreladas aos lugares de memória, e Bittencourt (2008, p. 278) observa que em virtude disso “[...] o compromisso educacional orienta-se por objetivos associados a pluralidade das nossas raízes e matrizes étnicas”.

2. 3 Memória Coletiva

Através da educação, da comunicação e da preservação de registros históricos, as pessoas podem acessar e lembrar eventos que ocorreram muito antes de seu próprio tempo. Essa transmissão de conhecimento e memória coletiva é um aspecto essencial da cultura humana e da continuidade das sociedades ao longo do tempo.

De acordo com Le Goff (2013, p. 387), a memória, “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Nesse sentido, a memória humana inclui não apenas eventos que as pessoas experimentaram diretamente, mas também eventos que foram transmitidos por meio de histórias, registros escritos, mídia e outros meios de comunicação.

Isso significa que as pessoas podem se lembrar de acontecimentos que ocorreram antes de seu próprio nascimento ou de eventos que aconteceram em locais distantes dos quais nunca estiveram presentes. Essa característica da memória

humana é fundamental para a transmissão de conhecimento, cultura e história ao longo das gerações.

Nesse sentido, Le goff (2013) corrobora com o mesmo pensamento de defendido por Pollak (1989), quando este se reporta aos elementos que constituem a memória: os acontecimentos vividos pessoalmente e o que ele denomina, acontecimentos “vividos por tabela”. De acordo com o autor, esses elementos constituem a base da memória, seja ela individual ou coletiva. Eles moldam a identidade de uma pessoa e a conecta à sua comunidade e cultura, permitindo que ela compartilhe experiências e referências com outros membros do grupo. A interação entre memórias pessoais e memórias compartilhadas é fundamental para a compreensão da complexidade da memória humana.

Os festejos religiosos são um exemplo vívido de como os elementos da memória podem ser vividos tanto individualmente quanto por tabela. Podemos constatar facilmente esses elementos da memória vividos Individualmente, diante das seguintes evidências: as pessoas frequentemente têm memórias pessoais de festejos religiosos que participaram ao longo de suas vidas. Isso pode incluir memórias de celebrações de datas religiosas, rituais, orações, e outros aspectos das práticas religiosas que elas vivenciaram diretamente. Cada pessoa pode ter experiências únicas e significativas durante esses eventos religiosos que se tornam parte de sua memória pessoal.

Nessa perspectiva, apontamos os elementos da memória vividos por tabela, ou seja, as que são partilhadas pelo grupo, como: as tradições religiosas, os festejos religiosos frequentemente envolvem tradições e rituais compartilhados por uma comunidade religiosa mais ampla, as pessoas podem compartilhar memórias coletivas de participar dessas tradições e rituais mesmo que não tenham participado individualmente de todas as celebrações. Além das práticas contemporâneas, os festejos religiosos, muitas vezes, estão enraizados em histórias religiosas antigas e eventos significativos para a fé. A participação em festejos religiosos também contribui para a construção da identidade religiosa e cultural das pessoas. A memória coletiva dessas celebrações pode influenciar a forma como os indivíduos se identificam com sua religião e comunidade.

Em resumo, os festejos religiosos incorporam tanto elementos da memória vividos individualmente, por meio das experiências pessoais e emoções, quanto elementos vividos por tabela, por meio das tradições compartilhadas, história religiosa

e identidade cultural. Essa interação entre memória individual e coletiva é fundamental para a compreensão de como as pessoas se relacionam com suas crenças religiosas e participam de celebrações religiosas.

Rüsen (2015, p. 20) observa, ao se reportar sobre a consciência histórica e memória, que “[...] seja lá do que for que os homens se lembrem, isso inclui sempre acontecimentos que eles próprios não viveram”, o que nos faz entender que a capacidade de lembrar eventos que não foram experimentados diretamente é uma das características distintivas da espécie humana. Ela permite que as pessoas aprendam com o passado, compreendam a história, desenvolvam empatia por experiências de outras pessoas e construam uma compreensão mais ampla do mundo.

A memória coletiva é um componente crucial no ensino de História, pois ao nosso ver, ela se refere ao conjunto de lembranças, narrativas e interpretações compartilhadas por um grupo ou comunidade sobre eventos passados. Essa memória não é apenas um registro objetivo dos fatos, mas sim uma construção social e cultural que reflete a maneira como uma sociedade interpreta e dá significado ao seu passado.

Compreendemos, assim, que a memória coletiva e a consciência histórica são conceitos relacionados que desempenham papéis significativos na forma como uma sociedade se lembra e interpreta seu passado. A memória coletiva é um componente crucial no ensino de história, pois ao nosso ver, ela se refere ao conjunto de lembranças, narrativas e interpretações compartilhadas por um grupo ou comunidade sobre eventos passados. Essa memória não é apenas um registro objetivo dos fatos, mas sim uma construção social e cultural que reflete a maneira como uma sociedade interpreta e dá significado ao seu passado.

No que se refere a memória, Pollak (1992) considera um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si e ressalta que:

Nessa construção da identidade – e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise -há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (Pollak, 1992, p. 204).

Isso ocorre porque a memória permite que uma pessoa conecte eventos e experiências passadas ao presente e ao futuro, criando uma sensação de naturalidade e continuidade ao longo de sua vida. Esses três elementos – unidade física, continuidade no tempo e coerência – são considerados fundamentais na construção da identidade, tanto a nível individual quanto coletivo. Eles contribuem para a sensação de uma identidade coesa, estável e conectada, fornecendo uma base para a compreensão de si mesmo e do pertencimento a um grupo.

O processo educacional é fundamental para transmitir informações, valores, narrativas e conhecimento sobre o passado, ajudando as pessoas a entenderem sua história e a construírem uma compreensão crítica do mundo. No entanto, como afirmado, é importante ressaltar que a escola não é o único agente na construção da identidade dos indivíduos, pois a família, a comunidade, os grupos de pares e outros fatores também desempenham papéis significativos. Porém, a escola tem um contexto estruturado e um tempo considerável de interação com os alunos, o que a torna uma influência importante na formação da identidade durante os anos de formação.

Na obra *História e Memória*, Le Goff (2003) explora a relação entre história e memória, destacando que a memória é uma forma de resistência ao esquecimento e uma maneira de dar significado ao passado. Ele argumenta que a memória coletiva pode ser seletiva, destacando certos eventos e personagens em detrimento de outros, e que essa seleção é influenciada pelas necessidades e interesses das sociedades em diferentes momentos históricos. Também enfatiza a importância dos lugares de memória, locais físicos que evocam lembranças e simbolizam aspectos significativos do passado. Esses lugares podem variar de monumentos e museus a festivais e peregrinações, e desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão da memória coletiva, como observa:

Lugares da memória coletiva (...): Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações” (Le Goff, 2003, p. 474).

Em resumo, a memória coletiva é um elemento central na construção da identidade e na compreensão do passado de uma sociedade. O ensino sobre a memória coletiva pode ser abordado em diferentes contextos, como nas disciplinas

de História, nas demais Ciências Humanas e em Estudos Culturais. Ao nosso entender, sua abordagem ressalta a importância de considerar a memória como um fenômeno social e examinar como ela é moldada, selecionada e transmitida ao longo do tempo. Pelegrini (2009) ressalta a importância do direito à memória e à preservação do patrimônio cultural de diferentes grupos que coexistem em um mesmo país, estado ou região, pois segundo ela:

Logo, o direito à memória e ao acautelamento do patrimônio cultural de distintos grupos que convivem num mesmo país (estado ou região) constituem exercícios de cidadania importantes para fundamentar as bases das transformações sociais necessárias para a coletividade. Além disso, o reconhecimento de identidades plurais (sejam elas de gênero, religião ou etnia) pressupõe a coexistência entre características culturais distintas que no seu conjunto contribuem para a conformação de afinidades mais amplas, como é o caso das identidades nacionais (Pelegrini, 2009, p. 24).

Nesta perspectiva, esses direitos são vistos como exercícios de cidadania significativos que podem fornecer as bases para as mudanças sociais necessárias em uma sociedade. Além disso, o reconhecimento de identidades plurais, que podem ser relacionadas a gênero, religião ou etnia, implica a coexistência harmoniosa de diversas características culturais. Essas características, quando consideradas em conjunto, contribuem para a formação de afinidades mais amplas, como as identidades nacionais.

Pollak (1989) argumenta que a memória coletiva é construída e mantida por meio de processos sociais, nos quais a seleção e a interpretação dos eventos passados são influenciadas pelos valores, interesses e perspectivas do grupo. Ele destaca a importância das estruturas de poder na determinação da memória coletiva, enfatizando que certos grupos sociais têm mais poder para moldar e impor suas versões da história.

Essa ideia é diretamente relacionada ao conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu (2010, p. 14), que enfatiza a capacidade do poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo. Bourdieu argumenta que o poder não é apenas uma questão de força física ou econômica, mas sim uma questão de mobilização simbólica. Isso significa que o poder é exercido não apenas por meio da força bruta, mas também pela capacidade de influenciar a percepção e a compreensão dos indivíduos sobre a realidade.

Nesse sentido, a memória coletiva é também influenciada pelo poder simbólico, pois a seleção e a interpretação dos eventos passados são influenciadas pelas estruturas de poder e pelas perspectivas dos grupos sociais. Os grupos sociais com mais poder têm mais influência sobre a forma como a história é contada e interpretada, o que pode influenciar a percepção e a compreensão da realidade.

Segundo Pollak (1989), a memória coletiva é constantemente reinterpretada de acordo com os desafios do presente e as expectativas para o futuro. Para o autor:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode, sem dúvida, ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (Pollak, 1989, p. 9-10).

Isso sugere que a construção da memória coletiva não é um processo estático, mas dinâmico e influenciado pelo contexto social e político. O trabalho de enquadramento da memória envolve selecionar, interpretar e dar significado aos eventos passados de acordo com as necessidades e objetivos do presente. As narrativas e representações do passado são moldadas para apoiar ou contestar certas perspectivas, ideologias e lutas sociais.

Rusen (2015) indica a relação entre memória e história, relatando a sua complexidade, pois a mesma é fundamental para a compreensão do passado. Enquanto a memória se manifesta de forma imediata e emocional, refletindo experiências pessoais e coletivas, a história se constrói por meio de métodos rigorosos e análises críticas que buscam uma interpretação mais ampla e intersubjetiva dos eventos. Essa distinção é crucial no ensino de História, pois permite que os alunos compreendam que a narrativa histórica não é apenas uma coleção de fatos, mas sim uma construção que envolve a seleção e interpretação de fontes, incluindo a memória coletiva, para o autor:

A memória aparece como originária e a história como deduzida e artificial. A memória é subjetiva e a história se distingue dela, no reflexo das estratégias de pesquisa da ciência da história, por sua pretensão de validade intersubjetiva, que se poderia resumir (mesmo com o risco de um mal-entendido) com o termo “objetividade”. A memória está carregada de sentimentos, é emocional; ao revés, a história está “marcada pela palidez doentia do pensamento” - pelo que a memória motiva muito mais a ação do que a história, pois a memória é espontânea, impulsiva, sem travas. Em

comparação, a história aparece — por causa dos procedimentos metódicos do conhecimento histórico — como entrevada (Rusen, 2015, p. 221).

Ao explorar as memórias de indivíduos e comunidades, os educadores podem enriquecer o aprendizado, conectando os alunos a suas raízes e promovendo um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e culturais que moldam a história. Assim, ao integrar a memória ao estudo histórico, os alunos são incentivados a refletir sobre como suas próprias vivências e as de sua comunidade influenciam a maneira como a história é contada e compreendida.

Partindo do pressuposto de que o material fornecido pela história serve como base para esse trabalho de enquadramento, entendemos que sua interpretação e combinação são flexíveis e abertas a uma variedade de referências associadas. Isso significa que a memória coletiva não é uma mera reprodução objetiva do passado, mas uma construção ativa que evolui ao longo do tempo.

Nessa perspectiva a natureza dinâmica da memória coletiva está sujeita a mudanças e influências contextuais. A forma como lembramos o passado é moldada pelas lutas e questões que enfrentamos no presente e pelas aspirações que temos para o futuro. Assim, novas informações ou reinterpretações de eventos históricos podem desafiar as narrativas existentes e remodelar a memória coletiva.

2.4 Identidade Cultural: compreendendo o papel do ensino de História

Rusen (2015, p. 148) analisa a questão da identidade, como um “[...] dado elementar da cultura humana”. O ensino de História desempenha um papel crucial na formação das identidades individuais e coletivas. Isso ocorre porque o estudo da história permite que as pessoas compreendam melhor de onde vieram, como suas sociedades evoluíram ao longo do tempo e como as experiências passadas moldaram o presente. Além disso, o estudo da História ajuda as sociedades a lidarem com questões complexas relacionadas à identidade, diversidade e inclusão. Para Rusen 2015, a busca pela compreensão da identidade é uma jornada intrinsecamente ligada à narrativa da própria vida:

Não se pode responder à pergunta sobre “quem sou eu”, sem se contar uma história sobre a própria vida. A identidade pessoal está conexa com a consciência de assumir mais ou menos conscientemente a própria biografia, de vivê-la e de poder contá-la. Ela se projeta no futuro - esperando,

desejando, temendo e tremendo. Vale o mesmo para a identidade social: o pertencimento direto a uma formação social é articulado, confirmado e, naturalmente também, modificado ou mesmo rejeitado mediante histórias. Esse sentido de pertencimento é impensável sem a consciência histórica, pois vive da poderosa representação emocional de uma afinidade com outras pessoas, que persiste através de toda mudança temporal, e que marca uma diferença em relação a outros tantos (Rusen, 2015, p. 260).

A busca pela compreensão da identidade, conforme discutido anteriormente, revela-se especialmente pertinente no contexto brasileiro, um país caracterizado por sua rica diversidade religiosa. Essa pluralidade se manifesta em uma variedade de tradições, incluindo o catolicismo, o protestantismo, o candomblé, a umbanda, o espiritismo, entre outras crenças. Os festejos religiosos, que são expressões vivas dessa diversidade, desempenham um papel crucial na construção da identidade cultural brasileira.

Muitos desses festejos têm raízes no sincretismo religioso, uma prática que mescla elementos de diferentes tradições, refletindo a complexidade das interações sociais ao longo da história. Por exemplo, o carnaval é uma celebração que combina aspectos do catolicismo com tradições africanas e indígenas, resultando em uma manifestação cultural única e essencial para a identidade nacional. Assim, o ensino de História não apenas educa sobre o passado, mas também ilumina como essas tradições culturais, como os festejos religiosos, são fundamentais para a identidade e coesão social no Brasil, reforçando a ideia de que a consciência histórica é vital para entender o pertencimento e as afinidades que nos conectam.

Em um mundo cada vez mais interconectado e globalizado, a construção da identidade se torna um desafio ainda maior, exigindo que os indivíduos naveguem entre suas particularidades e a crescente interdependência global. Nesse contexto, na frase “Identidade é uma questão de humanidade, pois, nas condições modernas da vida em meio ao processo de globalização, a humanidade se impõe inelutavelmente como grandeza de referência do pertencimento e da demarcação”, Rusen (2016, p. 148) ressalta a importância da humanidade compartilhada como um ponto de referência fundamental para a afirmação das identidades individuais e coletivas.

A identidade não é uma entidade estática e imutável, mas sim um conceito dinâmico que evolui ao longo do tempo em resposta aos acontecimentos sociais, culturais, políticos e históricos que afetam um grupo ou indivíduo. A globalização tem desencadeado uma série de mudanças nas formas como as pessoas concebem suas

identidades, seja em relação às identidades nacionais, locais ou culturais. Essas mudanças frequentemente levantam questões complexas sobre pertencimento, diversidade e como as sociedades lidam com a crescente ligação/conexão global. Nesta pesquisa abordamos o conceito de identidade a partir do viés de Cuche (1999), Rusen (2015), Hall (2016), Pollak (1992) e Vianna (2016).

A identidade cultural de um grupo é formada por meio de suas experiências históricas, tradições, valores e narrativas compartilhadas. O ensino de História oferece a oportunidade de explorar as raízes e as origens dessa identidade, permitindo que as pessoas compreendam de onde vêm e quem são. Através do estudo da história, as pessoas podem entender como diferentes culturas interagem e influenciam umas às outras ao longo dos tempos. Isso leva a uma compreensão mais profunda das complexidades das identidades culturais e como elas são moldadas por fatores externos.

Conforme estabelecido na Constituição Federal Brasileira de 1988, os bens de natureza material ou imaterial podem constituir o patrimônio cultural brasileiro. Esses bens podem ser considerados individualmente ou em conjunto, desde que sejam portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Constituição Federal Brasileira, 1988, p. 126).

Essa definição ampla de patrimônio cultural abrange uma variedade de elementos e envolve vários bens. A inclusão desses bens no patrimônio cultural brasileiro visa proteger e preservar a diversidade cultural do país, reconhecendo sua importância na construção da identidade nacional e na valorização da história e do legado cultural das comunidades que formam a sociedade brasileira.

Compreendemos o conceito de identidade como um conjunto de características pessoais, crenças, valores, experiências e pertencimentos que definem quem somos como indivíduos. Ela molda nossa percepção de nós mesmos e também influencia como os outros nos veem e nos interagem. Segundo Cuche (1999, p. 177) “A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”.

Cuche (1999) destaca a diferença entre cultura e identidade cultural. Para ele, embora esses conceitos estejam inter-relacionados, eles não são idênticos e podem existir separadamente em certos contextos e acrescenta:

Não se pode pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não ter à então quase nada em comum com o que ela era anteriormente (Cuche, 1999, p. 176).

Sendo assim, a cultura é uma construção social mais ampla que pode englobar diversas identidades e experiências individuais. Por outro lado, a identidade cultural se refere à forma como os indivíduos se veem e se identificam em relação a uma determinada cultura ou grupo cultural. A identidade cultural pode influenciar a cultura e ser influenciada por ela, e também pode ser moldada e modificada através de estratégias e reflexões individuais e coletivas.

A compreensão de nossa humanidade compartilhada e de nossa singularidade individual, bem como a navegação da tensão entre comunidade e diferença são aspectos essenciais da experiência humana. A autoavaliação, o pertencimento a grupos sociais e a demarcação de fronteiras entre eles são partes fundamentais da construção da identidade pessoal e da interação social; como frisa Rusen:

Eu compartilho com todos os demais homens o meu “ser humano”, e sou, apesar disso, diferente deles. Nesse vasto âmbito da tensão entre essa comunidade e essa diferença constituem-se as autoavaliações das pessoas, indispensáveis à vida, assim como os pertencimentos e as demarcações dos agrupamentos sociais (Rusen, 2015, p. 148-149).

No trecho acima, Rusen (2015) destaca uma questão fundamental relacionada à identidade e à natureza humana. Ele reconhece a dualidade que existe na experiência humana: a comunidade que compartilhamos como seres humanos e, ao mesmo tempo, as diferenças individuais que nos tornam únicos.

No entanto, é importante observar que a forma como a história é usada para atribuir valores positivos nem sempre reflete uma imagem completa e objetiva do passado. Em algumas situações, a história pode ser manipulada para servir a agendas políticas ou ideológicas, ignorando ou minimizando aspectos negativos. Portanto, é essencial abordar a história de maneira crítica e equilibrada, reconhecendo tanto as

realizações quanto os erros do passado para uma compreensão mais completa da experiência histórica.

A construção da identidade está intrinsecamente ligada à referência aos outros e às interações sociais. Nesse sentido os indivíduos buscam feedback, reconhecimento a aprovação dos outros para validar sua própria identidade e autoimagem. De acordo com Pollak (1992, p. 204), “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”.

Sendo assim, os indivíduos constroem sua identidade ao se compararem com os outros e ao buscar aceitação e reconhecimento dentro de um determinado contexto social. Essa negociação ocorre por meio da interação com diferentes grupos, como a família, os amigos, a comunidade e instituições sociais, como a escola e o local de trabalho. Ao aprender sobre os festejos religiosos os alunos também podem desenvolver uma apreciação pela diversidade cultural e religiosa que existe em sua comunidade. Isso pode promover o respeito e a tolerância em relação às diferentes identidades culturais e religiosas.

Durante essas interações, os indivíduos são expostos a padrões culturais, normas sociais, valores e expectativas que influenciam sua percepção de si mesmos e de como devem se comportar. Eles internalizam essas influências externas e as incorporam a sua identidade, ajustando-se e adaptando-se às demandas e expectativas sociais.

Segundo Bittencourt (2008, p. 169), “A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local”. De fato, a memória é a base da identidade individual e coletiva, permitindo-nos compreender e preservar a história local. Ela desempenha um papel crucial na construção de narrativas pessoais e na transmissão de conhecimento e valores de uma geração para outra. Ao explorar a memória e a história local, podemos desenvolver uma apreciação mais profunda de nossa herança cultural e fortalecer nosso senso de pertencimento.

Stuart Hall (2016, p. 48) concebe as manifestações culturais, próprias de povo, “[...] como elementos de identificação dos mesmos”, para ele as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Dessa maneira, nós só podemos afirmar o que somos,

pelas nossas representações adquiridas pelas tradições culturais que possuam sentido para o coletivo.

Ao aprender sobre o patrimônio cultural e natural, os estudantes são expostos a diferentes expressões culturais, tradições, histórias e valores que moldam a identidade de sua comunidade e sociedade em geral. Isso os ajuda a entender a importância da diversidade cultural, a valorizar suas raízes e a respeitar as manifestações culturais de outras pessoas, como expresso por Pelegrine (2009, p. 39).

A valorização das manifestações culturais que cercam o estudante contribui para que este reconheça sua identidade individual e coletiva e exerça sua cidadania. A partir da efetivação de Programas de Educação Patrimonial, desenvolvidos por meio de projetos educativos com ações pedagógicas na área de patrimônio cultural e natural, o ensino e a aprendizagem tendem a fortalecer os processos formadores de cidadania e, ainda, alertam para a importância da preservação dos bens patrimoniais.

Através da educação patrimonial, os estudantes também são conscientizados sobre a importância da preservação dos bens patrimoniais. Eles aprendem sobre a fragilidade desses elementos e como sua perda ou destruição pode resultar na perda de parte da história e da identidade de uma comunidade. Ao entenderem a importância da preservação, os estudantes são incentivados a se tornarem cidadãos ativos na proteção e conservação do patrimônio, seja por meio de ações individuais ou coletivas.

Nesse aspecto, Hall (2016, p. 11), aponta que “[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade”, assim a defesa do patrimônio está para além de uma forma de exercermos a nossa cidadania, mas de declararmos quem somos e de onde viemos. Assim, a identidade, por exemplo, pode ser um fator de valorização em sala de aula, mediante as questões presentes na cultura local, pois elas poderão se estabelecer como referência para que os indivíduos compreendam como a história, da qual eles fazem parte, se fez ao longo do tempo.

Dessa forma, é importante considerar que a função social da educação patrimonial é “[...] manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum.” (Pollak, 1989, p. 9). Ele nos chama atenção que o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo. Sobre essas questões, compreendemos que os programas de educação patrimonial têm o potencial de fortalecer os processos formativos de cidadania, promovendo o respeito

à diversidade cultural, o reconhecimento da identidade coletiva e a consciência sobre a importância da preservação dos bens patrimoniais, sejam de que natureza for.

Em vista dessa questão, Vianna (2016) demonstra que os elementos formadores dos bens imateriais, que ao mesmo tempo diferencia e une os povos na coletividade, formando sua identidade e que confere o sentimento de pertencimento, como observa Hall (2016, p. 39): “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior”.

Cuche (1999) alerta sobre uma tendência na sociedade contemporânea de enfatizar a mono identificação, ou seja, a ideia de que as pessoas se identificam de forma exclusiva com uma única característica, cultura ou grupo. Isso significa que as identidades coletivas são frequentemente apresentadas de maneira simplificada, como se todas as pessoas de um grupo compartilhassem a mesma identidade ou características.

A tendência a mono identificação, à identidade exclusiva, ganha terreno em muitas sociedades contemporâneas. A identidade coletiva é apresentada no singular, seja para si ou para os outros. Quando se trata dos outros, isto permite todas as generalizações abusivas. O artigo definido identificador permite reduzir um conjunto coletivo a uma personalidade cultural única, apresentada geralmente de forma depreciativa: “O Árabe é assim...” “Os Africanos são assim...” (Cuche, 1999, p. 188).

Assim, quando se trata de outras pessoas ou grupos, essa abordagem de mono identificação permite a criação de generalizações injustas e preconceituosas. O uso do artigo definido (por exemplo, “O Árabe” ou “Os Africanos”) para descrever um grupo coletivo como se uma única entidade cultural contribuísse para a redução da diversidade e complexidade desses grupos. Isso é, muitas vezes, feito de maneira depreciativa, perpetuando estereótipos negativos e simplificações prejudiciais.

Hall (2016, p. 22) observa que “[...] cultura é um aspecto da identidade cultural-moderna que é formado através do pertencimento a uma cultura nacional”. É importante observar que a identidade cultural não é estática e pode evoluir ao longo do tempo à medida que os indivíduos interagem com diferentes culturas e experiências. Além disso, em um mundo globalizado, muitas pessoas têm identidades culturais complexas que podem abranger várias culturas e influências. Portanto, a identidade cultural é um conceito dinâmico e multifacetado na cultura moderna.

Sendo assim, seguindo a compreensão de Hall (2016), nossas identidades culturais são moldadas por uma combinação complexa de fatores, incluindo a cultura em que crescemos, as influências familiares, educacionais e sociais, experiências de vida, crenças pessoais e escolhas individuais. Embora essas identidades não sejam intrínsecas à nossa natureza essencial, muitas pessoas as percebem como parte integrante de quem são.

No entanto, essa interpretação da cultura tem sido alvo de discussão e debate na antropologia e em outras disciplinas relacionadas. Algumas pessoas preferem definições mais restritas de cultura para evitar que se torne uma categoria excessivamente ampla e indefinida. No entanto, é importante reconhecer que a cultura é, de fato, complexa e multifacetada, e pode ser explorada de muitas maneiras diferentes, dependendo do contexto e dos objetivos da análise.

Eagleton (2005) destaca, utilizando a ideia do antropólogo Edward B. Tylor, a complexidade da cultura, descrevendo-a como um conjunto de valores, costumes, crenças e práticas que moldam o modo de vida de um grupo específico. Para ele:

A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico. Ela é “aquele todo complexo”, como escreve o antropólogo E. B. Tylor em uma célebre passagem de seu *Primitive culture* (Cultura Primitiva), “que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como um membro da sociedade”. No entanto, “quaisquer outras capacidades” é uma formulação imprudentemente liberal: o cultural e o social tornam-se então efetivamente idênticos (Eagleton, 2005, p. 54).

A partir do exposto, cultura é descrita como interação entre várias dimensões, como conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras capacidades e hábitos adquiridos. Ela é a maneira como os seres humanos adquirem e compartilham conhecimento e experiências em sociedade. No entanto, como observado, a inclusão de “quaisquer outras capacidades” torna a definição extremamente abrangente e, em última análise, tudo o que os seres humanos fazem em sociedade pode ser considerado cultural.

3. FESTEJOS RELIGIOSOS EM CAXIAS MARANHÃO

O capítulo que se segue aborda os festejos religiosos em Caxias, no Maranhão, uma manifestação cultural rica que reflete a memória coletiva e a identidade da comunidade local. A construção deste capítulo foi embasada em uma pesquisa minuciosa realizada em jornais, livros de memorialistas e outros trabalhos de conclusão de cursos, que revelam a profundidade e a diversidade das tradições religiosas da região. A partir da obra *O lugar do outro*, de Michel de Certeau (2021), podemos entender como essas festividades não apenas celebram a fé, mas também contribuem para a construção de uma mística coletiva que une os indivíduos em torno de um propósito comum.

No livro, a ideia central do capítulo: “Cristianismo e ‘modernidade’ na Historiografia Contemporânea” é a de que “[...] prática é o lugar onde se inscrevem as memórias, as identidades e as experiências dos indivíduos”, sendo assim, cabe “[a] o historiador abordá-la como afirmação de um saber, ou de um poder” Certeau (2021, p. 27). Assim, os festejos não são apenas eventos religiosos, mas sim momentos de reafirmação da identidade cultural e da memória compartilhada, onde a devoção se entrelaça com a vivência comunitária, perpetuando tradições que fortalecem os laços sociais e espirituais.

Desse modo a construção do mesmo foi enriquecida por diversas dissertações e trabalhos que abordam aspectos culturais, históricos e sociais significativos da região. A obra de Mariangela Santana Guimarães Santos, *Fragmentos da memória: contribuições à história da cidade de Caxias do Maranhão*, oferece uma visão abrangente sobre a memória local, destacando a importância da preservação cultural. Joana Batista de Souza e Salânia Melo, em “Festejar e rezar: a memória da caminhada de São Sebastião em Caxias MA, entre o sagrado e o profano”, exploram a intersecção entre religiosidade e cultura popular, revelando como esses festejos moldam a identidade caxiense. A dissertação de Joana Batista de Souza, “Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em Caxias”, enfatiza a necessidade de preservar a memória coletiva através da educação. Jordania Maria Pessoa, em *Entre a tradição e a modernidade: A bella époque caxiense*, analisa as transformações urbanas e culturais no final do século XIX, enquanto Terezinha de Jesus Coimbra Lopes, em suas obras sobre os festejos de São Benedito, documenta as mudanças e continuidades nas práticas religiosas ao longo das décadas. Essas contribuições são

fundamentais para entender a complexidade dos festejos religiosos em Caxias, revelando suas dimensões sociais, históricas e identitárias.

3. 1 Entre o Sagrado e o Profano: Festejos Religiosos e a Teia Histórica da Cidade de Caxias Maranhão

Pelegrine (2009, p. 13) destaca a riqueza da diversidade cultural brasileira ao afirmar que “[...] não raro, reverenciamos os santos, outras vezes, os orixás e os encantados”⁴. Essa transição entre o sagrado e o profano, entre o culto e os festejos, ilustra como as tradições religiosas se entrelaçam com as celebrações populares, permitindo que os indivíduos experimentem “[...] os sabores diversificados de nossa culinária”. As festividades em honra a Santo Antônio, São João, São Pedro e Cosme e Damião são exemplos claros dessa intersecção cultural, pois “[...] entusiasma adultos, jovens e crianças”, refletindo a vitalidade e a importância dessas práticas na formação da identidade coletiva. Essa dinâmica não apenas enriquece o patrimônio cultural, mas também reforça os laços comunitários por meio da celebração compartilhada.

Ao investigar as festividades dedicadas aos santos católicos, mais populares de Caxias, percebemos a natureza dupla dessa prática, que incorpora tanto elementos sagrados quanto profanos, como mencionado por Pelegrine (2009). Podemos concluir que existem duas esferas simbólicas distintas que coexistem de maneira harmônica, orientando os participantes em diversos aspectos de suas vidas sociais nessas festividades: de um lado, temos o santo, a devoção, as promessas, o rosário e a vida espiritual. Do outro lado, encontramos o grupo, a diversão, as bebidas, o baile e a vida material. As festividades, portanto, se tornam ocasiões em que dois códigos são manipulados simultaneamente.

Durante os festejos, acontecem atividades tão diversas, como a procissão, o baile, o rosário e o leilão. No entanto, essas grandes diferenças de forma das atividades não impedem que os festejos sejam pensados e realizados como unidades que possuem uma natureza dupla intrínseca. O festejo a Santo Antônio, por exemplo, reflete bem esse caráter, em que ambos os elementos coexistem e interagem, mas não se misturam.

⁴ Trecho do livro *Patrimônio Cultural: Consciência e preservação* (2009), de Sandra Pelegrine.

Embora contendo práticas profanas, os festejos dos Santos padroeiros de comunidades tomam um caráter mais caridoso e sagrado. Suas preparações envolvem a participação ativa dos moradores. Combinam devoção religiosa com celebrações culturais e geralmente são planejadas com meses de antecedência. Estando tudo pronto, a comunidade desfruta de momentos importantes para sua integração comunitária, fortalecendo os laços entre os moradores e promovendo a cultura local. Elas preservam e celebram as tradições religiosas, com momentos de fé e devoção ao santo padroeiro.

Por outro lado, os festejos de São Benedito, Nossa Senhora de Nazaré e Santo Antônio são organizados de maneira similar. Inicialmente, forma-se uma comissão organizadora composta por membros da comunidade, incluindo representantes da igreja local, líderes comunitários e voluntários. Essa comissão é dividida em subcomissões, cada uma responsável por diferentes aspectos do evento, como logística, finanças, liturgia e cultura. O planejamento começa com a definição do calendário das festividades que, normalmente, culminam no dia do santo padroeiro e a escolha de um tema para a festa, além da elaboração da programação, que pode incluir missas, procissões, quermesses, apresentações culturais.

A distribuição das tarefas é feita conforme as áreas de responsabilidade. A subcomissão de liturgia e cerimônias religiosas cuida das missas, novenas e procissões, envolvendo sacerdotes, corais e ministros da Eucaristia. A subcomissão de quermesse e festividades organiza barracas de comidas e bebidas típicas, jogos e brincadeiras, com a participação de famílias e grupos locais. A divulgação do evento é feita por meio de materiais como cartazes, folhetos e postagens em redes sociais, além do contato com a imprensa local.

A logística e infraestrutura incluem a montagem de palcos, som, iluminação, decoração das ruas e da igreja, segurança e limpeza. O financeiro é responsável pela arrecadação de fundos, patrocínios, venda de rifas e ingressos, bem como pelo controle do orçamento e das despesas e apoio da administração pública para segurança e atendimentos de primeiros socorros durante o evento.

Na fase de execução, o local do evento é preparado com a montagem de tendas, barracas, palcos e decoração. As atividades são realizadas conforme o planejado, com a supervisão das subcomissões responsáveis. Voluntários são coordenados para garantir que todos saibam suas funções e horários. Após o término das festividades, é realizada a desmontagem das estruturas e a limpeza do local. A

comissão organizadora se reúne para avaliar o evento, discutindo o que funcionou bem e o que pode ser melhorado para os próximos anos.

Antes de explorarmos os detalhes dessas festividades religiosas que marcaram profundamente a vida social de Caxias, é crucial compreender a importância do catolicismo na história e na identidade da cidade. Com um calendário devocional abrangente, quase todos os meses do ano eram pontuados por celebrações e eventos que uniam a comunidade em torno da fé e tradição. Desde as festividades de São José até o Natal cada evento era uma oportunidade para os caxienses expressarem sua devoção e compartilharem momentos de sociabilidade e convívio, o que fica mais evidente nas afirmações de (Pessoa, 2009 p. 117).

Um dos espaços de sociabilidades mais concorridos em Caxias dizia respeito às festividades religiosas. Tendo uma história marcada pela forte presença do catolicismo, a cidade possuía um calendário devocional que compreendia quase todos os meses do ano. Comemoravam as festividades de São José, mês mariano, São Benedito, Santo Antônio, festejado no bairro Ponte; Sagrado Coração de Maria, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Conceição, Nossa Senhora de Nazareth, festejada no bairro Trezidela; Semana Santa e Natal.

Pelo exposto, observamos que o calendário devocional da cidade testemunha a importância dessas celebrações para a comunidade local. As festas religiosas nas cidades brasileiras giram normalmente em torno do seu santo padroeiro ou muitos outros santos, que são populares. Pela tradição, as festas em honra a um santo em uma comunidade podem ser vistas como promessas coletivas com o propósito de garantir o bem-estar dessa comunidade. A crença subjacente é que se as pessoas não cumprirem com a sua obrigação de celebrar e honrar o santo na época apropriada, o santo deixará de oferecer a proteção que normalmente concede.

Consideradas como expressões da religiosidade popular que ajudam a demarcar um tempo coletivo, as festas têm a função de construir um sentido de pertencimento entre os participantes. Em sua obra, *Lugar do outro: história religiosa e mística*, Certeau (2021) aborda a complexidade do cristianismo como objeto de pesquisa e como um fenômeno histórico em constante transformação. Ela destaca que o cristianismo não pode ser compreendido de forma homogênea ou singular, mas sim como uma entidade multifacetada, cuja unidade é construída através da doutrina e do discurso.

Com certeza, enquanto objeto de pesquisa, o cristianismo não se conjuga no singular. a sua unidade é a construção da doutrina, o produto do discurso. O historiador vai abordá-la como a afirmação de um saber, ou de um poder. O que ele pode analisar é a inadequação do aparelho existente a um novo conjunto de fenômenos, a elaboração de conceitos provisórios visando a captura e o conhecimento desse conjunto (Certeau, 2021, p. 27).

Ao afirmar que o cristianismo não se conjuga no singular, o autor sugere que há uma diversidade de expressões, práticas e interpretações dentro do próprio cristianismo. Isso reflete a riqueza e a complexidade dessa tradição religiosa, que se desenvolveu ao longo de séculos e em diferentes contextos culturais. A unidade do cristianismo, então, é vista como uma construção da doutrina e do discurso, o que implica que essa unidade é mais uma questão de interpretação e construção do que uma realidade objetiva. A doutrina cristã e os discursos teológicos moldam e definem a identidade e a coesão dentro da tradição cristã.

São nessas oportunidades que os religiosos encontram elementos que fortalecem sua relação com a fé e abordam as incertezas da vida cotidiana, um fenômeno que perdura como uma importante manifestação sociocultural, mesmo em meio à modernidade. Portanto, as celebrações religiosas não apenas representam uma tradição cultural local, mas também desempenham um papel significativo na formação da identidade e da mentalidade religiosa do povo brasileiro como parte integrante da sua história e cultura sob manifestações “simbólicas do poder” Bourdieu (2010).

Nesse ambiente (de religiosidade) o poder se torna quase mágico, pois se posiciona de forma implícita, escondendo a força que o fundamenta, destacando a natureza tácita e influente do poder nas organizações. Isso significa que o poder não é sempre explicitamente exercido, mas sim um exercido de forma silenciosa e influente, muitas vezes sem que as pessoas sejam conscientes disso. “Em consequência, levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele” Bourdieu (2010, p. 141).

As festas, nesse contexto, desempenham um papel fundamental na cultura brasileira, indo além do entretenimento e da celebração, servindo como uma forma de expressão cultural, resolução simbólica de conflitos sociais e construção da identidade nacional. Elas são vistas como uma parte importante da experiência social e histórica do povo brasileiro. Amaral (2001), ao se referir sobre a importância das “festas”, ratifica

que as festas, são “[...] desde o período colonial, um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento, ela é uma das linguagens favoritas do povo brasileiro” e acrescenta:

Ela (a festa) é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. É ainda o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis. O festejar brasileiro, por suas características peculiares pode ser considerado até mesmo, contrariamente à ideia de “alienação” que o envolve, como uma dimensão de aprendizado da cidadania e apropriação de sua história por parte do povo (Amaral, 2001, p. 3).

Essa versão conecta as ideias de poder implícito e a importância das festas, mostrando como ambas influenciam a percepção e a identidade social. Não são apenas eventos históricos ou religiosos, elas também são formas importantes de expressão cultural e identidade. Elas refletem a riqueza da diversidade brasileira e servem como veículos para a expressão das tradições culturais únicas de diferentes regiões e comunidades. Os festejos religiosos no Brasil, por exemplo, desempenham um papel significativo na construção da identidade cultural, na preservação da memória coletiva e na promoção do patrimônio cultural do país.

É possível reconhecer o sagrado como um elemento fundamental na produção do espaço urbano. De acordo com Reis (2023), o catolicismo barroco deixou um legado cultural e religioso profundo no Brasil, moldando a paisagem urbana, a arte, a religiosidade e as tradições do país até os dias de hoje. Seu estilo artístico e arquitetônico predominante durante o período colonial brasileiro, especialmente nos séculos XVII e XVIII, coincidiu com o auge da colonização portuguesa. Suas manifestações ainda são apreciadas e estudadas como parte importante da história e da identidade brasileira. De acordo com Reis (2023, p. 70):

Um catolicismo que se caracterizava por elaboradas manifestações externas da fé: missas celebradas por dezenas de padres, acompanhadas por corais e orquestras, em templos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos, e sobretudo procissões cheias de alegorias e funerais grandiosos, com cortejos de que participavam centenas de pessoas.

As festas barrocas no período colonial brasileiro não eram apenas celebrações culturais, mas sim instrumentos de poder utilizados pelo Estado português para manter o controle sobre a colônia, proporcionando alívio temporário das dificuldades

cotidianas e manifestando a autoridade metropolitana. Para Amaral (2001), a festa era um meio de instituição política e manifestação do poder crescente do Estado português. Elas desempenhavam um papel significativo na forma como a política, o poder e a vida social eram moldados e experimentados durante esse período.

Muitos festejos religiosos são transmitidos oralmente de geração em geração. Eles são contados por meio de histórias, músicas, danças e rituais, contribuindo para a preservação da memória coletiva. Isso ajuda a manter vivas as tradições e a história das comunidades locais. No contexto da diversidade cultural e social do Brasil, as festas desempenham, de fato, um papel fundamental como mecanismo de ligação e coesão social. Isso é verdade, independentemente de serem festas religiosas ou profanas, Leonel (2010) observa que as festas foram, inclusive, essenciais na formação das cidades brasileiras:

No contexto da formação das cidades no Brasil, é preciso avaliar historicamente que as festas religiosas foram as atividades coletivas urbanas mais antigas. Até o século XIX, as festas foram os acontecimentos mais importantes das cidades brasileiras, fonte de lazer coletivo e de presença no espaço público. No período colonial, o comparecimento a alguns festejos religiosos era obrigatório, cabendo às câmaras municipais e às confrarias fiscalizar a presença dos moradores (Leonel, 2010, p. 39).

Olhando sob essa ótica, as festas religiosas eram uma maneira importante de promover a fé católica e a evangelização dos povos indígenas e africanos durante a colonização. Os colonizadores europeus usaram essas festas como uma ferramenta para disseminar sua religião e cultura. Segundo Leonel (2010), as mesmas desempenharam um papel fundamental na ocupação e no uso do espaço público nas cidades. Elas muitas vezes envolviam procissões, missas ao ar livre e festividades nas praças e ruas das cidades, tornando-se eventos centrais na vida urbana.

Por outro lado, alguns festejos religiosos têm raízes históricas profundas, como as festas de São João, que celebram a colheita e têm suas origens na cultura caipira do interior do Brasil. Esses eventos lembram as experiências passadas e as lutas das comunidades. Muita embora os portugueses tenham trazido esses elementos com uma forte influência católica, eles foram, de certa maneira, reinterpretados e modificados pelas religiões de matriz africana, particularmente no Maranhão, criando um sincretismo que enriquece ainda mais a experiência festiva.

Muitos festejos religiosos ocorrem em igrejas, capelas e locais históricos, que muitas vezes apresentam arquitetura impressionante e obras de arte sacra. Esses

locais são considerados parte do patrimônio cultural do Brasil e são preservados para as gerações futuras. Os trajes e objetos usados em festejos religiosos, muitas vezes, refletem a rica tradição artesanal brasileira. Roupas, máscaras, esculturas e outros itens feitos à mão desempenham um papel importante no patrimônio cultural do país. Nesse sentido, Nora (1993, p. 12) sugere que “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”, esses “restos” são vestígios do passado, fragmentos que sobreviveram ao longo do tempo.

Esses festejos religiosos ocorrem frequentemente em igrejas, capelas e locais históricos que apresentam uma arquitetura impressionante e obras de arte sacra. No tecido da história de Caxias as igrejas emergem como testemunhas silenciosas e fundamentais nos episódios que moldaram o destino da cidade. “A parte central da cidade já dispunha de construções de casarões e igrejas com um padrão arquitetônico mais elaborado, financiados pela riqueza acumulada pela aristocracia agrária, graças à exploração escravista” (Pessoa, 2009, p. 81). Esses santuários sagrados não apenas serviram como locais de devoção e espiritualidade, mas também desempenharam papéis cruciais em momentos de conflito e transformação.

Ao longo da Guerra da Balaiada e outros eventos marcantes, as igrejas se tornaram cenários de refúgio, resistência e até mesmo de estratégia militar, revelando a profunda interseção entre a fé religiosa e os desafios históricos enfrentados pela comunidade caxiense. Leandro (2017, p. 30) complementa observando que “[...] no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, cada tempo era frequentado por segmentos sociais distintos”, uma característica de divisão social.

Na celebração da Independência do Brasil, a cidade reconhece um momento emblemático na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José (Matriz), onde o Major João José da Cunha Fidié assinou sua rendição, marcando um ponto de virada na história. Assim como em São Luís, em Caxias a religiosidade portuguesa permeia a paisagem urbana, representada por suas numerosas igrejas que contam histórias de fé e devoção ao longo dos séculos. Episódios destacados por Souza e Melo:

Alguns episódios de sua história estão ligados ao patrimônio histórico-cultural, destacando a Guerra da Balaiada, quando a Igreja de São Benedito teria servido de abrigo para parte da população. A Igreja de NS de Nazaré dos Pretos foi transformada em Mercado da Intendência dos insurretos, a Igreja de NS dos Remédios serviu como depósito de artigos bélicos, sendo tomada pelos balaios. No reconhecimento da cidade à Independência do

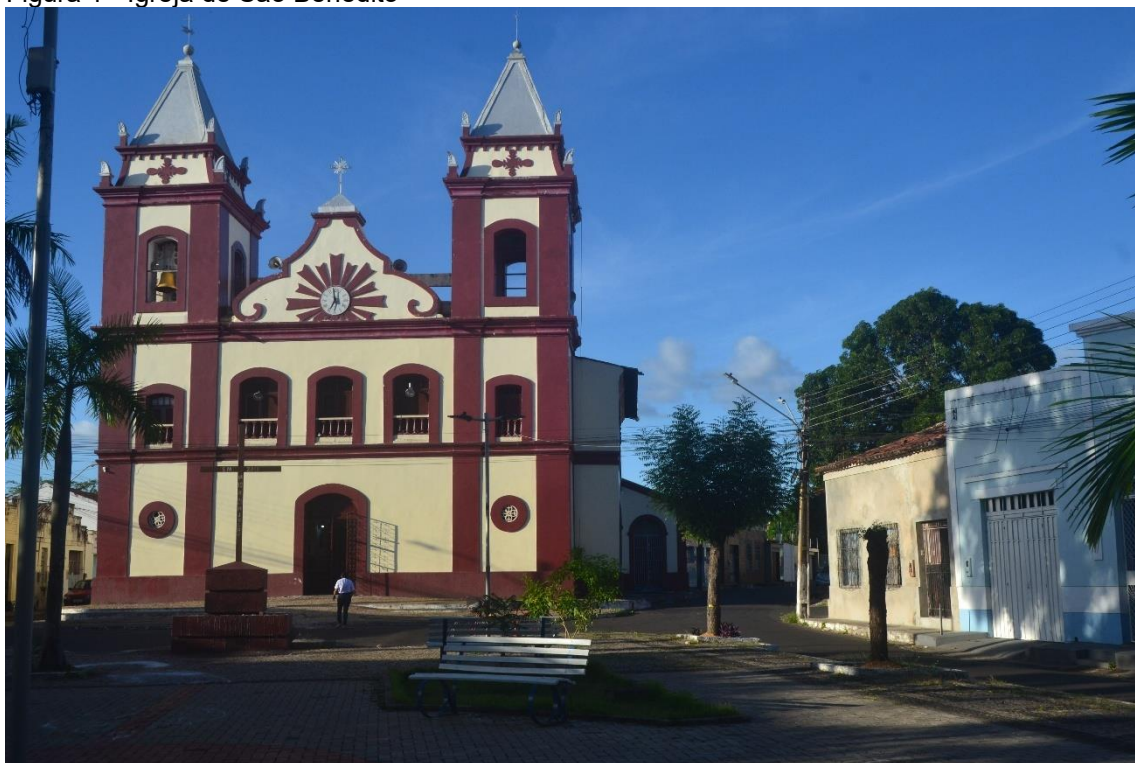
Brasil, foi na Igreja N. S. da Conceição e São José (Matriz) que o Major João José da Cunha Fidié assinou sua rendição. Uma cidade permeada por inúmeras histórias ligadas à religiosidade portuguesa, representada por muitas igrejas espalhadas pela cidade (Souza; Melo, 2016, p. 45).

Pelo exposto, episódios históricos e o patrimônio cultural de Caxias, especialmente durante a Guerra da Balaiada, se entrelaçam com a arquitetura e a importância das igrejas na narrativa da cidade, refletindo a religiosidade portuguesa e a resiliência da comunidade. Esses templos centenários em Caxias geralmente apresentam uma arquitetura impressionante e histórica. Muitas delas foram construídas durante os períodos colonial e imperial, refletindo estilos arquitetônicos que remontam a essas épocas. Suas fachadas ornamentadas, altares elaborados e vitrais intrincados são exemplos da habilidade artística e da devoção religiosa que caracterizam essas estruturas.

A construção de locais de culto religioso, muitas vezes, desempenha um papel central na configuração do espaço urbano. A “consciência comemorativa” destacada por Nora (1993) que persiste nesses lugares de memória é o reconhecimento à celebração contínua dos eventos ou pessoas que esses lugares representam: templos, igrejas, mesquitas, sinagogas e outros edifícios religiosos frequentemente se tornam marcos arquitetônicos distintivos na cidade. Eles não apenas servem como locais de culto, mas também como pontos de referência físicos que ajudam a definir a paisagem urbana e a identidade visual da cidade.

“No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, cada templo era frequentado por segmentos sociais distintos, no entanto, a igreja de São Benedito fugia desse paradigma, acolhendo brancos, mestiços e excluídos socialmente” (Leandro, 2017, p. 30). Como descrito por Leandro (2017), a igreja de São Benedito era o templo da unidade católica da cidade caxiense, exemplificando como um local de culto pode transcender barreiras sociais e reforçar a coesão comunitária dentro do espaço urbano. Dessa forma, a igreja de São Benedito não apenas se destaca como um marco arquitetônico, mas também como um símbolo de inclusão e identidade coletiva em Caxias.

Figura 1 - Igreja de São Benedito



Fonte: Autora, 2024.

Fotos das Igrejas⁵ responsáveis pelos quatro festejos mais populares da cidade. De acordo com Coutinho (2005), a construção da igreja de São Benedito, em Caxias, é um marco significativo na história local, tendo sido inicialmente erguida por devotos da Irmandade do Glorioso São Benedito, exclusivamente com donativos, sem a utilização de recursos públicos. A fundação do templo foi solicitada em uma petição datada de 7 de junho de 1803, por ordem do Governador do Bispado, Pe. Dr. João de Bastos Oliveira. O patrimônio da igreja foi formalizado em 13 de agosto do mesmo ano e a paróquia foi criada em 8 de maio de 1835, sendo designada como Igreja de São Benedito em 22 de julho de 1830.

De acordo com Mariângela Santana Guimarães Santos, a Igreja de São Benedito é um importante patrimônio que abriga um conjunto móvel e integrado, incluindo retábulos do século XX, seis lápides parietais do século XIX, três sinos de 1866 e diversos objetos litúrgicos. Entre as imagens presentes, destacam-se duas esculturas de São Benedito, além de representações do Bom Jesus dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição, Santa Rita de Cássia,

⁵ Imagens de arquivo pessoal da autora.

Nossa Senhora dos Anjos e Senhor Morto, todas datadas do século XIX (Santos, 2018).

Entre os episódios memoráveis está a Guerra da Balaiada, um período tumultuado em que as igrejas assumiram papéis diversos na narrativa do conflito. A Igreja de São Benedito, por exemplo, foi palco de solidariedade ao abrigar parte da população durante os momentos mais difíceis.

Já a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré dos Pretos testemunhou uma transformação incomum, convertendo-se no Mercado da Intendência dos insurretos. Enquanto isso, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios viu-se ocupada como depósito de armamentos, tomada pelos balaaios em meio aos embates.

Figura 2 - Igreja de Santo Antônio



Fonte: Autora, 2024.

Figura 3 - Igreja de São Sebastião



Fonte: Autora, 2024.

Figura 4 - Igreja Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Autora, 2024.

Esses templos, ao longo da história, têm desempenhado um papel central não apenas como locais de culto, mas também como catalisadores de celebrações e festividades que unem comunidades inteiras. Esses espaços sagrados servem como ponto de convergência, em que as pessoas se reúnem para expressar sua devoção e compartilhar experiências comuns. É nesse contexto que surgem os festejos produzidos pelos templos religiosos, que representam uma extensão natural da espiritualidade e da identidade cultural das comunidades.

Muitos festejos religiosos que acontecem em seus arredores atraem turistas nacionais e internacionais, gerando receita e promovendo a preservação do patrimônio cultural. Isso pode incluir festivais como o Círio de Nazaré em Belém, que é uma das maiores procissões religiosas do mundo. Os festejos religiosos no Brasil são uma parte vital da identidade cultural do país, preservam a memória coletiva das comunidades e contribuem para a riqueza do patrimônio cultural brasileiro. Eles refletem a diversidade religiosa e cultural do Brasil e desempenham um papel importante na promoção da compreensão e do respeito mútuo entre diferentes grupos religiosos e culturais.

Figura 5 - Jornal O Pioneiro. Caxias, domingo, 08 de novembro de 1981



Fonte: Google imagens, 2024.

A festa dos Remédios, descrita no jornal, evidencia uma forte ligação com o desenvolvimento e a história da cidade, especialmente no contexto cultural e religioso. O texto escrito no início dos anos 80, relembra a evolução da iluminação pública na cidade de Caxias. Nele a festa dos Remédios é descrita como uma das mais concorridas e tradicionais festas de arraial da cidade. Isso sugere que essa festa tem raízes profundas na cultura local, possivelmente, remontando aos períodos históricos anteriores ao desenvolvimento urbano moderno.

A presença de barracas de prendas e guloseimas, assim como carrosséis e leilões durante a festa, nos faz entender sobre a dinâmica econômica local associada a esses eventos, provavelmente era um momento importante para os comerciantes locais e uma oportunidade para a comunidade se reunir e participar de atividades de lazer, do mesmo modo que a menção à iluminação de carbureto no interior da igreja destaca um aspecto histórico e tecnológico da cidade indicando que, em um determinado período da história, a cidade adotou tecnologias específicas para suprir suas necessidades, mesmo que agora essas tecnologias sejam consideradas obsoletas.

Ao mesmo tempo fica claro os aspectos do desenvolvimento Urbano e a preocupação das autoridades em garantir que esse desenvolvimento urbano chegasse em locais considerados importantes para os cidadãos: o Largo dos Remédios, que era todo iluminado com lamparinas a querosene dispostas em forma de palmas. Esse tipo de iluminação, embora agora possa ser considerado antiquado,

era uma marca do desenvolvimento urbano da época. Isso sugere um certo nível de infraestrutura e planejamento urbano para a realização de festas e eventos públicos.

3. 2 Fé e Festas: Entre a Resistência Popular e a Institucionalização do Sagrado

No texto de Michel de Certeau, *O Lugar do Outro* (2021), o autor explora a transformação da mística ao longo da história, destacando como essa prática espiritual foi progressivamente afastada das instituições religiosas e do conhecimento teológico tradicional. Certeau (2021) aponta que a partir dos séculos XVI e XVII a mística deixou de ser considerada uma forma elevada de sabedoria, intrinsecamente ligada à fé comum, e passou a ser vista como um conhecimento experimental e individualizado, desvinculado das estruturas sociais e eclesiásticas. Desse modo, o autor afirma que:

[...] desde que a cultura europeia deixou de se definir como cristã [...] já não se designa como místico o modo de uma 'sabedoria' elevada ao pleno reconhecimento do mistério já vivenciado e anunciado em crenças comuns, mas um conhecimento experimental que se desvinculou lentamente da teologia tradicional ou das instituições eclesiásticas (Certeau, 2021, p. 45).

Essa mudança reflete um afastamento da mística das vias normais e da unidade social da fé, posicionando-a na margem de uma sociedade cada vez mais laicizada e científica. Ao aplicar essa análise ao estudo dos festejos religiosos em Caxias, podemos compreender esses eventos como práticas que, embora enraizadas em tradições religiosas, muitas vezes operam fora das normativas institucionais e assumem características místicas em um sentido mais popular e desvinculado da ortodoxia. Esses festejos, ao combinarem elementos da fé, da cultura local e da prática comunitária, ilustram como a religiosidade popular pode se manifestar de maneiras que escapam ao controle institucional e se aproximam da experiência mística descrita por Certeau (2021). Eles se tornam, assim, espaços onde o “eu” coletivo da comunidade se conecta com o divino em formas que podem desafiar as definições tradicionais de religiosidade.

Esses festejos são, portanto, um exemplo claro de como a mística pode ser entendida como uma experiência religiosa que se afasta das vias tradicionais e se enraíza nas práticas e crenças populares, que muitas vezes são marginalizadas ou consideradas periféricas em relação à fé institucionalizada. Isso reflete uma

continuidade da tensão entre o oficial e o popular na prática religiosa, onde o místico e o extraordinário encontram espaço para se manifestar.

Dando continuidade à análise das práticas religiosas populares em Caxias, podemos aprofundar a discussão ao conectar as reflexões de Michel de Certeau com as observações de Luiz Antônio Simas sobre a estruturação do cristianismo e as práticas de fé no cotidiano.

Simas (2022) destaca que a formação do cristianismo está profundamente enraizada na cosmogonia desenvolvida sob o Império Romano, onde se estabeleceu uma dicotomia entre o sagrado e o profano, e entre a perfeição divina e a imperfeição humana. Essa visão coloca os indivíduos em uma constante luta interior, buscando a salvação enquanto enfrentam as tentações e os desafios do mundo material. Esse conceito ressoa com a ideia de Certeau (2021) sobre a mística, que se distancia das vias normativas e se posiciona como uma experiência de relação direta com o divino, muitas vezes à margem das estruturas eclesiásticas tradicionais.

No contexto dos festejos religiosos em Caxias, essa dicotomia entre sagrado e profano, descrita por Simas (2022), é manifestada na forma como as celebrações locais integram elementos de fé institucional e práticas populares. A negociação mencionada por Simas, em que o crente faz promessas aos santos em troca de graças, ilustra bem essa dinâmica. Nessas práticas, o fiel estabelece uma relação quase mercantil com o sagrado, que pode incluir até mesmo punições ao santo caso a graça não seja concedida (Simas, 2022). Esse comportamento, embora à margem das doutrinas oficiais da Igreja, é uma expressão legítima da religiosidade popular, onde o sagrado é vivenciado de forma pessoal e, muitas vezes, desvinculado das normas institucionais.

Certeau argumenta que a mística, na modernidade, se caracteriza por se afastar das vias normais da fé e por se manifestar em formas extraordinárias e marginais (Certeau, 2021). Essa perspectiva pode ser aplicada ao entendimento das práticas religiosas populares em Caxias, onde a fé se expressa por meio de rituais e negociações que não seguem estritamente as normas eclesiásticas, mas que têm profundo significado para a comunidade local.

Esses festejos, então, não são apenas celebrações, mas também espaços de resistência e de afirmação cultural, onde o sagrado se reinventa à luz das tradições populares. Como Simas aponta, o cristianismo popular muitas vezes se desenvolve à margem do poder institucional, criando uma relação direta e, por vezes, tensa com o

sagrado (Simas, 2022). Esse fenômeno ilustra a capacidade da religiosidade popular de adaptar e ressignificar os elementos da fé, mantendo viva a conexão com o divino em um contexto social em constante transformação.

Nas discussões sobre a dinâmica dos festejos religiosos em Caxias é importante aprofundar o entendimento de como a relação entre os fiéis e os santos evoluiu ao longo do tempo, refletindo mudanças significativas na prática religiosa popular. Simas (2022) observa que a popularidade de novos santos, que não precisavam passar por martírios brutais para alcançar a santidade, trouxe uma nova dimensão à religiosidade popular. Esses santos estabeleceram uma conexão direta e menos institucionalizada com seus seguidores, o que acabou por inquietar a Igreja, especialmente porque esses santos, muitas vezes, rejeitavam bens materiais, a sexualidade e o conforto, dedicando-se a uma vida de ascetismo e transe místicos (Simas, 2022). Essa transformação na percepção dos santos reflete uma mudança mais ampla na maneira como o sagrado é vivenciado pelos fiéis.

No contexto dos festejos religiosos em Caxias, essa relação direta entre santos e devotos é particularmente evidente. A prática de humanizar os santos, como menciona Simas, é uma característica central das devoções populares, em que os santos não são apenas figuras de reverência, mas também participantes ativos na vida cotidiana dos fiéis. Isso é especialmente relevante em comunidades onde as festas religiosas desempenham um papel crucial na manutenção da coesão social e na expressão da identidade cultural.

As festas em Caxias, portanto, não apenas celebram o sagrado, mas também o tornam acessível e próximo ao povo. Os santos são humanizados nas práticas cotidianas, e suas histórias e milagres são reinterpretados à luz das experiências locais. Como aponta Simas (2022), o foco dessas devoções não está tanto em como a Igreja institucional santificou homens e mulheres, mas sim em como esses santos foram humanizados pelas práticas diárias e pelo encantamento que permeia o mundo dos devotos. Essa humanização dos santos reflete a capacidade das comunidades de reinterpretar e adaptar as tradições religiosas para se adequar às suas necessidades e contextos específicos.

Essa dimensão do sagrado, profundamente enraizada no cotidiano e nas práticas comunitárias, é o que mantém vivos os festejos religiosos em Caxias. Eles não apenas reafirmam a fé, mas também reforçam a identidade cultural e social da

comunidade, tornando os santos figuras próximas e acessíveis, que participam ativamente da vida dos devotos.

Por sua vez, Amaral (2001) oferece uma reflexão profunda sobre o papel das festas na cultura brasileira, propondo que essas ocupam um lugar central no tecido social do país. Amaral (2001, p. 13) parte da hipótese de que “[...] as festas ocupam um espaço privilegiado na cultura brasileira” e que, desde o período colonial, são “[...] um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento”. Nesse sentido, a festa é entendida como uma linguagem essencial do povo brasileiro, capaz de traduzir “[...] muitas de suas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais” (Amaral, 2001, p. 13).

Amaral argumenta que as festas possuem um papel mediador na sociedade, sendo capazes de “[...] diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam” (Amaral, 2001, p. 13). Ela defende que, ao contrário da visão de alienação frequentemente associada ao festejar, as festas brasileiras constituem uma “[...] dimensão de aprendizado da cidadania e apropriação de sua história por parte do povo” (Amaral, 2001, p. 13).

Além disso, a autora explora a relação entre a festa e a organização social, sugerindo que “[...] longe de ser um fenômeno de distanciamento da realidade, fuga psicológica etc., (...) nossas festas são capazes de estabelecer a mediação entre a utopia e a ação transformadora” (Amaral, 2001, p. 14). Através da organização para a realização das festas, muitos grupos conseguem “[...] crescer política e economicamente, mesmo que em modo local” (Amaral, 2001, p. 14), o que demonstra o potencial transformador das celebrações.

Por fim, a autora destaca o aspecto econômico das festas, observando que estas vêm se tornando “um excelente negócio” devido ao “[...] forte apelo turístico que lhes é peculiar” (Amaral, 2001, p. 16). As festas, ao atraírem turistas e gerarem recursos financeiros, assumem uma “tríplice importância”: cultural, como expressão de valores e devoção; social, como modelo de ação popular com benefícios concretos; e como espetáculo, que contribui para a economia local.

3. 3 Festejo de São Sebastião

A veneração a São Sebastião foi introduzida no Brasil através dos portugueses no período da colonização. De acordo com a tradição, Sebastião, um dos soldados

romanos do século III, foi executado sob as ordens do imperador Diocleciano durante a perseguição aos cristãos no Império Romano. Tendo surgido no século IV, atingiu seu auge nos séculos XIV e XV, tanto na Igreja Católica quanto na Igreja Ortodoxa. Assim como muitos outros santos populares, a vida de São Sebastião é repleta de relatos de heroísmo e sofrimento, com o conceito de martírio sendo uma constante. Ele foi condenado à morte por flechadas pelo imperador Diocleciano devido à sua suposta simpatia com os cristãos, o que era considerado inadequado pelo governo romano na época (IPHAN, 2010). De acordo com a mesma fonte,

No Brasil é padroeiro de 144 paróquias, inclusive na cidade do Rio de Janeiro, cujo nome canônico é São Sebastião do Rio de Janeiro. A adoção desse nome é justificada pelo fato de que a primeira grande vitória das armas portuguesas contra os francos tamoios, na região da Guanabara – a batalha de Uruçumirim – travou-se a 20 de janeiro, dia em que se comemora o santo (IPHAN, 2010, p. 35).

É importante observar a conexão histórica entre a celebração religiosa e eventos significativos na história local. Essa conexão é comum em muitas tradições religiosas, destacando a influência da devoção religiosa na cultura e na identidade de uma região. Nessa perspectiva, notamos um contexto interessante sobre a devoção a São Sebastião no Brasil e sua relação com eventos históricos específicos, como a batalha de Uruçumirim.

Em Caxias, no Maranhão, a devoção ao São Sebastião é predominantemente observada por fiéis que participam ativamente das celebrações em honra ao santo, composto por novenas, missa e procissão. O festejo é um exemplar do modelo de festejos de promessa. Embora essa manifestação religiosa tenha raízes profundas na cidade, sendo parte integrante do calendário local há várias décadas. Foi graças à iniciativa da família Assunção que, a partir de uma promessa, passou a organizar e manter o festejo centenário até os dias atuais.

De acordo com a página “Caxienses ilustres”: ao receber a notícia de que seu irmão, Mário, havia sido convocado para servir na Itália durante os tumultos da Segunda Guerra Mundial, a professora Laci Assunção fez uma promessa diante da Capela de São Sebastião, uma obra que remonta ao século XIX, que ela aspirava ver concluída. Prometendo que, caso a guerra chegasse ao fim, reiniciaria os festejos em honra ao Santo e continuaria a construção da Capela. Contudo, movida por um profundo desejo de ação, antes mesmo do desfecho da guerra, ela convocou amigos

e vizinhos e organizou o primeiro evento festivo, em janeiro de 1945. A partir desse momento, comprometeu-se incansavelmente com a conclusão da construção da pequena igreja, um empreendimento que progrediu gradualmente até a sua realização completa.

Figura 6 - Igreja de São Sebastião no Largo de São Sebastião



Fonte: Pesquisadora, 2024.

As homenagens tiveram início no domingo, que antecede o dia 20 de janeiro, com a cerimônia de busca do mastro na reserva ecológica do Inhamum, um ritual matinal conduzido pelos membros da família Assunção, fiéis e líderes comunitários, seguido pelo tradicional momento de confraternização com café, chocolate e caldo de carne. Ao som de cânticos sagrados e batidas ritmadas de tambores, a procissão com o mastro de São Sebastião iniciou-se nas primeiras horas da manhã, enquanto o sol despontava no horizonte. À tarde, ocorreu o levantamento do mastro, a queima de fogos de artifício e as novenas. A tradição do levantamento do mastro em homenagem a São Sebastião começou há mais de cem anos, ainda em meados do século XIX, por devotos moradores próximos ao Largo de São Sebastião.

Entretanto, o ápice da devoção e celebração a São Sebastião ocorre durante a festa com a realização da missa pela manhã, seguida pela procissão que percorre as principais ruas e travessas da comunidade do Pau D'água, onde está localizada a

Capela que acolhe e conclui a procissão, e o largo do festejo, que recebe o nome do Santo em reconhecimento à sua importância.

Figura 7 - Procissão com o mastro



Fonte: <https://caxias.ma.gov.br/>

Figura 8 - Fiéis em momento de devoção



Fonte: <https://caxias.ma.gov.br/>

Todos os anos os procedimentos que formaram a programação são praticamente os mesmos, porém no ano de 2021, em plena crise da pandemia do Corona vírus, pela primeira vez em 140 anos de tradição, o município de Caxias não realizou o tradicional festejo de São Sebastião, que tem a derrubada do mastro como o ápice, o ponto mais esperado e participativo do festejo. Porém, a comunidade

precisou reinventar a maneira de celebrar e não permitir que o evento não acontecesse. Na ocasião, para informar a população devota, a família concedeu entrevista a uma importante emissora de televisão esclarecendo as mudanças:

Devida a pandemia, não buscaremos o mastro como fazemos todos os anos, mas não deixaremos passar em branco. Vamos levantar na frente da igreja um mastro de metal, uma bandeira do santo, rezaremos e tocaremos os foguetes como sempre se fez. Serão verificadas as temperaturas das pessoas e vamos manter o distanciamento. Não rezaremos o 'Pai Nosso' de mãos dadas, mas estaremos juntos", explica Bina Assunção, presidente da Associação de Amigos e Devotos de São Sebastião.⁶

É importante destacar que no mesmo contexto a emissora destacava a situação do Maranhão, frente à pandemia, com 201.255 casos confirmados e 4531 óbitos pela doença. Nesse contexto de interrupção e reflexão, emerge uma nova dimensão da mística. O cancelamento do festejo de São Sebastião não apenas interrompe uma tradição secular, mas também convida a uma profunda contemplação sobre o significado da devoção e da espiritualidade em tempos de crise. Longe das multidões e dos rituais coletivos, a mística se insinua nos cantos solitários dos devotos, nas preces sussurradas em casa, na busca por conforto e esperança em meio à incerteza.

Para Michel de Certeau (2021), a mística é um conceito complexo que envolve experiências de transcendência e busca espiritual, é interpretada e vivida de maneira particular dentro do contexto da modernidade. No capítulo intitulado "Mística", em seu livro *O Lugar do Outro*, Certeau discute a mística não apenas como uma prática religiosa tradicional, mas como uma forma de resistência cultural e espiritual às estruturas dominantes da sociedade.

Desse modo, compreende-se que a ausência física da celebração não diminui o fervor espiritual da comunidade. Pelo contrário, ela desafia os fiéis a encontrarem novas formas de expressão de sua devoção, a reinventarem os rituais e práticas religiosas em um contexto de distanciamento social e isolamento. Talvez, nesse momento de pausa forçada, a mística de São Sebastião se manifeste de maneira mais íntima e pessoal, convidando os devotos a olharem para dentro de si mesmos em busca de fortaleza e renovação espiritual.

⁶ Fonte: G1 <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/01/06/pela-primeira-vez-em-140-anos-derrubada-do-mastro-de-sao-sebastiao-e-cancelada-em-caxias.ghtml>.

Enquanto não se pode voltar à normalidade, a mística do festejo de São Sebastião encontrou novos caminhos para se manifestar. Ela se revela na solidariedade da comunidade, na perseverança dos que lutam contra a doença, na esperança que brota mesmo diante das adversidades mais sombrias. Assim, mesmo em tempos de distância física, (em virtude da Pandemia do COVID 19) a devoção ao santo padroeiro continua a unir os corações dos caxienses, recordando-lhes que a verdadeira essência da mística transcende as barreiras do tempo e do espaço, encontrando morada nos recônditos da alma humana.

3.4 Festejo de São Benedito

Historicamente, a devoção a São Benedito era, no início, um fenômeno intimamente ligado às comunidades negras que o venerava como um protetor e intercessor. Os cultos e celebrações dedicados a ele serviam não apenas como expressões de fé, mas também como espaços de resistência cultural, em que os escravos podiam preservar suas tradições e identidades em meio à opressão.

Com o passar do tempo, a devoção a São Benedito transcendeu as fronteiras das comunidades negras, tornando-o um dos santos mais amados e venerados do país. De acordo com o site de da arquidiocese de São Paulo, embora em todo o mundo sua festa seja celebrada em 4 de abril, data de sua morte, no Brasil ela é celebrada, desde 1983, em 5 de outubro, por uma especial deferência canônica concedida à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Ano após ano o cenário é quase sempre o mesmo: o lugar sagrado organiza-se meticulosamente para as celebrações do dia, com uma decoração especial preparada para acolher os fiéis que participariam das cerimônias. Entre as várias imagens de santos no templo, uma em particular estava em destaque: a imagem de São Benedito, o padroeiro, posicionada à direita do altar durante todo o ano.

No dia da festa, essa imagem era especialmente adornada com flores frescas, enquanto uma vela era acesa diante dela, simbolizando luz e orientação espiritual. Este gesto não só honrava São Benedito, mas também iluminava o caminho para aqueles que buscavam sua intercessão. Entre as outras figuras sagradas no templo estavam Santo Antônio, São Francisco, Sant'Ana, Santa Rita, entre outros, mas, nesses dias, a atenção se volta especialmente para São Benedito.

No transcorrer dos dias a atmosfera do festejo é mencionada nos jornais, destacando a participação de toda a cidade, sugerindo um envolvimento comunitário amplo e colaborativo de grande devoção e participação da comunidade, com a presença maciça de fiéis e romeiros de várias partes, evidenciando a importância e o alcance da festa além das fronteiras locais:

Hoje e amanhã são os dias máximos da tradicionalíssima Festa de S. Benedito em nossa cidade, com seu templo e seu largo superlotados de fiéis, romeiros procedentes dos mais diversos lugares, barracas, comidas e bebidas, jogos, animação e alegria. À frente do grande festejo popular, monsenhor Gilberto Barbosa e padre José Mendes, bem como os Srs. Salvador Trindade e Martinho Paiva, com a colaboração de toda a cidade. Hoje será a noite dos romeiros e beatos do padroeiro, e, amanhã, após a missa da tarde, a costureira procissão percorrerá o itinerário de sempre. Por fim, como de costume, segunda-feira, dia 27, durante o dia, será precedido o leilão de aves e criações ofertadas a S. Benedito pelos fiéis (Folha de Caxias, 25 ago. 1973).

Da mesma forma, no fim da Festa de São Benedito, podemos identificar nos jornais como a mesma é um evento importante na cidade. *O Pioneiro*, no dia 23 de agosto de 1981, destaca a quantidade de gente reunida perto do templo dedicado ao Santo. A quantidade de pessoas é sempre grande, como em todos os anos. O templo fica lotado e a área ao redor fica cheia, especialmente a praça grande. Há tanta gente que o espaço não é suficiente para todos, como assim foi anunciado pelo jornal:

Fim da Festa de São Benedito a exemplo do que ocorreu todos os anos, e sempre com a mesma intensidade, o templo de São Benedito [...], será pequeno no dia de hoje para abrigar as milhares de pessoas que para lá correrão, superlotando também seu grande largo, nas últimas horas de sua tradicional festa, a mais popular de todas em nossa cidade [...] (O Pioneiro, 23 ago. 1981).

O término da Festa de São Benedito, apontado pelo jornal, representa um fenômeno sociocultural de relevância local, caracterizado pelo encontro massivo de indivíduos em um espaço geográfico específico. A exemplo dos anos anteriores, a intensidade desse evento se manifesta de forma consistente, com a presença de milhares de participantes que convergem para o templo dedicado ao santo. Este local de culto se torna rapidamente insuficiente para acomodar a demanda, resultando em superlotação não apenas dentro do edifício religioso, mas também em seu entorno, notadamente no largo adjacente.

As festas de São Benedito eram uma tradição estabelecida em Caxias. Os registros nos periódicos, como o jornal *Nossa Terra*, de 30 de agosto de 1961, o jornal *Folha de Caxias*, de 25 de agosto de 1973 e *O Nosso Jornal*, de 12 de setembro de 1984, oferecem valiosas referências sobre os detalhes fundamentais da relação entre esses festejos e a dinâmica social e urbanística da cidade em formação. Na obra *Fragmentos da memória: contribuições à história da cidade de Caxias do Maranhão*, Mariangela Santana Guimarães Santos destaca a importância da igreja de São Benedito, afirmando que:

[...] a festa repercutia na vida econômica da cidade, pois os serviços das costureiras, sapateiros, entre outros, eram intensificados; as costureiras faziam as roupas das crianças, jovens e adultos que passavam o ano inteiro se preparando para a data; os sapateiros não paravam no manuseio do engraxe dos sapatos, além de todo o comércio que se organizava para obter maior lucratividade (Santos, 2018, p. 138).

Essa citação ilustra como os festejos religiosos não apenas fortalecem a identidade cultural, mas também promovem um dinamismo econômico significativo em Caxias, evidenciando a interdependência entre a religiosidade e a vida econômica local. As festividades, em sua completude, são frequentemente evocadas por aqueles que narram memórias ou compartilham relatos, que testemunharam os seus tempos áureos durante século XX. Essas lembranças revelam que as celebrações deixaram uma marca indelével na história e na memória de determinados grupos sociais. Era comum, por exemplo, a realização de bailes nos clubes locais como parte integrante dessas celebrações. A partir dessas fontes, é possível discernir uma clara distinção entre as festividades frequentadas pela elite local, que se reunia em seus clubes e salões, e as manifestações populares, que ocorriam nas áreas públicas em frente às casas.

Essa distinção não é apenas uma questão de localização ou de estilo de celebração, mas sim uma manifestação da cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação. A cultura dominante não apenas une os indivíduos, mas também separa e legitima as distinções entre as culturas, tornando-as subculturas em relação à cultura hegemônica. Nesse caso, a elite local e as manifestações populares representam duas culturas diferentes, com padrões de comportamento e valores que são legitimados pela cultura dominante. A elite local é a cultura que une, pois é a mais próxima da cultura hegemônica, enquanto as

manifestações populares são a cultura que separa, pois são vistas como subculturas em relação à cultura dominante, Bourdieu (2010, p. 11):

[...] a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante.

Dessa maneira, podemos afirmar que a cultura dominante legitima as distinções entre as culturas, tornando-as naturais e inevitáveis. Isso ocorre porque a cultura dominante é internalizada através da socialização, tornando-se parte integrante da percepção e do pensamento dos indivíduos. Essa internalização legitima as relações de dominação e as distinções sociais, tornando-as aparentemente naturais e justas.

Essa legitimação é bem exemplificada nas celebrações religiosas da comunidade local, nas quais a dança e os bailes eram características marcantes⁷. Esses eventos não apenas refletiam a devoção religiosa, mas também desempenhavam um papel central na construção da identidade cultural e social da comunidade local. A internalização da cultura dominante torna essas celebrações uma parte integral da identidade da comunidade, legitimando as distinções sociais e as relações de dominação que existem entre as culturas.

Por outro lado, o relato de Soares (2003) fornece uma visão mais detalhada e intimista da dinâmica social nos clubes da época, especialmente o Casino Caxiense, a União Artística e Operária Caxiense e o Centro Operário Caxiense. Soares (2003) descreve as nuances de acesso e comportamento em cada um desses espaços, revelando as distinções de classe e as normas sociais vigentes.

Eram três os principais clubes da cidade: o casino Caxiense, A União Artística e operária Caxiense e o Centro Operário Caxiense...A União já apresentava um porte menos elitista. Entravam os associados e quem pudesse pagar cota. Todavia essa liberalidade não era, de todo, irrestrita. Havia uma sala exclusiva para as pessoas mais exigentes. Dançar, todo mundo podia. Caso desrespeitasse, era expulso do clube, sem apelação. Se reagisse seria jogado pela janela, de rebolo. O Centro era um clube acessível a todos. Todos, mesmo. Pagou entrou. Não havia sala reservada. Se não cumprisse

⁷ Destaque do jornal *Nossa Terra*, sobre os bailes que faziam parte do tradicional Festejo de São Benedito: "Nos festejos beneditinos culminados no nosso mundo elegante, com as partidas dançantes no Casino, em que se apresentaram senhoras e senhoritas, como de tradições, esmeradas nos "toilettes" destacam-se, para esta colunista, que de agora em diante passara a registrar os grandes dias festivos com detalhes femininos para o grande público" (*Nossa Terra*, 30 ago. 1961).

as normas, seria posto para fora, sem mais delongas. Outras festas dançantes eram realizadas em casas de família e... nos cabarés (Soares, 2003, p.109-110).

No ano de 1984, o jornal *O Nosso Jornal* relatou em detalhes o grande evento que marcou o último dia do festejo religioso. Fiéis vindos tanto da cidade quanto de longe acompanharam com devoção a imponente procissão, que percorreu as ruas da localidade em meio a uma atmosfera carregada de fé e devoção:

Uma Grande Multidão Acompanhou a Procissão de São Benedito. A cada ano o Festejo de São Benedito em Caxias recebe um grande número de devotos vindos de todas as partes do nosso município bem como de outras cidades vizinhas, como Aldeias Altas, Timon e Codó. A Procissão de São Benedito este ano, foi acompanhada como exemplo de anos anteriores, por uma numerosa multidão de fiéis, que com bastante fé na proteção do Glorioso São Benedito, seguiam lentamente pelas principais ruas de nossa cidade, passando pela igreja da Catedral e vindo em seguida para a igreja de São Benedito, onde uma outra multidão a aguardava com muita ansiedade. A saída da Procissão da Igreja de São Benedito, aconteceu por volta das 17 horas e retornou às 18 horas [...] (O Nosso Jornal, 12 set. 1984).

A significativa participação popular e a organização do evento, observadas nesse relato do jornal refletem o compromisso dos devotos em manter viva essa tradição centenária. Esses festejos não só celebram a fé, mas também fortalecem os laços comunitários e culturais, ressaltando o papel fundamental que tais celebrações desempenham na coesão e na identidade da região. Sobre isso, Coimbra relata que:

[...] os festejos religiosos têm também grande importância no processo da formação da mentalidade religiosa do povo brasileiro”, indicando que as celebrações religiosas desempenharam um papel significativo na maneira como o povo brasileiro desenvolveu sua fé e compreensão religiosa ao longo do tempo. A autora ainda acrescenta que “através da participação nessas festas e procissões a população encontra elementos tranquilizadores e protetores (Coimbra, 2019, p. 403).

Complementando essa perspectiva, Reis (2023) descreve o catolicismo no Brasil como marcado por uma ostentação visual e uma pompa ritualística, principalmente evidenciada em eventos como missas, procissões e funerais. Esse caráter opulento das festividades religiosas, citado por Coimbra, fica evidente na descrição de Reis, que apresenta uma fé católica extravagante, com templos ricamente decorados, corais e orquestras acompanhando as cerimônias e a participação massiva de pessoas. Dessa forma, as observações de ambos os autores se conectam, destacando tanto a importância cultural e emocional das festividades

religiosas quanto a riqueza e o requintes presentes nessas celebrações, que moldam a experiência religiosa do povo brasileiro.

3. 5 Festejo de Nossa Senhora de Nazaré

Ao analisar a devoção à Nossa Senhora de Nazaré no contexto brasileiro, é possível observar como essa figura religiosa se enraizou profundamente na cultura popular, tornando-se um símbolo de fé e proteção para diversas comunidades. A história de Nossa Senhora de Nazaré, conforme relatada por Simas (2022), ilustra a maneira como as devoções populares se desenvolvem a partir de experiências cotidianas que, aos olhos dos devotos, carregam significados espirituais profundos.

A primeira referência mais famosa à Nossa Senhora de Nazaré no Brasil data de 8 de setembro de 1630, quando um pescador em Saquarema, no Rio de Janeiro, ao verificar se uma tempestade havia danificado seu barco e redes, encontrou uma imagem da Virgem de Nazaré em um morro. Segundo Simas, ao perceber uma luz brilhante, o pescador descobriu a imagem, levou-a para casa e, junto com outros pescadores, rezou antes de dormir (Simas, 2022). Essa narrativa não só reforça a importância da Virgem como um ícone de proteção, mas também destaca a maneira como tais eventos são interpretados como sinais divinos, fortalecendo a fé e a devoção popular.

A história de Nossa Senhora de Nazaré exemplifica a íntima conexão entre a experiência cotidiana e a construção de significados religiosos. O fato de a imagem ter sido encontrada após uma tempestade, um momento de vulnerabilidade e incerteza, reforça a crença na intervenção divina, fazendo com que a Virgem de Nazaré se tornasse um símbolo de esperança e proteção. A devoção à Nossa Senhora de Nazaré, portanto, é um exemplo de como a religiosidade popular brasileira se desenvolve a partir de narrativas locais, que vinculam o sagrado ao cotidiano, permitindo que os fiéis sintam a presença divina em suas vidas diárias.

A origem histórica do Festejo de Nossa Senhora de Nazaré, em Caxias é difícil de ser precisamente determinada. No entanto, é possível identificar alguns pontos importantes que contribuem para a compreensão da história do festejo: possivelmente o mesmo pode ter iniciado com a origem da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, criada em 1939, quando a Diocese de Caxias do Maranhão foi estabelecida.

A raiz histórica da Igreja Nossa Senhora de Nazaré e de Santo Antônio, onde acontecem diversos festejos da cidade reporta-se aos primórdios da colonização desta região, quando os padres Jesuítas, pioneiros na evangelização destas terras, estabeleceram os fundamentos da fé católica entre os povos indígenas e os colonos europeus. Desse modo, as duas igrejas figuram entre as mais antigas dessa localidade, sendo testemunhas silenciosas dos capítulos iniciais da história local. Segundo relatos históricos, foram os próprios Jesuítas que ergueram esses santuários, dotando-os de um caráter sacro que atravessou séculos.

No entanto, podemos afirmar que a própria devoção à Virgem de Nazaré, em Caxias, remonta do século XVIII, com a construção da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, a mais antiga da cidade, que recebe seu nome. O templo da Virgem de Nazaré, situado na Trizidela⁸ de Caxias, representa o início da empreitada missionária dos padres jesuítas, que almejavam estabelecer uma cidade fundamentada na fraternidade, sob “as bênçãos da Virgem”. Contudo, os desdobramentos políticos inevitáveis desse período lançaram sombras sobre esses nobres intentos, resultando na expulsão dos jesuítas, deixando para trás um vácuo que nenhum substituto conseguiu preencher de forma eficaz.

A interrupção abrupta de suas atividades benevolentes deixou um legado de perda que ressoou ao longo dos anos, evidenciando a fragilidade das estruturas sociais diante das vicissitudes políticas. Assim, o templo da Virgem de Nazaré não apenas representa uma importante página na história religiosa e social da região, mas também serve como um lembrete dos complexos entrelaçamentos entre política e religião, que moldam o destino das comunidades ao longo do tempo.

Na cidade de Caxias aconteceu também o desaparecimento de algumas festas religiosas e o enfraquecimento de outras manifestações religiosas. Convém registrar que a Festa de N. Sra. de Nazareth no bairro da Trizidela era para ser a grande festa religiosa do sertão maranhense, ou mesmo o Círio de Caxias. Mas, a devoção à Virgem de Nazareth, historicamente foi sufocada pelo regalismo do reino português. O templo da Virgem de Nazareth, na Trizidela de Caxias era o marco inicial da construção missionária dos padres jesuítas. Aí eles pensaram em edificar uma cidade fraterna sob as bênçãos, da Virgem de Nazareth; por questões políticas, os jesuítas foram expulsos em 1760, e nada melhor ou igual substituiu as ações benfazejas dos missionários (Leandro, 2017, p. 21).

⁸ Trizidela é um termo que se refere a uma parte de uma cidade localizada na margem oposta de um rio, especialmente em contextos relacionados ao estado do Maranhão, Brasil. Significa a terça parte (em Tupi-Guarani). A palavra pode ser entendida como “além do rio” e é utilizada para descrever áreas que estão geograficamente separadas por um curso d’água. Em algumas referências neste texto, pode estar escrita como “tresidela” respeitando a escrita da fonte pesquisada.

Leandro (2017) também esclarece que no século XVIII, quando focos de ocupações indígenas pontuavam as margens do Rio Itapecuru, os Jesuítas unificaram esses grupos dispersos, erguendo um pequeno arraial consagrado à Nossa Senhora de Nazaré. Ainda que algumas incertezas pairam sobre os detalhes exatos dessa narrativa, sua importância na construção da identidade religiosa e cultural da região é inegável.

Embora não haja informações específicas sobre a origem do festejo em Caxias, é provável que tenha sido influenciado pelas celebrações similares em outras regiões do Brasil, como o Círio de Nazaré, em São Luís, e o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré, em Nazaré, no Tocantins, e pelo fato de que a devoção à Nossa Senhora de Nazaré seja comum em várias regiões do Brasil, especialmente no Norte e Nordeste, podendo ter contribuído para a popularidade do festejo em Caxias. Por sua vez, Pereira e Bomfim (2010, p.11) apontam que:

Juntamente com a fixação do templo em honra a Nossa Senhora de Nazaré, iniciou-se também o trabalho de catequização dos índios e as novenas e devoções a Nossa Senhora de Nazaré, através das festas em sua homenagem prestigiadas pelos habitantes da freguesia. No início tratava-se apenas de pequenas manifestações feitas pelos catequizadores, com rezas e pregação do catequético, mas com o aumento da população e o desenvolvimento da cidade de Caxias-MA, devido a sua importância como entreposto comercial entre os sertões e a capital, elevando-a a condição de uma das mais importantes cidades da província no início do século XIX, os festejos se tornaram, mais suntuosos, com festas nos dias das novenas, ou seja, nos nove dias que antecedem o festejo e grande procissão no dia dedicado a Nossa Senhora de Nazaré.

Notadamente, as afirmações acima destacam a importância de Caxias como um entreposto comercial entre os sertões e a capital, o que contribuiu para o crescimento da cidade e a elevação de sua condição como uma das mais importantes cidades da província no início do século XIX. Isso demonstra a interconexão entre a economia e a religião na formação da identidade da cidade. Do mesmo modo, a transição dos festejos pequenos e simples para os mais suntuosos e complexos com o crescimento da população e do desenvolvimento econômico da cidade é um indicador do aumento da influência religiosa e cultural na sociedade.

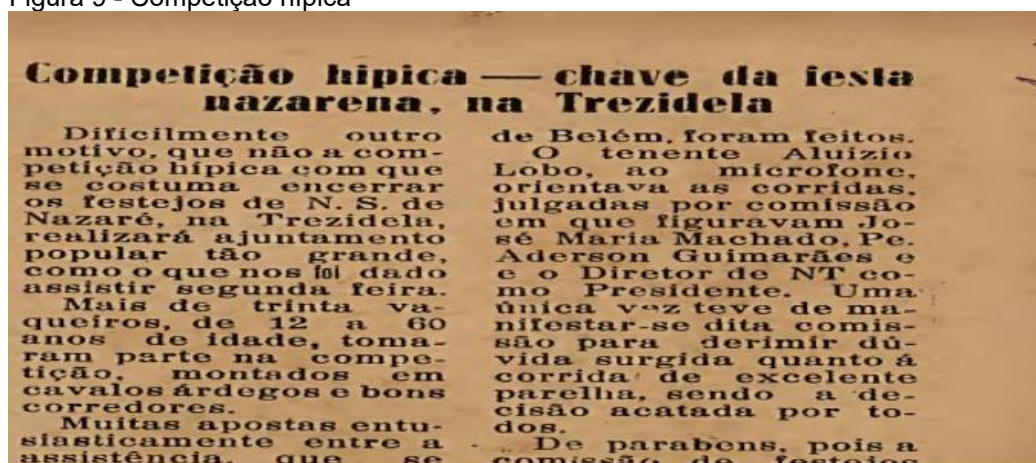
Sobre o aspecto do desenvolvimento, é importante destacar que no século XIX a cidade de Caxias, no Maranhão, experimentou um crescimento econômico significativo, tornando-se uma potência industrial antes mesmo de outras cidades do Brasil. Segundo Pessoa (2009), essa ascensão econômica foi resultado de uma

combinação de fatores, incluindo a instalação da fábrica Industrial Caxiense, em 1883, e a construção da linha férrea que ligava Caxias à Vila de São José das Cajazeiras, atualmente a cidade de Timon.

A fábrica Industrial Caxiense foi um fator crucial para o desenvolvimento econômico da cidade, pois proporcionou empregos e estimulou a produção industrial. Além disso, a construção da linha férrea melhorou significativamente as condições de transporte e comércio, permitindo que a cidade se conectasse mais facilmente com outras regiões do país. Esses desenvolvimentos econômicos contribuíram para uma expansão significativa da cidade, tornando-a um centro industrial e comercial importante no interior do Maranhão. A cidade continuou a crescer e se desenvolver ao longo do século XX, consolidando sua posição como um dos principais centros econômicos da região.

Diante da prosperidade da cidade no seu aspecto socioeconômico, a Igreja também sofreu modificações principalmente em sua festa, aumentou o número de fiéis participantes nas novenas e nas festas e procissões. Pereira e Bomfim (2010) descrevem que a festa iniciava no primeiro dia de novena, com girândolas e foguetes e a tradicional reza da novena, nos outros dias seguiam a mesma programação, com corridas de cavalos e vaquejadas no período da tarde, e no último dia de festejo acontecia a procissão, com a participação dos cavaleiros que participavam da vaquejada. A imagem da Santa seguia em um carro enfeitado com luzinhas e flores e o povo a seguia pelas ruas do Bairro Trezidela. No último dia do festejo havia uma grande competição hípica, como demonstrado no jornal *Nossa Terra*:

Figura 9 - Competição hípica

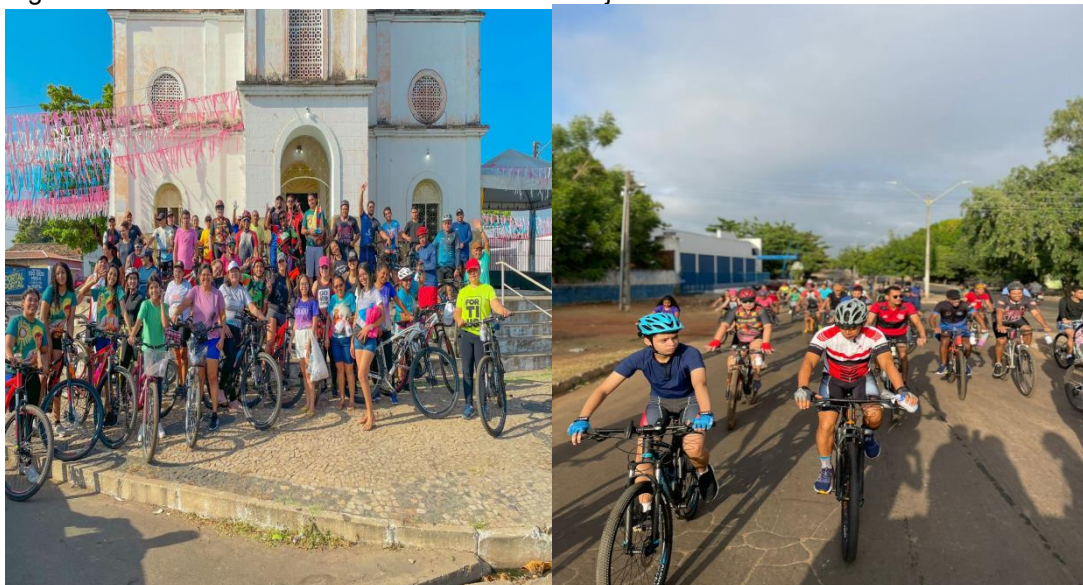


Fonte: *Nossa Terra*, 27 mai. 1961.

Em 1961, conforme descrito pelo *Nossa Terra*, o encerramento dos festejos de Nossa Senhora de Nazaré na Trezidela era marcado por uma competição hípica. Este evento atraía uma multidão considerável, composta por vaqueiros de diversas idades, de 12 a 60 anos, que participavam montados em cavalos ágeis e rápidos. A competição não só era um momento de diversão e entretenimento, mas também de grande envolvimento comunitário, com apostas e intensa participação popular.

Essa celebração, centrada em uma atividade tradicional como a corrida de cavalos, refletia a realidade de uma sociedade mais rural e menos influenciada pelas tecnologias modernas. A religiosidade estava intimamente ligada aos costumes e atividades cotidianas, onde a devoção se misturava com a vida comunitária e as tradições locais. No entanto, com o passar do tempo, as transformações sociais e tecnológicas trouxeram mudanças profundas. Atualmente, o encerramento dos festejos de Nossa Senhora de Nazaré é marcado por um passeio ciclístico, como demonstrado nas fotos.

Figura 10 - Passeio ciclístico no último dia do festejo de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Pesquisadora, 2024.

Essa mudança não é apenas uma troca de atividade, mas simboliza uma série de alterações na dinâmica social e cultural. O uso de bicicletas, em vez de cavalos, reflete uma sociedade mais urbanizada, onde os meios de transporte e as formas de lazer foram adaptados ao novo contexto. O passeio ciclístico é mais acessível e inclusivo, permitindo a participação de um público mais amplo, incluindo famílias,

crianças e idosos, sem a necessidade das habilidades específicas exigidas pela corrida de cavalos.

Como sugere Michel de Certeau (2021, p. 32), “[...] os conteúdos são permanentes, mas submetidos a um novo processamento que, já detectável nos cortes efetuados pelas divisões, se formula em breve com a gestão política das diferenças”. Essa observação é aplicável ao festejo de Nossa Senhora de Nazaré, cuja celebração, apesar de manter sua essência religiosa e cultural ao longo dos anos, passou por mudanças significativas em sua forma de conclusão. Historicamente, a festividade terminava com uma competição hípica, refletindo os interesses e práticas sociais da época. Nos dias atuais, essa tradição foi reformulada, e o festejo culmina em um passeio ciclístico. Essa mudança não apenas reflete a adaptação da festividade às novas sensibilidades e práticas sociais, mas também exemplifica como a gestão política e social das diferenças influencia a reconfiguração das tradições culturais.

De acordo com Pereira e Bomfim (2010, p. 12), anteriormente as celebrações em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré eram marcadas pela intensa participação dos leigos e pela organização, sobretudo, das famílias abastadas vinculadas às igrejas. Estas famílias contribuíam generosamente com doações à igreja e se reuniam com outros fiéis para coordenar os aspectos seculares da festa, como preparação de alimentos, bebidas e danças. O ápice da festividade era a procissão no último dia, em que a imagem da Santa, trazida de Portugal e esculpida em madeira, era conduzida pelas ruas em um majestoso cortejo, culminando em uma missa solene seguida de uma queima de fogos.

A partir da década de setenta, a festa experimentou um declínio significativo devido ao fim de elementos seculares como vaquejadas, restando apenas o novenário e a procissão como eventos principais. Apesar disso, as tradições das barracas com comidas típicas foram preservadas, almoço com as comunidades de diferentes esferas, são servidos diariamente, incluindo a zona rural. Novas práticas foram associadas, não diminuindo a devoção e o culto à Santa. A comunidade ainda desempenha um papel fundamental na festa, evidenciando-se, especialmente, nos dias de celebração com a espera da procissão, adornando as ruas com velas, imagens e flores. As pastorais desempenham um papel crucial na organização litúrgica e na promoção do evento, além de cuidarem dos aspectos sociais que o envolvem.

3. 6 Festejo de Santo Antônio

A devoção a Santo Antônio no Brasil, especialmente sua fama de "casamenteiro", é profundamente enraizada na cultura popular, refletindo a maneira como os santos católicos se tornaram figuras centrais no imaginário religioso do país. Essa fama de casamenteiro tem origem em uma história que envolve um episódio de caridade e intervenção divina. Conforme relata Simas (2022), Santo Antônio consolou uma jovem muito pobre, cuja família não tinha recursos para custear seu casamento. Após receber a bênção do Santo, a jovem recebeu doações inesperadas que lhe permitiram realizar o matrimônio. Essa narrativa destaca a íntima ligação entre Santo Antônio e as aspirações matrimoniais de muitas mulheres, especialmente em contextos de vulnerabilidade econômica.

Nas festas juninas, em várias regiões do Brasil, as moças solteiras frequentemente fazem promessas a Santo Antônio na esperança de encontrar um bom casamento. Essas práticas refletem um cristianismo popular repleto de negociações íntimas entre o devoto e a santidade. Durante a trezena de Santo Antônio, realizada nos primeiros treze dias de junho, as promessas e rituais em torno do Santo adquirem características que revelam uma relação quase parental entre o fiel e a figura religiosa. Simas (2022) descreve que, enquanto os pedidos de casamento não eram atendidos, as imagens de Santo Antônio eram tratadas de maneiras inusitadas, como ser colocadas atrás da porta, molhadas de cabeça para baixo, ou ter o Menino Jesus roubado de seus braços. Esses gestos demonstram uma devoção que mescla reverência e familiaridade, reforçando a presença do sagrado na vida cotidiana.

Além disso, o autor destaca a interessante conexão entre Santo Antônio e Exu nas encruzilhadas culturais do Brasil. A fusão de elementos cristãos e afro-brasileiros resulta em um sincretismo religioso no qual Santo Antônio e Exu compartilham características e são reverenciados juntos em algumas tradições, especialmente na umbanda. A associação entre esses dois espíritos está centrada no poder da comunicação, uma característica que é central tanto para Santo Antônio, conhecido por sua eloquência, quanto para Exu, o orixá mensageiro (Simas, 2022).

Essa justaposição de Santo Antônio com Exu revela a plasticidade das devoções populares no Brasil, em que as fronteiras entre diferentes tradições

religiosas são frequentemente cruzadas, criando novos sentidos e práticas devocionais que refletem a diversidade cultural e espiritual do país.

Em Caxias, a devoção a Santo Antônio é especialmente vibrante e se manifesta em um rico calendário de festividades que ocorre de 1º a 13 de junho. De acordo com Pereira e Bomfim (2010), no final do século XIX, a comunidade católica da região do Alto do Morro, atual bairro Ponte, enfrentava um desafio: o crescente número de fiéis na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré estava sobrecarregando a estrutura existente. Foi então que, em 1898, os padres jesuítas decidiram construir uma nova capela na localidade, dedicada a Santo Antônio de Pádua.

Localizada no bairro Ponte, anteriormente conhecido por abrigar operários, a Igreja de Santo Antônio é famosa por seu tradicional festejo de junho, dedicado a Santo Antônio, que movimentava a cidade inteira. Construída em 1898 pelos padres jesuítas barnabitas, sua primeira versão era uma modesta capela de palha. Essa iniciativa visava atender melhor a demanda da população local por espaços de culto e celebração. Pereira e Bomfim (2010) apontam que nos primeiros anos de funcionamento da Capela de Santo Antônio haviam poucos padres para rezar as missas, e contava-se apenas com a freguesia de Nossa Senhora de Nazaré.

Os festejos de Santo Antônio, desde o início da construção da capelinha do Santo, foram organizados pelos moradores dos arredores do bairro Ponte. A forte tradição de devoção ao santo, trazida por nossos colonizadores portugueses, que deram a esse Santo a fama de santo casamenteiro, fez um santo extremamente popular. No período do festejo, o largo em frente à Igreja transforma-se em um verdadeiro arraial, onde as pessoas se reuniam não apenas para suas práticas religiosas, mas também para apreciar as apresentações de quadrilhas e boi-bumbá, que adicionavam cores e animação ao evento. Nos primórdios, a ausência de eletricidade obrigava as festividades a ocorrerem à luz do luar, criando uma atmosfera única e mágica. Posteriormente, as lamparinas a carbureto foram introduzidas, proporcionando uma iluminação mais adequada e ampliando a duração das celebrações noturnas.

Entre 1907 e 1926, os Padres Barnabitas desembarcaram em Caxias-MA, assumindo a tarefa de difundir a fé naquela área e impulsionando o crescimento da Igreja de Santo Antônio. No entanto, apenas em 1945 a paróquia teve um padre residente designado, o padre Aderson Guimarães Júnior, o que fortaleceu um dos maiores eventos religiosos da cidade de Caxias-MA. Devido à grande adesão dos fiéis, as missas regulares foram

iniciadas na época, acompanhado de festividades em honra do Santo Padroeiro. Inicialmente, após as novenas, eram organizadas quermesses, onde os participantes podiam desfrutar de diversas barracas de comida e bebida, conforme era costume nos principais festivais de Caxias-MA naquela época (Pereira; Bomfim, 2010, p.19).

Com o crescimento da comunidade e a popularidade das celebrações, a necessidade de infraestrutura adequada tornou-se evidente. Por situar-se em um morro, o acesso à capela precisava ser planejado. Leandro (2017) observa que na década de 1940 teve início a construção da Escadaria da Igreja de Santo Antônio, um projeto liderado pela família Pedra em colaboração com os residentes locais, que contribuíram financeiramente de forma regular. A comunidade participou ativamente na construção da escadaria, unindo esforços em um trabalho conjunto. Com o aumento significativo de fiéis frequentando a igreja ao longo dos anos, especialmente no final da década de 1990, surgiu a necessidade de expandir suas instalações.

Nessa época, ocorreram melhorias como a substituição do piso e a ampliação da capela-mor. Em 2008, a Igreja de Santo Antônio passou por sua última reforma, durante a qual foi instalado um novo forro. De acordo com relatos, encontra-se em bom estado de conservação até o momento. Seu interior abriga diversos elementos importantes, como a Gruta de Lourdes, imagens de santos, sinos e castiçais, constituindo um espaço de significado religioso e cultural para a comunidade local.

Antes de mergulharmos nas descrições do festejo de Santo Antônio, é essencial reconhecer o contexto que envolve essa celebração tão especial para os caxienses. Neste evento anual, a cidade se transforma em um palco de poesia viva, onde cada elemento – música, luzes e vozes entrelaçadas – convergem em uma harmonia que parece ecoar os anseios mais profundos da alma em diálogo com o divino. É nesse cenário de encantamento que os participantes, vestidos em suas melhores vestes, se entregam a uma dança efêmera, buscando, talvez, transcender as limitações terrenas e se conectar com o sublime. Desde o seu início, o festejo de Santo Antônio, em Caxias, parece ter sido sempre assim. Segundo Pessoa (2009):

Tudo ali trescalava poesia! A música, as luzes, o gargantear de mil vozes argentinas formavam um conjunto de tríplice expressão, por meio do qual a alma parecia misteriosamente segredar com a divindade. Aquela aluvião de corpos, esbeltos, atraentes, buscando em balde fugir às duras prisões da mais frágil e deslumbrante toilette, de fino tecido, ia e vinha em constante bolizar de fugitiva ondina (Pessoa, 2009, p. 118. apud *Jornal Gazeta Caxiense*, 17 ago. 1894, p. 2).

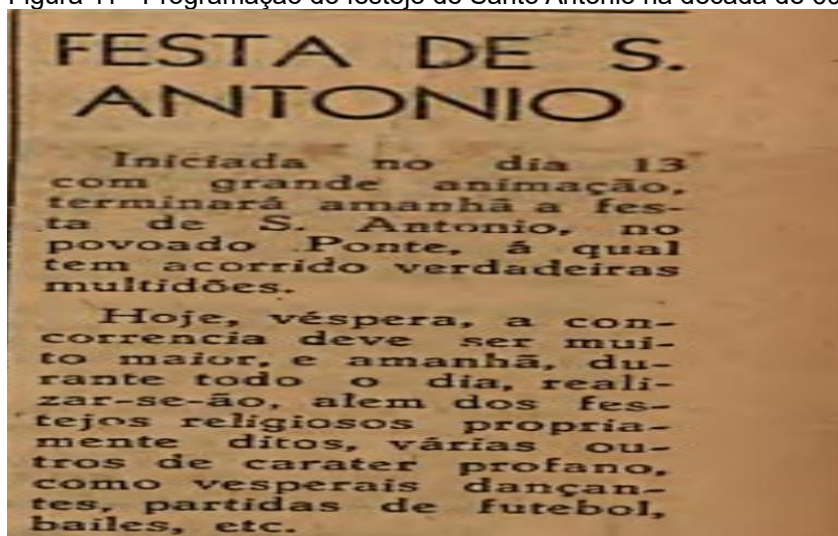
Coordenado pela Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, o festejo de Santo Antônio configura-se como um dos mais antigos do município de Caxias. Comemorado todos os anos em Caxias no dia 13 de junho, a data é antecipada pelo festejo que dura vários dias. Durante esse período acontece, diariamente, uma programação especial no tradicional festejo em louvor ao Santo na Igreja que recebe seu nome no bairro Ponte. As homenagens ao Santo, conhecido como casamenteiro, começaram cedo, às 5 horas da manhã, com uma alvorada e queima de fogos, há novenas e missas nos dias que antecedem a data e, principalmente, no dia principal.

Os festejos religiosos nas igrejas de São Benedito e Santo Antônio em Caxias tinham características bem distintas, refletindo a diversidade social da cidade. A celebração na Igreja de São Benedito era voltada para um público mais seletivo, provavelmente de classes sociais mais altas. Em contraste, os festejos na Igreja de Santo Antônio atendiam, principalmente, os moradores do Ponte, uma comunidade composta por trabalhadores de fábrica, lenhadores, lavradores e domésticas. Essa diferenciação nos públicos das celebrações religiosas destaca como os locais de culto não apenas servem para funções espirituais, mas também refletem e reforçam as divisões sociais existentes. Como Leandro (2017, p. 45) descreve:

Os festejos tinham suas singularidades. O que se realizava na igreja de São Benedito era direcionado para um público mais seletivo; o realizado na igreja de Santo Antônio, era para os moradores do Ponte, formado por trabalhadores de fábrica, lenhadores, lavradores e domésticas.

Isso exemplifica como os eventos religiosos podem atuar como microcosmos das estruturas sociais mais amplas, evidenciando as diferenças e interações entre diferentes segmentos da população urbana. Segundo Pereira e Coimbra (2010), nos primeiros anos após a inauguração da capela, as celebrações eram simples, compreendendo principalmente rezas de novenas, missas e uma pequena procissão. No entanto, com a ascensão da capela ao status de igreja e a nomeação do Cônego Aderson como responsável, as atividades litúrgicas tornaram-se mais frequentes e elaboradas. O festejo, então, adquiriu mais destaque, atraindo uma participação maciça de fiéis vindos de diversos bairros da cidade. As novenas e missas passaram a ser celebradas regularmente e a quermesse tornou-se uma parte integral das festividades, proporcionando entretenimento e comunhão para os presentes.

Figura 11 - Programação do festejo de Santo Antônio na década de 60



Fonte: *Nossa Terra*, 16 jun. 1962.

Durante os anos 1970, sob a liderança do Padre Bruno Taroco, a paróquia testemunhou um aumento significativo na popularidade dos festejos religiosos, com um crescente número de fiéis participando das celebrações. Grupos de leigos organizaram-se para assumir a responsabilidade pela parte social dos eventos, incluindo a montagem de barracas e a coordenação da procissão.

A procissão em honra ao Santo, assim como as demais realizadas durante os festejos em Caxias, assume uma natureza suntuosa. O santo é transportado em um andor ricamente decorado com flores-de-seda e rendas, enquanto um grande cortejo de fiéis acompanha, segurando velas e diversas representações de devoção. Esse espetáculo de fé e devoção tornou-se uma parte essencial das festividades, cativando os corações dos participantes e fortalecendo os laços comunitários.

O festejo de Santo Antônio é um dos mais frequentados por fiéis e pela população da cidade, pois ainda se mantém muito da tradição como as barracas de comidas típicas e bebidas, as danças típicas que ainda são feitas no largo na última noite do festejo depois da procissão, porém a Igreja não reconhece essa manifestação popular como parte integrante do festejo.

Uma tradição específica do festejo é a distribuição de pães bentos, conhecidos como Pão de Santo Antônio. Os fiéis acreditam que esses pães trazem bênçãos e prosperidade para suas casas. Há também uma peculiaridade da festa como a morte do boi de Caxias que é feita no largo da igreja todos os anos. Assim com todas as festas de origem sacra com elementos secular, é um forte elemento aglutinador de cultura de ordenação social por parte dos frequentadores da paróquia.

Os rituais e festas em homenagem a Santo Antônio, em Caxias, são momentos de grande fervor religioso e cultural, atraindo a participação de numerosos fiéis e visitantes. A celebração começa com a “Trezena de Santo Antônio”, um ritual que envolve treze dias de orações e missas, culminando no dia 13 de junho, quando se comemora o Dia de Santo Antônio. As festividades são organizadas pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré e incluem uma série de atividades religiosas e culturais.

De acordo com Pereira e Bomfim (2010), no dia do Santo as comemorações têm início bem cedo, com uma alvorada e queima de fogos às 5h da manhã, seguidas de missas ao longo do dia. À tarde, uma procissão luminosa percorre as ruas do bairro, reunindo os devotos em um momento de devoção e comunhão. Após a procissão, há uma missa especial que inclui a bênção de todos os “Antônios” e “Antônias”, reforçando a conexão pessoal dos fiéis com o Santo, conhecido como casamenteiro. Os autores, destacam também, que:

A missa matinal no dia 13 de junho, é uma das mais tradicionais na cidade sendo acompanhada pelas mais diversas classes sociais, e de todos os bairros da cidade que vão em busca das bênçãos do tão aclamado santo. Esse festejo permanece tão forte ainda hoje em razão da massiva participação popular dos moradores do Bairro Ponte e adjacências e também em razão da miscelânea de ritos sagrados e profanos ainda vistos amplamente nessa festa, mesmo após a igreja ter tentado acabar com a parte profana do festejo (Pereira; Bomfim, 2010, p. 21).

Além das atividades religiosas, a festa também conta com atrações culturais, como a venda de comidas típicas e a instalação de parques de diversões nas proximidades da igreja. Esses elementos festivos não apenas celebram a religiosidade, mas também promovem a sociabilidade e o fortalecimento dos laços comunitários. A festa de Santo Antônio, portanto, é um espaço de expressão cultural e de valorização das tradições locais, unindo fé e celebração em um evento que é aguardado anualmente pela população (Santos, 2018).

4 OS FESTEJOS RELIGIOSOS COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE E MEMÓRIA COLETIVA CAXIENSE – O PRODUTO

Este capítulo traz a elaboração de um produto pedagógico que possa ser uma ferramenta para professoras e professores de História da rede pública municipal de Caxias, no Maranhão. Com o objetivo de apoiar o processo de ensino-aprendizagem, o caderno de atividade visa contribuir para a compreensão e valorização dos festejos religiosos tradicionais da região, enfatizando a preservação do patrimônio, identidade e memória coletiva.

Destinado ao 9º ano do Ensino Fundamental, o material foi desenvolvido no contexto da pesquisa “Ensino de História em Caxias (MA): celebrando a herança cultural nos festejos religiosos – patrimônio imaterial, memória coletiva e identidade cultural”, realizada por Ana Maria da Silva Lima, aluna do curso de mestrado do Programa de Mestrado em Ensino de História – ProfHistória da UESPI/Parnaíba, sob a orientação da Profa. Dra. Renata Cristina Cunha.

O caderno de atividades sobre festejos religiosos que desenvolvemos é fruto de um processo colaborativo com os professores de Caxias. Para garantir que as vozes e experiências dos educadores sejam refletidas nesse material, foi elaborado um questionário disponibilizado em formato digital através do Google Forms. Essa escolha por um formato online não apenas simplifica a coleta de dados, mas também facilita o acesso para os professores, que puderam participar ativamente por meio de um convite compartilhado no grupo de WhatsApp dos professores de História do município.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 13 e 22 de maio de 2024, período cuidadosamente selecionado para respeitar a disponibilidade dos educadores e assegurar a obtenção de informações representativas. As respostas foram analisadas com o objetivo de extrair insights valiosos que incentivarão futuras iniciativas educacionais e auxiliou na elaboração do caderno de atividades.

Após a coleta, a fase de pós-campo consistiu em uma análise detalhada das respostas e uma reflexão crítica sobre os dados obtidos. Essa etapa foi fundamental, pois permitiu compreender as dinâmicas sociais complexas que envolvem os festejos religiosos tradicionais e sua relação com o ensino-aprendizagem de História. A partir dessa análise, buscamos integrar as perspectivas de identidade cultural e memória coletiva, fundamentais para a construção do conhecimento histórico.

A inclusão das análises dos dados no início do caderno justifica-se pela importância de fundamentar as atividades propostas com as contribuições diretas dos professores. Essas análises não apenas contextualizam o conteúdo, mas também reforçam a relevância da história local no processo educativo, promovendo um ensino que valoriza a identidade cultural e a memória coletiva dos alunos.

A pesquisa investigou a relação entre os festejos religiosos e o ensino de História, destacando a relevância dessas manifestações para a preservação e celebração da herança cultural da comunidade local, respondendo à seguinte questão: Como os festejos religiosos podem colaborar com o processo de ensino-aprendizagem da História, na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio imaterial na cidade de Caxias (MA)? Para responder a essa pergunta, estabelecemos o seguinte objetivo geral: investigar como os festejos religiosos contribuem para o ensino de História, considerando a identidade cultural, a memória coletiva e o patrimônio imaterial em Caxias (MA).

Para tanto, foi necessário: compreender conceitos como patrimônio cultural, memória coletiva e identidade local no contexto do ensino de História; discutir a integração da Educação Patrimonial no currículo escolar; analisar a abordagem dos festejos religiosos no contexto educacional de Caxias; discutir a relação entre esses festejos e o ensino de História local; caracterizar os festejos religiosos tradicionais em Caxias e a partir deles elaborar um caderno de atividades para integrar conteúdos sobre esses festejos no ensino de História.

Além da habilidade específica do 9º ano do Ensino Fundamental que propõe (EF09HI08): Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI36): Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência. Contribuir para formação da Competência de História nº 4: Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

O caderno de atividades é um instrumento didático destinado a professores, com o objetivo de enriquecer as aulas de história local. Ele não apenas serve como fonte de consulta sobre a história, a memória e a identidade do povo caxiense, mas

também busca oferecer ao professor um material que contribua efetivamente para o ensino da história local. Além disso, alinha-se às Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica do Estado do Maranhão e à Proposta Curricular do Município de Caxias. Segundo Brasil (2019, p.18),

[...] o currículo (proposta por município) deve contribuir para a total e plena construção da identidade dos estudantes, bem como para estimular suas capacidades, competências, discernimento e análise crítica e teóricos da educação, em especial os do Ensino de História.

O amparo legal para a inclusão dessa temática no currículo escolar encontra-se no artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Artigo 26: Estabelece a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, valorizando a diversidade étnico-racial que compõe a sociedade brasileira (Brasil, 1996).

Este caderno de atividades foi pensado para ser uma ferramenta prática, oferecendo aos educadores a possibilidade de trabalhar os festejos religiosos como uma forma de explorar as raízes culturais de Caxias, incentivando o reconhecimento e a valorização do patrimônio imaterial da cidade. Espera-se que essa abordagem contribua para fortalecer a identidade cultural dos estudantes e promova o respeito à diversidade, alinhando-se aos objetivos do ensino de História contemporâneo. É, portanto, uma ferramenta que promove a valorização da história local, permitindo que os alunos compreendam a sua própria identidade e a importância de sua história no contexto mais amplo da sociedade.

4.1 Detalhamento do questionário

A estrutura do questionário de pesquisa foi cuidadosamente elaborada para coletar informações relevantes sobre a abordagem dos festejos religiosos tradicionais na educação em Caxias, no Maranhão. O questionário foi dividido em quatro partes principais, cada uma focando em aspectos específicos da relação entre os festejos religiosos e o ensino de História. Inicialmente foi necessária uma breve apresentação: nos dados pessoais os respondentes foram solicitados a informar seu nome, idade, sexo e tempo de atuação na docência em História. Essas informações ajudaram a

contextualizar as respostas e a entender a diversidade de experiências entre os professores. As partes seguintes resumem-se em:

Parte 1: intitulada “Princípio de Conversa”. Aqui foi proposta uma reflexão inicial, uma pergunta aberta foi incluída para estimular a reflexão sobre a contribuição dos conceitos de festejos religiosos para o processo de ensino-aprendizagem da história local em Caxias. A pergunta foi: “Você pensa que esses conceitos podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da história local em Caxias? Como?”.

Parte 2: abordagem dos festejos religiosos tradicionais na educação. Aborda a experiência educacional: os professores foram questionados sobre a inclusão dos festejos religiosos tradicionais no contexto educacional. Se a resposta fosse afirmativa, deveriam explicar como esses festejos são incorporados ao currículo; sobre a prática em sala de aula, uma pergunta específica buscou saber se os professores abordam esses festejos em suas aulas, como o fazem e quais desafios enfrentam nesse processo.

Parte 3: questionou-se sobre a relação entre festejos religiosos e ensino de História, importância da relação: os professores foram convidados a expressar sua opinião sobre a importância da relação entre os festejos religiosos tradicionais e o ensino-aprendizagem da história local; também questionamos sobre o impacto na Identidade Cultural. Uma pergunta explorou se os professores percebem um impacto positivo na identidade cultural e na memória coletiva dos alunos que participam ativamente dos festejos e sobre a contribuição para o patrimônio local, os educadores foram questionados sobre a possibilidade de que o ensino de história local contribuísse para a preservação do patrimônio cultural em Caxias, solicitando que justificassem suas respostas.

Parte 4: Na elaboração de Caderno de Atividades, procuramos descobrir quais os festejos religiosos mais relevantes de Caxias Maranhão: Os professores foram solicitados a listar os festejos religiosos mais significativos para a história do município. Questionamos sobre a utilidade do Caderno de Atividades com diretrizes e recomendações para a integração dos conteúdos sobre os festejos religiosos no ensino de história local, sugestões de conteúdos e atividades relevantes. Por fim, os professores foram convidados a sugerir conteúdos que consideram úteis para o material a ser elaborado e que tipo de informações ou atividades achariam mais relevantes nesse caderno.

Essa estrutura foi projetada para garantir uma coleta de dados abrangente e significativa, permitindo que as experiências e perspectivas dos professores sejam integradas na elaboração do Caderno de Atividades, promovendo uma abordagem mais contextualizada e rica do ensino de História, em Caxias.

4.2 Análises das Respostas

4.2.1 Conceitos e Abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação

A análise dos dados coletados dos professores de História, de Caxias, no Maranhão, revela não apenas as práticas atuais de ensino, mas também abre um espaço valioso para a reflexão e a construção de um produto educacional eficaz. As respostas e discussões que emergem dessa análise são fundamentais para identificar as necessidades e desafios enfrentados pelos educadores na abordagem dos festejos religiosos tradicionais. Realizar o questionamento sobre os conceitos e abordagens dos festejos religiosos tradicionais na educação é fundamental para compreender a visão dos professores de História sobre a forma como esses conceitos podem contribuir para o ensino-aprendizagem da história local em Caxias.

Ao compreender como esses temas são tratados nas salas de aula, podemos sugerir estratégias inovadoras e recursos didáticos que integrem a cultura local ao currículo, tornando o aprendizado mais relevante e envolvente para os alunos. Além disso, essas discussões podem servir como base para o desenvolvimento de materiais pedagógicos que promovam uma educação inclusiva e contextualizada, respeitando e valorizando as tradições locais. Assim, as reflexões que se seguem visam não apenas diagnosticar a situação atual, mas também propor soluções práticas que possam enriquecer a experiência educacional em Caxias.

A escolha das respostas dos participantes abaixo se justifica por apresentarem os conceitos que os mesmos compreendem ao pensarem na abordagem sobre os festejos religiosos no ensino de história local. Patrimônio cultural, memória coletiva e identidades e história local, são citados nas respostas. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da importância dos festejos religiosos tradicionais na educação, pois eles permitem que os alunos compreendam a cultura local, desenvolvam um sentimento de pertencimento e valorizem a preservação do patrimônio cultural da cidade. Vamos as respostas:

O participante Carlos Mendes destaca que “[...] *abordagem conceitual de patrimônio cultural, memória coletiva é fundamental para que os estudantes compreendam a importância do estudo da história local*”.

Isso se alinha com a visão de Bittencourt (2008), que enfatiza a necessidade de estabelecer articulações constantes entre diferentes séries para que os alunos compreendam melhor a história local. Além disso, a abordagem conceitual, de acordo com a mesma participante, também contribui para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo sobre a identidade cultural e a importância do conhecimento e preservação do patrimônio material e imaterial da cidade, como mencionado por Macedo (2017).

Já a participante Renata Campos frisa que “[...] *a importância da abordagem conceitual de patrimônio cultural e memória coletiva para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo sobre a identidade cultural e a história local*”. Já a participante Mariana Monteiro salienta que “[...] *é importante o aluno conhecer as tradições caxienses, incluindo os festejos religiosos, para que os mesmos compreendam a cultura local*”. As duas respostas se alinham com a visão de Macedo (2017), que nota que a história local é um pré-requisito para compreender melhor os processos históricos em diferentes escalas e contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas com os lugares onde nasceram/habitam.

Como mencionado, as respostas dos participantes Carlos Mendes, Renata Campos e Mariana Monteiro sobre a importância do estudo da história local e do patrimônio cultural no ensino escolar podem ser analisadas à luz das observações realizadas por Bittencourt, e Macedo, que afirmam que:

[...] a História local é uma forma de introduzir o aluno na compreensão do mais próximo, a preocupação maior, na atualidade, é estabelecer articulações constantes, nas diferentes séries (Bittencourt, 2008, p. 114).

[...] a história local é um dos pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos em nível regional, nacional e global, além do que, como veremos adiante, contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas para com os lugares onde nasceram/habitam (Macedo, 2017, p. 76).

Enquanto os conceitos de Patrimônio, História Local e Memória coletiva foram constantemente abordados, o professor Fábio Barbosa apontou o conceito de Identidade. Na visão de Fábio Barbosa, “*Esse conceito é importante para entender a história local e processo historiográfico que contribui pra formação da identidade*

caxiense". Para o participante, esse conceito ilustra como a identidade é construída através de processos inconscientes e não algo inato, condizendo com o pensamento de Hall (2006, p. 38) que afirma que "A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento". Isso é crucial para entender como as pessoas se identificam e se relacionam com o mundo ao seu redor. A identidade não é apenas um traço inato, mas é algo que se desenvolve e se transforma ao longo do tempo, influenciado por experiências e contextos culturais. Isso é fundamental para entender como as pessoas se identificam e se relacionam com o mundo ao seu redor, e como a identidade é um conceito que se desenvolve ao longo do tempo, em vez de ser algo inato no momento do nascimento.

Todavia, é importante frisar, que todos os participantes da pesquisa, defendem pontos em comum: os conceitos de patrimônio cultural, memória coletiva e identidade cultural podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da história local em Caxias; facilitam a identificação cultural dos alunos com a cidade; o aluno se percebe como sujeito histórico, influenciando sua aprendizagem ao mesmo tempo que desenvolve um pensamento crítico e reflexivo sobre a identidade cultural e a importância de preservar o patrimônio material e imaterial da cidade; reforça a importância da preservação desse patrimônio, o que é enfatizado perfeitamente em (Pellegrini, 2009, p. 30): "O conceito de patrimônio cultural é dinâmico e se transforma com o tempo, incorporando novas formas de expressão e modos de vida. É um reflexo da sociedade em constante evolução".

4.2.2 A percepção docente sobre a abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação, métodos incorporação ao currículo educacional

A análise das respostas dos participantes revela que a abordagem dos festejos religiosos tradicionais na educação em Caxias é multifacetada e integrada ao contexto histórico e cultural local. Através de diferentes métodos, desde aulas expositivas até a inserção em um currículo diversificado, os educadores buscam promover um resgate da memória histórica e cultural da cidade, alinhando-se às diretrizes educacionais nacionais e às necessidades da comunidade escolar. Essa prática não só enriquece o processo educativo, mas também fortalece a identidade cultural dos

alunos, proporcionando um ambiente de aprendizado mais inclusivo e representativo da diversidade local.

A partir das respostas dos participantes da pesquisa, podemos perceber diferentes perspectivas e métodos de abordagem dos festejos religiosos tradicionais no currículo escolar. Dessa maneira, pelas respostas sobre como esses festejos são abordados no contexto educacional em Caxias, de acordo com a experiência dos professores, é possível identificar alguns pontos. O participante Carlos Mendes respondeu que:

[...] abordagem se faz necessária, para mostrar que os festejos tradicionais estão inseridos na memória histórica da cidade. Alguns desde os primórdios do município. Estes festejos são incorporados ao currículo através de aulas expositivas, com o apoio de alguns recursos, entre os quais o uso do livro didático específico sobre a história do município.

Com a resposta, o participante, destaca a importância de abordar os festejos religiosos tradicionais para evidenciar que eles fazem parte da memória histórica da cidade, remontando aos primórdios do município. Para incorporar esses eventos no currículo educacional são utilizadas aulas expositivas, apoiadas por recursos como livros didáticos específicos sobre a história local. Essa abordagem visa resgatar a historicidade dos próprios alunos, conforme sugerido por Nadai (1993, p. 159-160), que enfatiza a interação entre alunos, professores e o meio social como ponto de partida do currículo. As experiências mencionadas por Carlos Mendes, mostram um esforço para integrar a educação formal com a riqueza cultural da comunidade, promovendo um aprendizado contextualizado e significativo.

Por outro lado, a participante Viviane Costa, aponta para a inserção dessas temáticas “*dentro de um currículo diversificado*”, que se refere especificamente à história local. Esse posicionamento está em consonância com o Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabelece que os currículos do Ensino Fundamental e Ensino Médio devem ter uma base nacional comum, complementada por uma parte diversificada, conforme as características regionais e locais. Assim, a integração dos festejos religiosos tradicionais no currículo escolar atende a uma exigência legal e contribui para uma educação mais adaptada às realidades e necessidades locais. Essa perspectiva reflete a importância de um currículo flexível e sensível às especificidades culturais da comunidade escolar.

A preocupação do participante Fábio Barbosa, está centrada no uso de temáticas relacionadas à cultura africana e ao Brasil colonial, destacando a diversidade cultural e a formação da identidade. Segundo Russen (2015, p. 150), a diversidade e a diferenciação culturais são elementos essenciais nos processos de formação da identidade e devem ser pensadas dentro da comunidade como manifestações próprias. Essa abordagem reforça a necessidade de promover o reconhecimento e a valorização da alteridade, permitindo que os alunos se reconheçam como parte de uma comunidade culturalmente rica e diversificada. A inclusão dessas temáticas no currículo escolar contribui para a formação de indivíduos conscientes de sua história e de suas múltiplas identidades culturais.

Partindo dessas considerações, julgamos os festejos religiosos tradicionais como um importante aspecto da memória cultural e histórica de Caxias. A incorporação desses eventos no contexto educacional é uma prática que reflete a valorização da identidade local e contribui para o resgate das tradições comunitárias.

4.2.3 Você aborda os festejos religiosos tradicionais nas suas aulas? Como? Enfrenta algum desafio para isso? Qual?

A escolha das respostas dos participantes Carlos Mendes e João Santos se justifica pela forma como elas ilustram diferentes abordagens pedagógicas para integrar os festejos religiosos tradicionais nas aulas, destacando a importância desses eventos na construção da memória coletiva e na transmissão cultural. A abordagem dos festejos religiosos tradicionais nas aulas, como relatada pelos participantes da pesquisa, revela diferentes estratégias e desafios enfrentados pelos educadores ao integrar essas práticas culturais no currículo. Para Pelegrini (2020, p. 71-72), as práticas culturais propagam valores identitários que respeitam as tradições e contribuem para a constituição de uma identidade regional ou grupal.

Utilizando conceitos teóricos de Pierre Nora e Stuart Hall, podemos entender como esses festejos funcionam como “lugares de memória,” cristalizando e transmitindo lembranças coletivas, e como a identidade cultural é continuamente negociada e reinterpretada. Essa análise proporciona uma compreensão profunda das práticas pedagógicas que conectam os alunos à história e à identidade cultural local, mesmo quando abordadas de maneira não regular. Optamos por relatar as seguintes respostas dos participantes Carlos Mendes e João Santos:

Carlos Mendes: Faço a abordagem utilizando recortes de jornais, fotografias e obras de autores caxienses que abordam a religiosidade do povo caxiense, através das antigas e tradicionais festas em louvor aos santos. Também já executei aulas de campo, levando os alunos até os templos antigos onde se realizam estes festejos, para que eles tivessem um contato direto com o patrimônio arquitetônico religioso da cidade.

João Santos: Sim. Levando aos alunos o que cada festejo traz em comum, seja o público, o período, o espaço no seu entorno, as tradições, etc, que tem com a cidade.

As respostas dos participantes Carlos Mendes e João Santos revelam diferentes abordagens pedagógicas para integrar os festejos religiosos tradicionais nas aulas, destacando a importância desses eventos na construção da memória coletiva e na transmissão cultural.

O participante Carlos Mendes menciona o uso de recortes de jornais, fotografias e obras de autores locais para abordar a religiosidade do povo caxiense, além de realizar aulas de campo que permitem aos alunos um contato direto com o patrimônio arquitetônico religioso da cidade. Essa abordagem prática e visual facilita a conexão dos alunos com as tradições culturais e históricas locais, permitindo uma experiência educativa rica e envolvente.

Por outro lado, João Santos se concentra em mostrar aos alunos os elementos comuns dos festejos, como o público, o período, o espaço e as tradições, reforçando a interligação desses eventos com a cidade. Isso sugere um enfoque mais analítico, em que a compreensão das semelhanças e diferenças dos festejos ajuda a formar um quadro mais coeso da cultura local.

Nessa perspectiva, é conveniente nos apoiarmos em Nora (1993, p. 21-22) para podemos compreendermos essas abordagens como formas de engajamento com “lugares de memória”. A autora argumenta que até mesmo objetos ou eventos aparentemente funcionais se tornam significativos quando ritualizados, servindo para a cristalização e transmissão da memória coletiva. No contexto das respostas dos participantes, os festejos religiosos tradicionais se tornam esses lugares de memória, materializando e simbolizando as experiências e lembranças coletivas da comunidade caxiense. A citação de Nora (1993) ilustra como esses eventos, mesmo quando abordados de maneiras distintas, cumprem uma função simbólica vital, ao garantir a transmissão das tradições culturais e a perpetuação da memória coletiva através das gerações.

Em contrapartida, o professor Gustavo Pereira relata que aborda os festejos religiosos tradicionais em suas aulas de História e nos projetos de história local desenvolvidos na escola. Essa abordagem se alinha com a visão de Bittencourt (2008, p. 114), que afirma que “[...] a História local é uma forma de introduzir o aluno na compreensão do mais próximo, a preocupação maior, na atualidade, é estabelecer articulações constantes, nas diferentes séries”.

Em sua resposta, *“Tento abordar dentro dos conteúdos de história e nos projetos de História Local desenvolvido na escola”*, o professor Gustavo Pereira demonstra que ele compreende a importância de abordar os festejos religiosos tradicionais como parte da história e da cultura local, buscando estabelecer essas “articulações constantes” entre os conteúdos de história e a realidade dos alunos.

4.3 Relação entre Festejos Religiosos e Ensino de História

4.3.1 Qual é a importância, na sua opinião, da relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias e o processo de ensino aprendizagem da história local?

Quanto à relação entre os festejos religiosos tradicionais e o ensino da história local, os docentes participantes da pesquisa confirmam ser uma ferramenta pedagógica valiosa que permite aos alunos uma compreensão mais profunda e significativa do passado. Ao abordar os costumes e tradições vivenciados nesses eventos, os professores de História da rede municipal de Caxias destacam a importância de preservar o patrimônio imaterial e material da cidade. Essa prática não só enriquece o aprendizado, mas também promove um senso de identidade e pertencimento, alinhando-se aos objetivos educacionais que valorizam a pluralidade cultural e histórica, conforme defendido por teóricos como Bittencourt (2008). As respostas revelam uma valorização significativa desses eventos como ferramentas pedagógicas.

Sílvia Almeida: Os festejos religiosos são considerados patrimônio histórico, portanto, é necessário que o educando conheça e valorize os festejos religiosos, independente do seu segmento religioso.

Patrícia Nogueira: É de suma relevância, pois constrói no aluno o chamado pertencimento, pensar que os festejos fazem parte da história da sua família, e por consequência, da história sua cidade.

Sílvia Almeida destaca que “os festejos religiosos são considerados patrimônio histórico”, sublinhando a necessidade de que os estudantes conheçam e valorizem esses eventos independentemente de suas crenças religiosas. Isso reflete a ideia de que os festejos religiosos são parte fundamental do patrimônio cultural, atuando como pontes para o conhecimento histórico.

Outro aspecto é apontado pela participante Patrícia Nogueira, quando ela reforça a importância desses festejos na construção do sentimento de “*pertencimento nos alunos*”, afirmando que essa conexão com os festejos os faz perceber sua ligação com a história da família e, por extensão, com a história da cidade. Esse ponto de vista encontra ressonância nas palavras de Michel Pollak (1992), que enfatiza a memória como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva.

Outro viés é apontado pela participante Viviane Costa, quando apontou que:

A partir da abordagem do que se vivencia nos festejos, no presente, pode se fazer uma volta aos costumes e tradições de épocas passadas e, também, destacar a importância de se preservar o patrimônio imaterial (e material) da nossa cidade.

A resposta de Viviane Costa mostra uma aplicação prática das teorias educacionais defendidas por Bittencourt (2008, p. 278): “O compromisso educacional orienta-se por objetivos associados à pluralidade de nossas raízes e matrizes étnicas e deve estar inserido no currículo real em todos os níveis de ensino”. O uso dos festejos religiosos como ferramenta pedagógica para explorar o passado e preservar o patrimônio cultural reforça a importância de um currículo inclusivo que reflita a diversidade cultural e histórica da sociedade. A participante reconhece que essa abordagem não apenas enriquece o ensino da História, mas também fortalece o senso de identidade e pertencimento dos estudantes, promovendo um entendimento mais profundo e contextualizado da história local.

A resposta da participante também aborda a importância de se preservar o patrimônio imaterial e material da cidade a partir da análise dos festejos e tradições vividos no presente. Essa abordagem é relevante, pois permite que os participantes reflitam sobre a continuidade e a mudança nas práticas culturais e nos costumes, além

de destacar a necessidade de preservação do patrimônio cultural. A teoria de Pierre Nora (1993) sobre os “lugares de memória” é particularmente útil para compreender essa abordagem. Nora enfatiza que os lugares de memória são espaços que resgatam aquilo que foi (ou que pode vir a ser) importante para a coletividade, servindo como compensação à dinâmica do mundo atual. Esses lugares podem ser materiais, simbólicos ou funcionais e incluem monumentos, arquivos, museus, festas, calendários e aniversários, que ocupam uma posição epistêmica alinhada ao redor do discurso historiográfico (Nora, 1993).

A ideia da autora é que esses lugares são fundamentais para a construção da memória coletiva, pois permitem que as gerações futuras se conectem com o passado e compreendam a história da comunidade. A preservação do patrimônio imaterial e material, como os festejos e tradições, é essencial para essa conexão, pois reflete a história e a cultura da comunidade.

4.3.2 Você percebe algum impacto positivo na identidade cultural e na memória coletiva dos alunos que participam ativamente dos festejos religiosos tradicionais? Qual?

A questão acima tinha como pretensão principal saber se os professores percebem algum impacto positivo na identidade cultural e na memória coletiva dos alunos que participam ativamente desses eventos. A resposta obtida objetivava entender como a vivência e a participação em celebrações religiosas locais podem influenciar a formação cultural e a valorização das tradições entre os jovens, contribuindo para a preservação e o fortalecimento da herança cultural da comunidade.

Fábio Barbosa: Sim, pra eles compreenderem que o festejo faz parte da sua história e forma a cultura caxiense.

Gustavo Pereira: Sim, os alunos passam a valorizar mais o conhecimento da história local e conseqüentemente, despertam o interesse pela preservação desse patrimônio material/imaterial.

Viviana costa: Não lembro de alunos participando ativamente dos festejos. Possivelmente não frequentam.

A resposta de Fábio Barbosa indica que o professor percebe um impacto positivo, pois a participação nos festejos permite que os alunos compreendam que

esses eventos fazem parte da sua história e formam a cultura local. Essa perspectiva se alinha com a ideia de Bittencourt (2008, p. 280) de que as “marcas do passado” presentes em construções, planejamento urbano, instrumentos de trabalho, entre outros, são fontes históricas que podem ser exploradas para ajudar os alunos a entenderem sua história e cultura.

Por sua vez, a resposta de Gustavo Pereira também aponta para um impacto positivo, pois a participação nos festejos leva os alunos a valorizarem muito o conhecimento da história local e a despertarem interesse pela preservação desse patrimônio material e imaterial. Essa perspectiva se alinha com a ideia de Macedo (2017) de que a história local é fundamental para o fortalecimento das identidades das pessoas com os lugares onde nasceram ou habitam.

Enquanto a resposta da professora Viviane Costa, por sua vez, aborda uma tendência observada nas novas gerações de não participarem ativamente. A não participação ativa dos alunos nos festejos religiosos tradicionais pode ser vista como uma forma de descontinuidade na perpetuação desses valores e na construção de identidades culturais (Bittencourt, 2008). Essa não participação pode ser interpretada como um distanciamento dos valores e tradições da comunidade, o que pode afetar negativamente a continuidade dessas práticas culturais. No entanto, não podemos deixar de frisar que as sociedades contemporâneas têm passado por rápidas transformações socioculturais, com a emergência de novos valores, estilos de vida e formas de entretenimento. Isso pode gerar um descompasso entre as tradições herdadas e as aspirações das gerações mais jovens, que buscam se afirmar em um mundo em constante mudança.

4.3.3 Você concorda que o ensino de História local pode contribuir para o resguardo do patrimônio local em Caxias? Como? Por quê?

Com o objetivo de investigar a percepção da comunidade sobre o papel da educação na preservação do seu patrimônio cultural, entendemos que o estudo do patrimônio histórico local é um aspecto fundamental na construção da identidade cultural de uma comunidade. Em Caxias, conhecida por suas ricas tradições e festejos religiosos, a preservação do patrimônio histórico não é apenas uma forma de resguardar memórias, mas também de fortalecer o senso de pertencimento entre os habitantes. Neste contexto, o ensino de história local emerge como uma ferramenta

vital.

A análise das respostas a essa pergunta permite a compreensão mais profunda sobre a relação entre educação e preservação patrimonial em Caxias, revelando percepções, desafios e oportunidades para o fortalecimento da identidade cultural através do ensino. Com base nisso, podemos elaborar estratégias educacionais mais eficazes para garantir que a rica história de Caxias seja compartilhada nas escolas. Nos chama atenção a resposta dos participantes:

Carlos Mendes: Concordo plenamente ninguém ama, aquilo que não conhece. o ensino de história local é, portanto, extremamente necessário, para que os estudantes aprendam a história da terra onde vivem, mas, também, adquiram a consciência no sentido da preservação do patrimônio local.’ e do participante.

Helena Martins: O Ensino de História pode contribuir para o conhecimento a respeito dos fatos e contextos históricos locais. Também pode contribuir para elencar ou identificar o patrimônio histórico e cultural do município, mas não garante uma eficácia na preservação desse patrimônio. Pode-se saber da existência e até da importância histórica desse patrimônio, mas não necessariamente ter o interesse de preservá-lo. Entre saber e preservar existe uma diferença. A preservação depende dos interesses envolvidos de cada indivíduo ou da comunidade em que eles vivem.

A reflexão de Carlos Mendes e de Helena Martins relacionam-se a de Russen, 2015, p. 89), que acentua que “[...] o sentido só seria atribuído ao passado a partir das preocupações do presente, de estabelecer uma relação significativa de si com o passado, mediante o pensamento histórico”. Além disso, ao reconhecer que o sentido do passado é moldado pelas preocupações do presente, fica nítido a importância de um pensamento histórico-crítico e contextual. No entanto, é vital manter um equilíbrio, reconhecendo a objetividade dos eventos históricos enquanto se explora suas significações atuais. Esse equilíbrio é fundamental tanto para a prática historiográfica quanto para a educação histórica, garantindo uma compreensão profunda e respeitosa do passado.

Na mesma direção, a participante Patrícia Nogueira, além de confirmar que “Sim”, constata que “a história local tem importância de modo igual, ou até maior do que a história eurocêntrica, por exemplo, estudamos fatos históricos onde os mesmos não fizeram nem fazem parte da nossa trajetória”. Tal como expresso em Macedo (2017) ao perceber, por exemplo, como os processos históricos se desenvolvem em nível local, nas suas conexões com as realidades regionais/nacionais/globais, configura-se, dessa maneira, como um bom caminho para essa desmontagem da

versão eurocêntrica da história. Ao considerarmos, essa percepção, podemos compreender que o estudo da história local contribui para a descolonização do conhecimento histórico e promove a valorização das identidades locais, ao mesmo tempo que enriquece a compreensão dos processos históricos em uma escala mais ampla.

4.3.4 Que tipo de informações ou atividades você acharia mais relevantes em um Caderno de Atividades sobre os festejos religiosos em Caxias, Maranhão?

Com o objetivo de investigar os conteúdos e atividades que deveriam estar no Caderno de Atividades sobre os festejos religioso em Caxias, buscamos identificar quais conteúdos e atividades seriam mais significativos para engajar os alunos e promover uma compreensão mais profunda das tradições locais. As respostas obtidas revelam percepções valiosas sobre a importância de contextualizar as origens dos festejos, utilizar materiais didáticos acessíveis e implementar atividades práticas que estimulem a curiosidade dos estudantes. Para isso, selecionamos algumas respostas, que mais se destacaram.

No primeiro grupo de respostas, separamos as que optam para que o caderno reporte sobre a origem e Relevância dos Festejos:

Helena Martins: “Ressaltar as origens da festa, que tipo de sociedade a produziu, a relevância de estudar esse conteúdo”.

Patrícia Nogueira: “A origem dos festejos. Quem iniciou e com qual objetivo”.

As respostas de Helena e Patrícia destacam a importância de ressaltar as origens dos festejos e a sociedade que os produziu. Essa preocupação com a origem remete à ideia de que os festejos religiosos são fundamentais para a construção da identidade coletiva. Segundo Bittencourt (2011, p. 45), “[...] as festas são expressões culturais que revelam as raízes históricas e sociais de uma comunidade”. Assim, compreender as origens dos festejos é essencial para o ensino da história local.

Já no segundo grupo, as respostas sugerem que o material didático apresente linguagem acessível e atividades práticas para auxiliar em sala de aula:

Renata Campos: “Um material auxiliar com uma linguagem acessível, lúdica e com ilustrações, fotografias e questionamentos, e como uma boa fundamentação teórica”.

Renata sugere um “material auxiliar” que utilize uma linguagem acessível e lúdica. Essa abordagem é corroborada por Nora (1993, p. 12), que afirma que “[...] a memória coletiva deve ser acessível e compreensível para todos os membros da sociedade”. A utilização de uma linguagem lúdica e ilustrativa pode facilitar a conexão dos alunos com o tema, tornando o aprendizado mais significativo.

Gustavo Pereira: “Atividades mais práticas que despertem a curiosidade dos alunos”.

Essa sugestão está alinhada com a visão de Pellegrini (2009, p. 78), que defende que “[...] atividades práticas são essenciais para engajar os alunos e promover uma aprendizagem ativa”. A prática não apenas estimula o interesse dos alunos, mas também permite que eles vivenciem a cultura local de forma mais direta. As sugestões apresentadas destacam a necessidade de um material didático que aborde as origens dos festejos, utilize uma linguagem acessível e promova atividades práticas. Essas diretrizes podem contribuir significativamente para o ensino da história local, enriquecendo a formação dos alunos.

4.3.5 Os festejos religiosos como expressão da identidade e memória coletiva caxiense – a elaboração do Caderno de Atividades

O Caderno de Atividades “Os Festejos Religiosos como Expressão da Identidade e Memória Coletiva” foi concebido com diretrizes e recomendações que visam facilitar a integração dos conteúdos sobre os festejos religiosos no ensino de História. Os professores foram questionados sobre a utilidade desse material e incentivados a sugerir conteúdos e atividades que considerassem relevantes. A coleta de dados foi projetada para garantir que o caderno não apenas atendesse às necessidades curriculares, mas também fosse uma ferramenta eficaz para o aprendizado dos alunos.

O caderno é dividido em quatro seções, cada uma dedicada a um dos festejos mencionados. Essa estrutura permite um aprofundamento específico em cada evento, abordando sua importância histórica, tradições envolvidas e sua relação com a cultura

e identidade local. A proposta é que os professores utilizem o terceiro capítulo da dissertação como referência, pois ele contém informações detalhadas que enriquecerão as atividades propostas.

Além da habilidade específica do 9º ano do Ensino Fundamental que propõe (EF09HI08): Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI36): Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência. Contribuir para formação da Competência de História nº 4: Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos e sustentáveis. O Caderno de Atividades ficou dividido da seguinte maneira:

Na elaboração da Seção 1, o caderno aborda o festejo de São Sebastião. As respostas dos professores consultados revelaram a importância de abordar as origens dos festejos, contextualizar suas raízes históricas e utilizar materiais didáticos acessíveis com atividades práticas, seguindo a seguinte ordem:

1 Pesquisa Histórica

Escolhi iniciar com a pesquisa histórica sobre a vida de São Sebastião e a devoção em Caxias porque, conforme apontado por Helena Martins e Patrícia Nogueira, é essencial que os alunos compreendam a origem dos festejos e a sociedade que os produziu. Como Bittencourt (2011) afirma, conhecer as raízes históricas de uma celebração permite uma compreensão mais profunda da identidade coletiva e de como essas tradições moldam o presente. A pesquisa oferece uma oportunidade para que os alunos utilizem diversas fontes e compartilhem suas descobertas, estimulando o pensamento crítico e a colaboração.

2 Criação de um Documentário

A proposta de criar um documentário foi escolhida com base nas sugestões de Renata Campos sobre a utilização de materiais didáticos acessíveis e lúdicos. Renata destacou a importância de trabalhar com recursos visuais e interativos, que facilitam o entendimento dos estudantes. Além disso, a criação de um documentário engaja os alunos em atividades práticas, como sugerido por Gustavo Pereira, proporcionando uma experiência imersiva na qual eles documentam a relevância cultural e histórica do festejo de São Sebastião, promovendo o protagonismo estudantil e o aprendizado ativo (Pellegrini, 2009).

3 Debate sobre Mística e Espiritualidade

Escolhi o debate sobre a mística e a espiritualidade, particularmente no contexto da pandemia, pois ele estimula os alunos a refletirem sobre como as tradições religiosas foram adaptadas em tempos de crise. Essa atividade permite que os alunos explorem a resiliência cultural da comunidade, como observado na suspensão do festejo em 2021. Além disso, o debate promove o pensamento crítico ao conectar as experiências locais com o conceito de mística religiosa de Michel de Certeau (2021), desenvolvendo uma análise mais profunda e crítica da vivência religiosa em Caxias.

4 Roteiro Cultural

A criação de um roteiro cultural conecta a devoção a São Sebastião a outros locais históricos e culturais em Caxias. Esta atividade foi escolhida porque combina a importância de valorizar o patrimônio imaterial local, como sugerido pelas respostas dos professores, com uma abordagem prática que permite aos alunos vivenciar e experimentar o conhecimento adquirido. Visitar locais importantes e relacioná-los à devoção a São Sebastião amplia a compreensão dos alunos sobre como a fé e a cultura estão profundamente enraizadas na história e identidade de Caxias.

Na elaboração da Seção 2, parte da sequência sobre o festejo de São Benedito, justificada com base no levantamento feito com professores, considerando a relevância de práticas educativas que integrem a história local, a cultura, e as

experiências dos alunos em uma abordagem prática e interdisciplinar. A seguir, apresento a justificativa para cada atividade:

1 Roda de Conversa

A roda de conversa foi escolhida como uma estratégia inicial para promover a participação ativa dos alunos, permitindo que compartilhem suas experiências pessoais e reflexões sobre o festejo de São Benedito. Segundo os professores entrevistados, essa metodologia favorece o envolvimento dos alunos, pois muitos possuem vivências familiares com os festejos. Essa abordagem contribui para a construção de um conhecimento colaborativo, sendo importante para criar uma conexão emocional e identitária com o tema, além de facilitar a exploração de aspectos econômicos, sociais e culturais da festividade. A atividade, portanto, aproxima o conteúdo da realidade dos alunos, gerando engajamento e senso de pertencimento.

2 Projeto de Pesquisa

A escolha do projeto de pesquisa colaborativo foi motivada pela necessidade de desenvolver, com os alunos, habilidades de investigação e análise crítica, conforme indicado pelos professores. Essa prática integra elementos teóricos e práticos, incentivando a pesquisa de campo, entrevistas com membros da comunidade e a análise documental. A atividade permite que os alunos explorem de forma profunda a relação entre as festividades e a economia local, além de refletirem sobre as divisões sociais e a influência da cultura dominante em Caxias. Essa metodologia atende à necessidade de trabalho interdisciplinar apontada no questionário, envolvendo habilidades de leitura, escrita, e pesquisa histórica.

3 Criação de um Guia Turístico

A criação de um guia turístico sobre os festejos religiosos foi escolhida para fomentar a criatividade e o trabalho em grupo entre os alunos, além de aproximar a temática das festividades com o campo do turismo, o que contribui para o desenvolvimento econômico local. Os professores destacaram a importância de criar

produtos educativos que conectem os conteúdos à vida prática, sendo o guia turístico uma maneira de levar o conhecimento dos alunos para fora da escola, alcançando a comunidade e turistas. Ao incluir elementos visuais e práticos (como mapas e sugestões de roteiros), essa atividade motiva os alunos a desenvolverem materiais aplicáveis e úteis.

4 Exposição Cultural

A exposição cultural foi escolhida para incentivar os alunos a interagirem com o patrimônio imaterial de Caxias, valorizando a história e a memória das festividades de São Benedito. Segundo os professores, atividades que envolvem a curadoria de itens culturais e a montagem de exposições despertam o interesse dos alunos, principalmente ao conectarem aspectos visuais e concretos, como roupas, fotografias e objetos de culto, ao conteúdo teórico discutido em sala. A exposição também proporciona uma oportunidade de integração com a comunidade local, criando um espaço de aprendizado colaborativo e de preservação da memória coletiva.

Na elaboração da Seção 3: aborda o festejo de Santo Antônio. A escolha das atividades propostas no caderno sobre os festejos religiosos em Caxias é fundamentada na importância de contextualizar o conteúdo e estimular o aprendizado ativo e significativo para os alunos, segundo a opinião dos professores pesquisados. Sendo assim, essa seção ficou distribuída da seguinte forma:

1 Oficina de Tradições e Memórias do Festejo de Santo Antônio

Esta atividade é diretamente ligada à sugestão de Helena Martins e Patrícia Nogueira, que destacam a importância de contextualizar a origem e relevância dos festejos. A oficina oferece uma oportunidade prática para os alunos compreenderem as raízes históricas e culturais do Festejo de Santo Antônio, alinhando-se à ideia de Bittencourt (2011) de que festas são expressões culturais que revelam as raízes históricas de uma comunidade.

2 Projeto de História Oral e Memória Coletiva

A ideia de um projeto de história oral, que sugerimos, está fortemente relacionada à preocupação de preservar a memória coletiva, conforme sugerido por Renata Campos, que ressaltou a necessidade de um material acessível e fundamentado teoricamente. A proposta do projeto de história oral reflete o uso de uma linguagem acessível e de atividades que permitam aos alunos participarem ativamente do processo de construção do conhecimento histórico, como sugerido por Pellegrini (2009).

3 Roda de Conversa e Criação de Álbum Comunitário

A roda de conversa e a criação de um álbum comunitário complementam a proposta de envolver a comunidade e valorizar suas memórias. Essas atividades reforçam a importância de promover um espaço de diálogo, como enfatizado por Renata Campos, ao utilizar uma abordagem lúdica e interativa. Além disso, a criação do álbum proporciona um legado tangível, como sugerido por Gustavo Pereira, que propõe atividades práticas que resultem em produtos visíveis e envolvam os alunos na construção do conhecimento.

Na elaboração da seção 4, as atividades propostas sobre o festejo de Nossa Senhora de Nazaré estão diretamente fundamentadas nas respostas obtidas que revelaram a relevância dos conceitos de patrimônio cultural, memória coletiva, identidade cultural e história local no ensino de História. A seguir, apresento a justificativa para cada atividade:

1 Atividade Prática: A Igreja Nossa Senhora de Nazaré e a História de Caxias

Essa atividade é coerente com as respostas do questionário, especialmente aquelas que destacam a importância de se trabalhar o patrimônio cultural e a história local. Conforme citado por participantes como Carlos Mendes e Mariana Monteiro, é essencial que os alunos compreendam a importância dos festejos religiosos e dos monumentos históricos, como a Igreja Nossa Senhora de Nazaré, na formação da identidade local e no fortalecimento da memória coletiva. A atividade busca explorar como esse espaço religioso molda a identidade de Caxias, abordando diretamente os conceitos de patrimônio e memória coletiva citados por Bittencourt (2008) e Macedo

(2017). A proposta de pesquisa em grupo e a criação de um mapa histórico também reforçam a interação dos alunos com o espaço físico e simbólico da cidade, promovendo uma educação patrimonial ativa.

2 Atividade de Criação: Cartaz ou Apresentação sobre o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré

A atividade de criação de um cartaz ou apresentação sobre o festejo de Nossa Senhora de Nazaré reflete diretamente a importância da memória coletiva e identidade cultural, temas recorrentes nas respostas dos professores no questionário. A proposta permite que os alunos explorem o impacto cultural e social do festejo ao longo do tempo, ajudando-os a compreender sua evolução e sua relevância para a comunidade caxiense, conforme mencionado pelos participantes do questionário.

3 A atividade “Debate sobre Religiosidade, Cultura e Identidade”

Centrada no festejo de Nossa Senhora de Nazaré, essa atividade é justificada pelas contribuições dos professores que enfatizam a importância de contextualizar as origens dos festejos e utilizar materiais didáticos acessíveis. Respostas como as de Helena Martins e Patrícia Nogueira destacam a necessidade de explorar as raízes históricas dos festejos, o que permite aos alunos compreenderem como essas tradições moldam a identidade cultural local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo investigar como os festejos religiosos podem colaborar com o processo de ensino-aprendizagem de História, especialmente na perspectiva da identidade cultural, da memória coletiva e do patrimônio imaterial em Caxias (MA). Ao longo do trabalho, foi possível compreender que os festejos religiosos tradicionais da cidade, como o de São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora de Nazaré e Santo Antônio, são mais do que celebrações religiosas, eles constituem expressões vivas da história e da cultura local, contribuindo significativamente para a formação da identidade cultural da comunidade.

A pesquisa revelou que a integração desses festejos no contexto educacional

pode ser uma ferramenta poderosa para a valorização do patrimônio imaterial e para o fortalecimento da memória coletiva dos alunos. O Caderno de Atividades desenvolvido como produto educacional desta pesquisa propõe diretrizes e recomendações para que os professores possam explorar esses eventos em sala de aula, conectando os conteúdos curriculares com a realidade cultural dos alunos.

A revisão de literatura evidenciou que o ensino de história local vai além da mera transmissão de conteúdos históricos. Ele se configura como uma ferramenta essencial para a construção de uma consciência crítica e cidadã, ao aproximar os estudantes de suas realidades locais e permitir que eles reconheçam a importância do patrimônio cultural imaterial em suas vidas. A partir das contribuições da Escola dos Annales, compreendemos que o lugar é uma construção dinâmica, influenciada pelas interações sociais e pela memória coletiva. Esse entendimento é crucial para a valorização do patrimônio imaterial, pois reforça a ideia de que as tradições e festividades religiosas são parte integrante da identidade cultural das comunidades.

Ao longo do trabalho, discutimos como o ensino de História pode ser uma ferramenta poderosa na preservação e promoção do patrimônio cultural imaterial, contribuindo para o fortalecimento da identidade local e nacional.

Por meio da revisão de literatura, destacamos a importância de uma abordagem educacional que vai além da transmissão de conhecimento histórico, incorporando elementos do patrimônio cultural imaterial nas práticas pedagógicas. O ensino de história local, como vimos, permite uma conexão mais íntima entre os alunos e o seu entorno, promovendo uma compreensão mais profunda de como os eventos globais e nacionais impactaram as comunidades locais.

A valorização do patrimônio cultural imaterial, especialmente os festejos religiosos, se mostrou fundamental na preservação e promoção da memória coletiva em Caxias. Esses elementos culturais não apenas conectam a comunidade ao seu passado, mas também desempenham um papel vital na formação da identidade local, fortalecendo o senso de pertencimento e continuidade entre as gerações. A memória coletiva, conforme discutida ao longo deste trabalho, vai além de um simples registro histórico; ela se constitui como uma construção social que reflete as interpretações e significados que uma sociedade atribui ao seu passado.

A partir das análises das obras de autores como Rusen (2015), Cuche (1999), Hall (2016) e Pollak (1992), compreendemos que a identidade não é um conceito fixo, mas sim dinâmico, moldado pelas interações sociais, experiências históricas,

tradições e narrativas compartilhadas. O ensino de História oferece uma lente por meio da qual os estudantes podem explorar as raízes dessas identidades, permitindo uma maior compreensão de sua própria cultura e das influências externas que a moldam.

O estudo dos festejos religiosos, como exemplificado nesta pesquisa, ilustra claramente como essas tradições são mais do que simples celebrações; elas são manifestações vivas da memória coletiva e da identidade cultural. Essas festas, enraizadas em sincretismos religiosos e histórias compartilhadas, desempenham um papel vital na coesão social e na afirmação das identidades locais e nacionais. Ao incorporar esses elementos no currículo de História, os educadores não apenas ensinam sobre o passado, mas também contribuem para a preservação e valorização do patrimônio cultural imaterial, essencial para a continuidade das tradições e para o fortalecimento do senso de pertencimento entre as gerações.

Além disso, a globalização e a crescente interconexão entre diferentes culturas tornam a construção da identidade um desafio contemporâneo, exigindo uma navegação cuidadosa entre particularidades locais e influências globais. Nesse contexto, o ensino de História, ao abordar a identidade cultural e o patrimônio imaterial, proporciona aos estudantes as ferramentas necessárias para entender essa complexidade e para desenvolver uma identidade que reconheça tanto as especificidades culturais locais quanto a humanidade compartilhada.

Apesar das contribuições, este estudo apresenta algumas limitações. A análise dos festejos religiosos se limitou a quatro celebrações específicas e a um recorte geográfico restrito à cidade de Caxias. Além disso, a pesquisa focou apenas no Ensino Fundamental, deixando em aberto a possibilidade de explorar a temática em outras etapas da educação básica. Essas limitações indicam a necessidade de estudos futuros que possam expandir a análise para outros contextos culturais e educacionais.

Ao longo desta dissertação, foram adotados caminhos metodológicos cuidadosamente planejados para investigar a contribuição dos festejos religiosos no processo de ensino-aprendizagem de História, com foco na identidade cultural, memória coletiva e patrimônio imaterial de Caxias. A pesquisa se pautou em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com o objetivo de explorar as narrativas e significados atribuídos aos festejos religiosos pelos professores de História da rede municipal.

A escolha por uma metodologia qualitativa permitiu uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados, considerando o contexto natural em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos. Isso possibilitou que as percepções dos professores sobre a integração dos festejos religiosos no ensino de História fossem capturadas de maneira rica e detalhada, oferecendo insights valiosos para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes e contextualizadas.

A pesquisa envolveu análise bibliográfica e aplicação de questionário aos professores da rede municipal. A primeira etapa foi essencial para contextualizar o tema, reunindo dados secundários sobre os festejos religiosos de Caxias e explorando estudos anteriores que abordam a interseção entre ensino de História e cultura local. A segunda etapa foi fundamental para captar as percepções dos docentes, permitindo uma análise detalhada de como os festejos religiosos são abordados no currículo escolar e quais desafios são enfrentados na sua integração ao ensino.

Os resultados obtidos revelam que os festejos religiosos em Caxias vão além de meras celebrações religiosas, desempenhando um papel crucial na preservação da identidade cultural e na manutenção da memória coletiva da comunidade. A maioria dos professores participantes da pesquisa reconhece a importância de integrar esses eventos ao ensino de História, destacando que essa abordagem pode fortalecer o vínculo dos alunos com sua história local e promover uma maior valorização do patrimônio imaterial.

A elaboração do Caderno de Atividades, um dos produtos educacionais derivados desta pesquisa, foi pensada a partir da opinião dos docentes, que identificaram essa ferramenta como um recurso valioso para orientar a integração dos festejos religiosos no ensino de História. As sugestões dos professores sobre os conteúdos e atividades a serem incluídos no caderno refletem as necessidades reais do contexto educacional local, garantindo que o material desenvolvido seja relevante e aplicável nas salas de aula de Caxias.

Apesar das contribuições significativas deste estudo, é importante reconhecer algumas limitações. A pesquisa se concentrou em um recorte geográfico específico e em um grupo delimitado de docentes, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras regiões ou contextos educacionais. Além disso, a pesquisa focou exclusivamente no Ensino Fundamental, deixando em aberto a possibilidade de explorar a temática em outros níveis de ensino.

Para futuras pesquisas, sugere-se a expansão do estudo para outras regiões do Maranhão ou para outras festividades culturais que também possam ser integradas ao ensino de História. Além disso, seria interessante investigar como os festejos religiosos e outras manifestações culturais podem ser abordados em diferentes etapas da educação básica, contribuindo para a construção de uma identidade cultural mais robusta e inclusiva desde os primeiros anos de escolarização.

Por fim, este trabalho reafirma a importância de políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio cultural imaterial e a necessidade de uma maior integração entre educação e cultura. O reconhecimento e a valorização das manifestações culturais locais são essenciais para a construção de uma sociedade plural e respeitosa das diversas identidades que compõem o Brasil. Ao fortalecer a relação entre o ensino de História e o patrimônio cultural imaterial, estamos não apenas preservando o passado, mas também construindo um futuro mais inclusivo e consciente de sua riqueza cultural.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: Significados do festejar, no país que “não é sério”. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Festejo de São Benedito**. Disponível em: <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-benedito-o-o-negro>. Acesso em 23/03/2024. Acesso em: 17 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS NETO, Eziqio. **Por ruas e becos de Caxias – História e descrição dos logradouros públicos de sua área urbana**. Caxias: Multigrafi, 2020.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROS, José D’Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BITTENCOURT, André. **Festas religiosas e identidade cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BOMFIM, Terezinha de Jesus Coimbra Lopes. Festejo Religioso de São Benedito em Caxias – MA na década de 1990, transformações e possibilidades. In: MELO, Salânia Maria Barbosa; SOUSA, Joana Batista de; SALAZAR, Denise Cristina da S. C. (Org.). **Entre tempos e histórias do Maranhão**. Caxias, MA: EDUFPI, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Produção Técnica. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/novo_portal/documentos/DAV/avaliacao/10062019_Produ%C3%A7%C3%A3o-T%C3%A9cnica.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf) .pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Curricular do Território Maranhense**: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

BRASIL. Regimento Geral do ProfHistória. **Portal PROFHISTORIA**, publicado em: 06 abr. 2020. Disponível em: <http://site.profhistoria.com.br/documentos-2/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de. **O lugar do outro**: história religiosa e mística. Petrópolis: Vozes, 2021.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 5. ed. São Paulo: UNESP, 2006.

CHUVA, Márcia. Patrimônio cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. *In*: DUARTE, Alice (Ed.). **Seminários DEP/FLUP**, v. 1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020. p. 16-35.

COUTO, Bruno. Arquivo Caxias. **Sálvio Negreiros, o caxiense que foi um dos maiores ilustradores do Brasil**. Caxias, MA. 25 jul. 2021. Disponível em: <https://arquivocaxias.com.br/category/caxienses-ilustres/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

COSTA, Elza Marinho Lustosa. Ritos e procissões, capital simbólico e dominação das irmandades religiosas. **Revistas de História e Estudos Culturais**, v. 3, n. 3, ano III, 2006.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular. *In*: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

COUTINHO, Milson. **Caxias das Aldeias Altas**: subsídios para uma história. 2. ed. São Luís: Prefeitura de Caxias, 2005.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

FRANCO, Francisco Carlos. **Educação, patrimônio e cultura local**: concepções e perspectivas pedagógicas. Curitiba: CRV, 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Coleção Perspectivas do Homem, Volume 48, Série Filosofia. Direção de Moacyr Felix. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Museu Imperial**. Brasília, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HUSEN, Jörn. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Histórico de Caxias**. 2023. Disponível em: <https://cidades-laboratório/Brasil/Ma/caxias/histórico>. Acesso em: 24 abr. 2023.

IPHAN. **Dossiê das Festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó**. Belém: IPHAN, 2010. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4226>. Acesso em: 17/02/2024

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. **Caderno de História**, PUC/MINAS, v. 11, n. 15, 2010. Disponível em: <https://www.pucminas.br/cadernos>. Acesso em: 07 out. 2023.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. De como se constrói uma história local: aspectos da produção e da utilização no ensino de história. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira (Org.). **Reflexões Sobre História Local e Produção de Material Didático**, Natal: EDUFRN, 2017, p. 57-81.

MENDES, Gláucia Adriane. **Fazendo a festa**: a representação do festejo de São Benedito como espaço de sociabilidade entre as décadas de 70 a 90. 2012. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC. Caxias, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NADAI, Elza. Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/6, p. 143-162, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, São Paulo, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PELEGRI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PELEGRI, Sandra C. A. Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memórias. *In*: Encontro de História da Arte, Campinas, 2007. **Anais [...]**, Campinas, 2007.

PEREIRA, Antônio Francisco Coutinho; BOMFIM, Terezinha de Jesus Coimbra Lopes. **Festejos Religiosos em Caxias-MA dos anos 1980-2000**: festas, memórias e identidades. Instituto de Ensino Superior Franciscano/MA, 2010.

PESSOA, Jordania Maria. **Entre a tradição e a modernidade**: A belle époque caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. Imperatriz: Ética, 2009.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

REIS, João José. **A morte é uma festa (Nova edição)**: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. **Fragmentos da memória**: contribuições à história da cidade de Caxias do Maranhão. São Leopoldo: UNISINOS, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **De Casa**: Fé, Crenças e Festas de Cada Dia. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SOUZA, Joana Batista de. **Educação patrimonial**: passados possíveis de se preservar em Caxias, Maranhão. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

SOUZA, Joana Batista de; MELO, Salânia. Festejar e rezar: a memória da caminhada de São Sebastião em Caxias MA, entre o sagrado e o profano. *In*:

MELO, Salânia Maria Barbosa; SOUZA, Joana Batista de; SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campos. **Caxias**: memórias, histórias e outros saberes. Teresina: EDUFPI, 2016.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. A educação patrimonial no ensino de história. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23651>. Acesso em: 27 jun. 2023.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio imaterial. *In*: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

ZANIRATO, Sílvia Helena. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. **UNESP – FCLAs – CEDAP**, v. 5, n. 1, p. 137-152, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Google Forms

20/08/2024, 13:26

Pesquisa que visa investigar a relação entre os festejos religiosos tradicionais e o ensino de História, com ênfase na preserv...

Pesquisa que visa investigar a relação entre os festejos religiosos tradicionais e o ensino de História, com ênfase na preservação da identidade e memória coletiva em Caxias, Maranhão.

Prezado(a) Professor(a) de História,

Espero que esta mensagem o(a) encontre bem. Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa importante que visa analisar as opiniões e percepções dos professores de História em relação aos festejos religiosos e seu impacto no ensino de História na região de Caxias, Maranhão. Sua contribuição é essencial para compreender qual relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias (MA) e o processo de ensino aprendizagem da história local. Suas opiniões e experiências são valiosas e ajudarão a aprimorar a qualidade do ensino e aprofundar o entendimento dessa relação.

Este questionário faz parte de um projeto de pesquisa que visa investigar a relação entre os festejos religiosos tradicionais e o ensino de História, com ênfase na preservação da identidade e memória coletiva, bem como no resguardo do patrimônio local em Caxias, Maranhão.

O questionário é composto por perguntas de múltipla escolha e algumas questões abertas, o que permitirá que você compartilhe suas opiniões de forma aberta e honesta. Suas respostas serão mantidas em sigilo e usadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Agradecemos antecipadamente por sua participação. Sua colaboração é fundamental para o sucesso desta pesquisa. Se desejar receber os resultados da pesquisa após sua conclusão, por favor, forneça seu endereço de e-mail ao final do questionário.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no estudo acima descrito.

Caxias Maranhão 13 de maio de 2024.

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim, concordo!

IDENTIFICAÇÃO DO PERFIL DO PARTICIPANTE

4.

Informações Gerais:

Nome do participante (opcional):

5. Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

☐ De 18 a 22 anos

☐ De 23 a 27 anos

☐ De 28 a 32 anos

☐ De 33 a 37 anos

☐ De 38 a 42 anos

☐ De 43 a 47 anos

☐ De 48 a 52 anos

☐ De 53 a 57 anos

☐ Mais de 58 anos.

6. Tempo de experiência como professor(a) em Caxias, Maranhão: **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ De 1 a 5 anos
- ☐ De 6 a 10 anos
- ☐ De 11 a 15 anos
- ☐ De 16 a 20 anos
- ☐ De 21 a 25 anos
- ☐ Acima de 26 anos

7. Sexo:*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro: _____

8.

*

Nível de ensino em que leciona (selecione todas as opções que se aplicam):*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Educação Infantil
- ☐ Ensino Fundamental
- ☐ Ensino Médio
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Especialização acadêmica

Parte 1: Conceitos e Abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação:

9. **1.1. Você está familiarizado(a) com os conceitos de patrimônio cultural, memória coletiva e identidade local?** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Parcialmente

10. **1.2. Você pensa que esses conceitos podem contribuir para o processo de ensino aprendizagem da história local em Caxias? Como?** *

Parte 2 Abordagem dos Festejos Religiosos Tradicionais na Educação:

11. **2.1. Em sua experiência como professor(a) em Caxias, os festejos religiosos tradicionais são abordados no contexto educacional?** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Parcialmente

12. **2.2. Caso a resposta seja afirmativa, como os festejos religiosos tradicionais são incorporados ao currículo educacional?**

13. **2.3. Você aborda os festejos religiosos tradicionais nas suas aulas? Como? ★**
Enfrenta algum desafio para isso? Qual?

Parte 3: Relação entre Festejos Religiosos e Ensino de História:

14. ★

3.1. Qual é a importância, na sua opinião, da relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias e o processo de ensino aprendizagem da história local?

15. ★

3.2. Você percebe algum impacto positivo na identidade cultural e na memória coletiva dos alunos que participam ativamente dos festejos religiosos tradicionais? Qual?

16. 3.3. Você concorda que o ensino de História local pode contribuir para o resguardo do patrimônio local em Caxias? Como? Por quê?

Parte 4: Elaboração de Caderno de Atividades:

17. 4.1. Quais são os festejos religiosos realizados em Caxias que você mais lembra? Marque quantas alternativas achar necessária *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Festejo de São Benedito
☐ Festejo de São Sebastião
☐ Festejo de Nossa Senhora de Nazaré
☐ Festejo de Santo Antônio
☐ Outro: _____

18. *

4.2. Você consideraria útil um caderno de atividades com diretrizes e recomendações para a integração dos conteúdos sobre os festejos religiosos tradicionais no processo de ensino de História local em Caxias?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

19. Porquê? (Levando em consideração sua resposta na pergunta 4.2) *

20.

*

4.3. Que conteúdos você considera úteis para o material que será elaborado como resultado da pesquisa?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ História das Festas e Celebrações;
- ☐ Cultura e Identidade;
- ☐ História das Religiões;
- ☐ Outro: _____

21.

*

4.4. Que tipo de informações ou atividades você acharia mais relevantes nesse caderno?

Finalização:

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) participante,

1) Convido-lhe a participar do estudo intitulado “Ensino de História em Caxias, Maranhão: Celebrando a Herança Cultural nos Festejos Religiosos – Patrimônio, Memória e Identidade”, que está sendo desenvolvido pela mestrandia Ana Maria da Silva Lima, Matrícula: 4039110, do Programa Mestrado Profissional em Ensino de História do (PROFHISTORIA), na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Parnaíba. O estudo está sob supervisão da Professora Doutora Renata Cristina Cunha, docente do programa.

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você deve assiná-lo em duas vias e receberá uma via do mesmo. Para a realização desta pesquisa você está sendo convidado por ser professor de História no Ensino Fundamental II, da rede municipal de Ensino e, para que seja realizada, é necessário que você responda o questionário em formato digital (Google Forms), através do link de acesso, que será disponibilizado via Whatsapp, no “grupo dos professores de história do município”, a ser respondido livremente e sem a obrigatoriedade de identificação. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens (caso haja algum registro) não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, também disponibilizada em duas vias.

Sobre o estudo

2) O objetivo deste estudo é investigar, junto aos docentes, de que forma os festejos religiosos tradicionais podem colaborar com o processo ensino-aprendizagem da História, na perspectiva da preservação da identidade e memória coletiva e resguardo do patrimônio local na cidade de Caxias, no Maranhão, como objetivos específicos temos: discutir os conceitos de patrimônio cultural, memória coletiva e identidade local na perspectiva do processo ensino-aprendizagem da história local na sala de aula; analisar a relação entre os festejos religiosos tradicionais realizados em Caxias, Maranhão, e o processo de ensino-aprendizagem da História, com foco na preservação da identidade e memória coletiva; identificar os principais festejos religiosos tradicionais que ocorrem na cidade de Caxias e compreender suas origens, significados históricos e relevância para a comunidade local; investigar como os

festejos religiosos tradicionais são abordados no contexto educacional de Caxias, explorando se e como são incorporados ao currículo escolar para enriquecer a compreensão histórica dos alunos; Investigar de que maneira os festejos religiosos tradicionais podem contribuir para a preservação do patrimônio local em Caxias, considerando aspectos tangíveis e intangíveis do patrimônio cultural; propor através do Produto Educacional: Caderno de Atividades, diretrizes e recomendações para uma integração mais efetiva dos festejos religiosos tradicionais no processo ensino-aprendizagem da História, visando à promoção da preservação da identidade, memória coletiva e patrimônio local em Caxias, Maranhão.

3) Este estudo se justifica por compreendermos que os festejos religiosos tradicionais desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural de uma comunidade. Eles refletem tradições, crenças e valores transmitidos de geração em geração, contribuindo para a manutenção da memória coletiva de uma sociedade. Estudar como esses festejos impactam a identidade e memória coletiva em Caxias, no Maranhão, é fundamental para entender como a história local é preservada e transmitida.

4) A estratégia para alcançar o objetivo deste estudo de natureza aplicada será mediante aplicação de questionário em local, data e horário escolhido, em formato digital (Google Forms), através do link de acesso, que será disponibilizado via Whatsapp, no “grupo dos professores de história do município os conjuntamente com os envolvidos (participante e pesquisador), priorizando as opções do participante.

Riscos e Benefícios

5) Convém salientar a importância de se descrever os possíveis riscos da pesquisa, haja vista que, segundo a Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012, do CONEP, os riscos desta pesquisa são considerados mínimos, equivalentes àqueles encontrados na vida cotidiana, e envolvem cansaço ao responder o questionário, constrangimento ao se confrontar com alguma questão sensível ou que exponha alguma fragilidade sua. Para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes providências:

- Você poderá optar por não responder alguma questão ou interromper sua participação momentaneamente e retomá-la posteriormente, se assim o desejar, ou abandonar a pesquisa sem qualquer prejuízo. Além disso, os questionários são

anônimos e os dados serão tratados de forma agregada, não permitindo a sua identificação individual.

- Ainda assim, caso algum constrangimento ou desconforto ocorra, você deverá contatar a pesquisadora pelo telefone e/ou e-mail informados no final deste documento para que a providência adequada seja tomada.

6) Como benefício aos participantes entrevistados, visualiza-se que um estudo dessa natureza pode contribuir para inovação de estratégias e utilização de novos recursos, tanto cultural quanto tecnológico, que podem ser adotados pelos professores de História para o ensino de história local, amenizando as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Os participantes ainda terão acesso ao Produto Educacional “Caderno de atividades”, diretrizes e recomendações para uma integração mais efetiva dos festejos religiosos tradicionais no processo ensino-aprendizagem da História, visando à promoção da preservação da identidade, memória coletiva e patrimônio local em Caxias, no Maranhão. Notadamente, a aproximação pedagógica permitiria ainda conhecer as limitações dos alunos e despertar novas estratégias pedagógicas que possam promover o maior interesse pelos conteúdos propostos e também pelo fato de despertar nos discentes a aquisição de conhecimento de modo heterogêneo de acordo com as suas limitações e afinidades.

7) De acordo com o previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, o participante não receberá qualquer tipo de pagamento financeiro por sua participação neste estudo. Da mesma forma, este estudo não tem custos para o participante. Mesmo assim, assegura-se total ressarcimento e indenização ao participante para qualquer custo que venha a ter devido a sua participação na pesquisa.

8) É garantido a você, participante, o sigilo. Assim, os dados obtidos no questionário serão manuseados somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em encontros, revistas científicas, etc., porém, serão mostrados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade. Também, os dados coletados serão guardados pelo prazo de cinco anos, no mínimo, pelo pesquisador. Participação, recusa e direito de se retirar do estudo.

9) Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar; podendo retirar-se desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Por fim,

10) A qualquer tempo, o Comitê de Ética pode ser consultado para esclarecer dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa. Endereço do Comitê de Ética: Reitoria da Universidade Estadual do Piauí: Av. Nossa Sra. de Fátima, s/n – Nossa Sra. de Fátima, Parnaíba – PI, 64202 Endereço-220.

11) Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para os responsáveis por este estudo:

- Mestranda: Ana Maria da Silva Lima, Telefone (99) 98808-0448 – e-mail: aanamariadaslima@aluno.uespi.br.
- Orientadora: Renata Cristina Cunha, Telefone (86) 99977-2239 – e-mail: renatacristina@phb.uespi.br.

Considerando, que fui informado (a) do objetivo e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos, inclusive imagens (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento. Também, afirmo que me foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no estudo acima descrito.

Caxias Maranhão 13/05/2024

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____ RG _____ CPF _____
_____ abaixo assinado (a) concordo em participar do estudo “Ensino de História em Caxias, Maranhão: Celebrando a Herança Cultural nos Festejos Religiosos - Patrimônio, Memória e Identidade”, como participante. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Renata Cristina da Cunha sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Caxias Maranhão, 13/05/2024

ANEXOS

ANEXO 1: DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
SEMECT

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Caxias – MA, 30 de outubro de 2023.

Eu, Profa. Msc. Ana Célia Pereira Damasceno de Macedo, declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado ENSINO DE HISTÓRIA EM CAXIAS (MA): celebrando a herança cultural nos festejos religiosos – patrimônio imaterial, memória coletiva e identidade cultural, sob a responsabilidade do(s) pesquisador (es) Prof^o. Dr^a. Renata Cristina Cunha e Ana Maria da Silva Lima que a Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia – SEMECT, conforme Resolução CNS/MS 466/12, assume a responsabilidade de fazer cumprir os Termos da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99, 303/2000, 304/2000, 340/2004, 340/2005 e 347/2005), viabilizando a produção de dados da pesquisa citada, para que se cumpram os objetivos do projeto apresentado.

Esperamos, outrossim, que os resultados produzidos possam ser informados a esta instituição por meio do Relatório anual enviado ao CEP ou por outros meios de praxe.

De acordo e ciente,



Profa. Msc. Ana Célia Pereira Damasceno de Macedo
Secretaria Municipal de Educação, Ciências e Tecnologia

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - SEMECT
CNPJ: 18.523.131/0001-52
Site: www.caxias.ma.gov.br E-mail: semect@caxias.ma.gov.br
Praça do Pantufex, 600, Centro, CEP: 65.004-090
Caxias – MA